

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Gláucio Anacleto de Almeida

“Ai, ai, aidê, quero saber como vai você”: Sentidos e percepções de capoeiristas educadoras sobre suas práticas na educação das infâncias

Juiz de Fora
2023

Gláucio Anacleto de Almeida

“Ai, ai, aidê, quero saber como vai você”: Sentidos e percepções de capoeiristas educadoras sobre suas práticas na educação das infâncias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientador: Dr/a. Ana Rosa Picanço Moreira

Coorientador: Dr. Francione Oliveira Carvalho

Juiz de Fora

2023

Almeida, Gláucio Anacleto de.

"Ai, ai, aidê, quero saber como vai você": sentidos e percepções de capoeiristas educadoras sobre suas práticas na educação das infâncias / Gláucio Anacleto de Almeida. -- 2023.

112 p.

Orientadora: Ana Rosa Picanço Moreira

Coorientador: Francione Oliveira Carvalho

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Ensino de Capoeira. 2. Educadoras capoeiristas. 3. Educação infantil. I. Moreira, Ana Rosa Picanço, orient. II. Carvalho, Francione Oliveira, coorient. III. Título.

Gláucio Anacleto de Almeida

"Ai, ai, Aidê, quero saber como vai você": sentidos e percepções de capoeiristas educadoras sobre suas práticas na educação das infâncias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Aprovada em 14 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Ana Rosa Picanço Moreira - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Francione Oliveira Carvalho - Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Julvan Moreira de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Diego dos Santos Reis
Universidade Federal da Paraíba

Juiz de Fora, 14/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Rosa Costa Picanco Moreira, Professor(a)**, em 19/12/2023, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diego dos Santos Reis, Usuário Externo**, em 19/12/2023, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francione Oliveira Carvalho, Chefe de Departamento**, em 19/12/2023, às 19:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julvan Moreira de Oliveira, Professor(a)**, em 20/12/2023, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1575807** e o código CRC **DFDB2FE9**.

AGRADECIMENTOS

A melhor forma de agradecimento é a preservação do legado.

Por isso, citarei nominalmente apenas algumas pessoas mais diretamente ligadas a esse trabalho, mas sou grato a todos que de alguma forma cruzaram meus tortuosos caminhos pela Capoeira e conseqüentemente também pela minha vida. Cada pessoa com quem convivi me permitiu aprender algo novo e chegar até aqui. Sigo tentando estar à altura do que esses encontros me proporcionaram.

À minha Trindade Divina: Vandinha, Vó Inda e Tia Alzira, que deram de si o melhor para mim até o fim de suas vidas. Que eu possa de alguma forma perpetuar a riqueza de ter sido o filho, o neto e o sobrinho a quem vocês tanto se dedicaram.

À Alessandra, Clara e Alice, minha esposa e filhas, as mulheres que me acompanham e me ajudam a ser melhor.

Às mulheres que na realização dessa pesquisa me deram o privilégio de conhecer suas histórias de forma tão generosa e verdadeira. Tentei ser fiel às suas palavras e retratar cuidadosamente tudo aquilo que vocês me passaram. Espero que o resultado seja satisfatório pra vocês e as motive a seguir. O trabalho de vocês é inspirador.

“A vida é feita de escolhas e conseqüências” e a paternidade é uma dessas escolhas. Meu pai, obrigado por ter me escolhido, eu escolho seguir com você até o fim.

Guilherme “Preguiça”, a vida nos fez irmãos e eu sempre me pergunto se fiz por merecer tanto. Você é luz no meu caminho há três décadas. Obrigado por sempre acreditar em mim! Nossos encontros aumentam minha potência de agir!

Antônio Carlos, meu querido irmão, quem me inspira na aventura da docência e me encanta pela paixão que nutre por essa terra que um dia ainda há de trata-lo com toda a deferência que você merece. “*Tá no vidrinho*”.

Thiago, sem a sua ajuda, esse mestrado não teria acontecido. Obrigado, camará!

Aos meus orientadores, Ana Rosa e Francione, a gratidão pela confiança, incentivo e principalmente pela liberdade que me deram para a realização dessa pesquisa, tentei exercê-la *sartreanamente* com a responsabilidade que lhe é conseqüente.

Por fim, agradeço à Capoeira, minha grande escola, e ao berimbau, meu companheiro de jornada.

*Quem dera
Pudesse todo homem compreender, oh mãe, quem dera
ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser*
(Super-homem, a canção – Gilberto Gil)

À Vandinha, minha mãe

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado está vinculada à linha de pesquisa “Discursos, Práticas, Ideias e Subjetividades em Processos Educativos” do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, e tem o objetivo de conhecer as percepções das capoeiristas educadoras sobre a sua inserção e prática com crianças pequenas na escola de Educação Infantil. Nas últimas décadas, tem havido um crescimento expressivo de mulheres e crianças na prática da Capoeira, que é vista como um jogo que mistura luta, dança e elementos rituais. O estudo está assentado na abordagem histórico-cultural de Lev Vigotski. A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza para a produção dos dados empíricos a entrevista semiestruturada realizada com duas capoeiristas educadoras. O roteiro de entrevista abarca os seguintes aspectos: (1) motivação; (2) formação; e (3) atuação. Acredita-se que esse estudo possa contribuir na formação de capoeiristas educadoras com crianças pequenas quanto para a ampliação dos estudos no campo da Educação Infantil.

Palavras-chave: Ensino de Capoeira. Educadoras Capoeiristas. Educação Infantil.

ABSTRACT

This research, in a master`s degree level, is localized in the research line "Discourses, Practices, Ideas and Subjectivities in Educational Processes" of the Graduate Program in Education at the Federal University of Juiz de Fora. Its aim is to understand the perceptions of female Capoeira practitioners who are educators regarding their integration and practice in children's education. In the last decades, there has been an expressive growth of women and children in the Capoeira practice, which is seen as a game that blends fight, dance, and ritual elements. This study is based on the historical-cultural approach developed by Lev Vygotsky. This research is qualitative in nature and uses a semi-structured interview to produce empirical data with two female Capoeira educators. The interview script covered the following aspects: (1) motivation; (2) training; and (3) performance. It is believed that this study can contribute to the training of female Capoeira practitioners who are educators in childhood, as well as to the expansion of studies in the field of Early Childhood Education.

Keywords: Capoeira teaching. Female Capoeira educator. Early Childhood Education.

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Características das Sujeitas.....	P.57
---	------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNALFA: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage

GRUPAI: Grupo de Estudo e Pesquisa Ambientes e Infâncias

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MIRADA: Grupo de Estudos e Pesquisa Visualidade, Interculturalidade e Formação Docente

PETI: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PNAIC: Programa Nacional de Alfabetização no Idade Certa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ENTRANDO NA RODA.....	Pág. 14
Mulheres na Roda.....	Pág. 20
CAPÍTULO 1: A RODA DAS RAÍZES NEGRAS DA CAPOEIRA E O CONCEITO DE RAÇA.....	Pág. 25
1.1 - Sobre a musicalidade.....	Pág. 34
CAPÍTULO 2: A RODA DO ENSINO DA CAPOEIRA COM CRIANÇAS: ALGUNS APONTAMENTOS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	Pág. 42
2.1 - A Capoeira e suas possibilidades de interlocução.....	Pág. 42
2.2 – Vivência e o ensino de Capoeira com crianças.....	Pág. 47
CAPÍTULO 3: A RODA E O JOGO DAS CAPOEIRISTAS EDUCADORAS.....	Pág. 56
3.1 – Morena: Trajetória inicial no Tocantins.....	Pág. 61
3.2 – Pocahontas: Trajetória inicial no Rio de Janeiro.....	Pág. 63
3.3 - A formação docente de Morena.....	Pág. 67
3.4 – “A Capoeira está sendo usada como um tapa-buraco”	Pág. 68
3.5 - A formação docente de Pocahontas.....	Pág. 70
3.6 – A relação com as infâncias.....	Pág. 73
3.7 - A Capoeira e a aplicação da lei 10.639.....	Pág. 76
3.8 - O cenário em Paraíba do Sul.....	Pág. 77
3.9 – O cenário no Rio de Janeiro.....	Pág. 80
3.10 - A relação entre a formação em Capoeira e a formação acadêmica.....	Pág. 83
3.11 – Relação entre as vivências e a prática docente de Morena e Pocahontas.....	Pág. 84
3.12 – Acompanhamento, trabalho conjunto e relação com os grupos	Pág. 90
3.13 – Como as mulheres se veem na Capoeira no movimento da Capoeira	Pág. 97
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Pág. 100
5. REFERÊNCIAS.....	Pág. 105
6. ANEXO I: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	Pág. 111

1 INTRODUÇÃO: ENTRANDO NA RODA

*Sou capoeira desde menininho...
E eu gingava soltava meia-lua
E plantava bananeira até no meio da rua.
(Mestre Alexandre Batata)*

O estudo que apresento nesta dissertação é fruto de inquietações a respeito da Capoeira que perpassaram minha trajetória de vida levando-me a diversas Rodas¹. Mais recentemente, essas inquietações me trouxeram ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF desafiando-me a entrar numa nova Roda e aprender um novo modo de jogar.

Iniciei a prática de Capoeira aos 11 anos junto com um grupo de amigos de infância em Juiz de Fora, Minas Gerais, no grupo Bonfim, liderado pelo Mestre Pinheiro², onde os treinamentos aconteciam no salão da igreja católica do bairro do mesmo nome, local onde eu morei a maior parte da minha vida.

Naquele momento minha motivação era aprender os movimentos da Capoeira, estar junto dos colegas e jogar nas Rodas, mas não pensava que ali seria o início de uma relação que segue ininterrupta até hoje. O que começou como brincadeira de criança foi se tornando fundamental para a minha saúde física e emocional, para a formação da minha personalidade e hoje, me permite, de alguma forma, retornar à coletividade tudo o que tenho aprendido ao longo de quase quatro décadas de vivência cotidiana em Rodas, aulas e diversos outros projetos.

Mas não foi nessa primeira escola que as minhas vivências ganharam essa dimensão fundamental. Naquele local, eu pude dar meus primeiros passos, mas as relações se revelaram um tanto vazias, os vínculos em sua maioria eram frágeis e não possuíam a vitalidade que me encanta na cultura popular³. Por trás do jogo que acontece na Roda de capoeira e de tudo aquilo que é visível, existem elementos invisíveis aos olhos, mas que são essenciais para nós, capoeiristas, dando sentido à nossa prática e nos mantendo envolvidos e engajados no meio, sentidos esses que são permanentemente atualizados nas vivências interpessoais.

¹ Roda é o espaço circular delimitado pelos praticantes onde se desenvolve o jogo da capoeira. Refere-se ao ritual que permite com que o jogo aconteça.

² José Antônio Pinheiro da Silva, um dos mais antigos capoeiristas da cidade.

³ Refiro-me aqui à Cultura Popular como aquela que parte do corpo situado que se relaciona com o mundo, que precisa da "pertença" para realizar-se, não em oposição a uma cultura letrada, mas que está assentada na oralidade e no culto à transcendência (SODRÉ, 2002, p. 16).

Eu percebia a riqueza da Capoeira em outros ambientes que frequentava, mas não sentia a mesma força no grupo onde eu tinha meu vínculo formal como aluno. Isso me incomodava muito e foi nos poucos livros publicados até então sobre o tema que encontrei algumas respostas e o alento que precisava para seguir praticando e buscando me desenvolver no jogo, na musicalidade e no conhecimento sobre a Capoeira.

Naquela época, além de algumas obras que relatavam uma versão histórica um tanto idealizada da capoeira, tive contato com publicações de conteúdo mais reflexivo e que me provocaram já naquele momento um encantamento ainda maior com as perspectivas de aprendizagem que estavam além da prática do jogo. Foram livros como *O Pequeno Manual do Jogador* (CAPOEIRA, 2002) e *Galo Já Cantou* (CAPOEIRA, 1985) do Mestre Nestor Capoeira (1946) que fizeram a minha cabeça! A partir desses livros, eu comecei a pensar sobre como seria a minha trajetória e traçar meus objetivos sob outras perspectivas. Encontrei nessas obras a reverência autêntica à ancestralidade e apontamentos quanto ao potencial reflexivo da capoeira. Questões muito atuais como a crítica ao sistema capitalista, a crítica aos costumes e às descobertas científicas estavam ali, em meio às temáticas específicas da Capoeira e sua expansão pelo mundo. Isso me despertou uma curiosidade ainda maior e me alertou para o quanto eu ainda precisava aprender para me posicionar coerentemente com a história da Capoeira frente a uma sociedade em um ritmo acelerado de transformações, inclusive dentro da própria manifestação cultural.

Nessa mesma época, decidi dedicar todo o meu tempo ao desafio de trabalhar exclusivamente ensinando Capoeira, e, ao fazer essa escolha, senti a necessidade de buscar mais conhecimentos e melhor qualificação. Ingressei em uma escola de Capoeira da cidade de Belo Horizonte – na época, Capoeira Porto de Minas, liderada pelo Mestre Niltinho⁴ - onde passei a treinar regularmente. Naquele momento eu investia todos os meus recursos financeiros em viagens a Belo Horizonte e também ao Rio de Janeiro onde vivi importantes momentos de aprendizado, sempre em busca de Rodas e cursos, além do investimento nos poucos livros sobre Capoeira editados até então. Essa imersão no universo da Capoeira me possibilitou o convívio com vários mestres e, conseqüentemente, diferentes visões da arte, com diversas escolas e concepções variadas de ensino, práticas e objetivos com a Capoeira.

⁴ Evanildo Lourenço Alves, nascido em Diamantina/MG, radicado em BH e importante referência da Capoeira no Estado e no País.

Estava intensamente envolvido com esse trabalho, ensinando em vários lugares na minha cidade, fazendo intercâmbio com capoeiristas de outras localidades, quando fui convidado pelo meu mestre para acompanhá-lo em uma turnê de apresentações durante seis meses no Japão em 1994. Para isso, foi necessário interromper temporariamente o trabalho e também a faculdade de filosofia recém iniciada. Aceito o convite, tive a oportunidade de, ainda bem jovem, vivenciar uma cultura muito diferente da minha. Mas, apesar da apreensão quanto ao desconhecido, meu processo de adaptação foi rápido e pude desfrutar de um período de grande aprendizado em termos profissionais e também compreender melhor a força da nossa cultura no exterior.

Ao retornar ao Brasil, os trabalhos aumentaram, demandando quase todo o meu tempo e o horizonte da retomada dos estudos, interrompidos pela viagem, foi ficando mais distante. Durante os dez anos seguintes, me dediquei inteiramente a ensinar Capoeira num espaço alugado que eu mantinha no bairro onde cresci desenvolvendo um trabalho social, enquanto ensinava também em escolas públicas, particulares e vários outros projetos.

Retomei a faculdade em 2004 buscando conciliar os estudos com os trabalhos da Capoeira. Minha relação com a Filosofia já vinha da adolescência e o desejo de fazer o curso sempre esteve nos meus planos, mas o primeiro ingresso foi bastante tumultuado em função de uma longa greve dos docentes e logo em seguida me afastei do curso. Quando fui admitido novamente eu sabia que não poderia perder aquela oportunidade e me dediquei com afinco para que tivesse êxito naquele projeto.

Naquele momento a possibilidade de lecionar Filosofia não passava pela minha cabeça, o que eu desejava era conhecer melhor a História da Filosofia e as diversas correntes de pensamento. Nutria também o desejo de cursar o Mestrado em Ciências da Religião (PPCIR/UFJF) pensando em pesquisar algo relacionado à Capoeira ou algum tema ligado à religiosidade afro-brasileira.

Recebi no curso de Filosofia da UFJF uma formação centrada na tradição idealista de pensadores europeus e também desconectada da realidade do ensino de Filosofia na Educação Básica. Não havia disciplinas de Filosofia Africana e autores dessa corrente de pensamento não eram abordados nas disciplinas de História da Filosofia.

Durante o intervalo de dez anos entre o primeiro ingresso e o meu retorno ao curso não houve qualquer mudança nesse quadro. Ao retornar, apesar de encontrar

alguns novos professores, não houve mudança significativa no quadro das disciplinas. Portanto, eu ignorava completamente qualquer produção filosófica fora do cânone que vai dos Pré-Socráticos a Heidegger, passando por Platão, Descartes, Kant e Hegel. Até mesmo os pensadores gregos e europeus de tradição materialista tinham pouco espaço no currículo.

Mesmo tendo sido adotada a política de cotas para o ingresso na instituição durante a minha graduação, as discussões raciais e a aplicação da lei 10.639/2003 eram incipientes tanto na Faculdade de Filosofia quanto nas disciplinas obrigatórias da Faculdade de Educação naquela época.

Concluí o curso de Filosofia em 2007 e também fiz uma pós-graduação em “Religiões e Religiosidades afro-brasileiras” entre 2013 e 2014, ambos pela UFJF.

Toda a minha história na Capoeira tem relação com o estudo, seja histórico, teórico ou prático. Minha forma de existência na Capoeira necessita da complementaridade desses fatores, de estabelecer uma relação intrínseca entre o que aprendo sobre o passado, o que compreendo do movimento em que estou inserido ao longo do tempo e o modo como me relaciono com ele e me posiciono frente às demandas da própria Capoeira, mas também do que a vida exige e a Capoeira oferece, não como solução dada, mas como possibilidades de jogo com as situações que o cotidiano traz.

Todas as minhas andanças pelo mundo da Capoeira são para mim estudo e pesquisa, possibilidades de compreender as múltiplas formas como o jogo se apresenta, atestar a riqueza cultural inscrita nessa manifestação e somar algo mais ao repertório que já possuo, vindo de pessoas idosas, jovens, homens, mulheres que olham pro mesmo ponto, mas cada um em sua perspectiva, a partir de sua história.

Esse acúmulo de experiências possibilitou que, entre os anos de 2011 e 2020, eu estivesse à frente da coordenação pedagógica das atividades de Capoeira do Programa “Gente em Primeiro Lugar”⁵ da Fundação Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA), órgão responsável pela Cultura no município de Juiz de Fora, atendendo em alguns momentos até 700 crianças e adolescentes com atividades permanentes dentro do eixo Cultura e Cidadania em todas as regiões da cidade. Esse trabalho foi desenvolvido com uma equipe de seis Articuladores Culturais (denominação recebida pelos educadores responsáveis pelas oficinas) que utilizavam os recursos oferecidos

⁵ Programa criado em 2009 oferecendo, além da Capoeira, Dança, Música, Teatro e Artes Visuais. O programa segue em funcionamento.

pela Capoeira, como forma de fortalecer o pertencimento dos integrantes em suas comunidades e estimular a participação e a intervenção cidadã na realidade circundante.

(...) a Capoeira se manifesta, sem dúvida, como consequência de um processo de aprendizagem, não apenas de movimentos corporais físicos, de gestos explícitos ou intenções dissimuladas, mas também de valores, atitudes, concepções do mundo, etc. (BARBIERI, 2012, p.27)

Conforme lembra o autor, a Capoeira oferece aos seus praticantes uma visão de mundo que pode funcionar como uma lente através da qual enxergamos a realidade, um referencial a partir do qual podemos estabelecer valores que norteiam nossas ações. Isso estimula, exige reflexão e discernimento de quem ensina e de quem aprende não somente no ambiente da Capoeira, mas também no seu meio social.

O interesse que sempre tive em relação à história da Capoeira e o modo como ela se insere na sociedade foi o motivo principal para participar, desde 2003, de discussões em nível nacional sobre o seu ensino, divulgação, organização, regulamentação e políticas públicas voltadas para o seu desenvolvimento.

Historicamente, a postura do Estado brasileiro em relação à Capoeira oscilou entre a indiferença e a repressão dependendo da conjuntura política e dos interesses governamentais. Somente em meados dos anos 2000 houve uma movimentação com o propósito de reconhecer a importância da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil. (VIEIRA, 2012).

Bens culturais podem ser de natureza material ou imaterial. Os bens culturais materiais são constituídos pelas paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Já os bens culturais imateriais têm íntima relação com os saberes, as habilidades, as crenças, as práticas e aos modos de ser das pessoas. Esse é o caso da Capoeira, que teve registrada no Livro de Registro das Formas de Expressão, a Roda de Capoeira e no Livro dos Saberes, o ofício dos seus Mestres. Entre 2006 e 2007 foi realizado o *Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil* (IPHAN, 2007) tendo como matrizes principais as cidades de Salvador/BA, Rio de Janeiro/RJ e Recife/PE, polos irradiadores da prática pelo país.

A partir dessas referências, foram instituídos de forma orgânica diversos comitês gestores, conselhos de mestres e coletivos nos demais Estados com o

objetivo de mapear a prática da Capoeira, as Rodas existentes e os Mestres, detentores do saber ancestral e fonte do conhecimento a partir do qual todo o movimento relacionado à capoeira se desenvolveu.

A preservação de um bem cultural dessa natureza depende do cuidado com os seus processos e práticas; da valorização dos saberes e dos conhecimentos das pessoas com ele envolvidas; de sabermos em que condições ocorre a sua prática; quais problemas o afetam e os riscos que esses problemas representam; compreender como essa tradição vem sendo transmitida entre as gerações e quais transformações vem sofrendo; e, por fim, trata-se também de sabermos e reconhecermos quem são as pessoas que hoje atuam diretamente na sua manutenção (IPHAN, 2012).

O trabalho aqui apresentado leva em consideração que a preservação da Capoeira através do seu ensino não vem sendo feita somente pelos Mestres mais velhos, mas também por capoeiristas mais jovens que mantêm em seus trabalhos os ensinamentos e as práticas aprendidas com os mais antigos. É preciso destacar que dentre estes encontram-se muitas mulheres, Mestras ou Graduadas, que têm papel relevante principalmente no ensino para crianças e adolescentes disseminando a cultura da Capoeira e dessa forma trazendo visibilidade para aqueles que vieram primeiro e são nossas referências.

Nas duas últimas décadas houve um crescimento muito grande do número de praticantes, em especial do público infantil, o que vem despertando o interesse de capoeiristas pelas metodologias de ensino e por formação voltadas para as infâncias (BRITO, 2014). Hoje, verifica-se a existência de um mercado infantil da Capoeira que tem estimulado o aperfeiçoamento de capoeiristas que se dedicam a ensinar pra crianças. Acompanhamos um intenso intercâmbio via redes sociais e a circulação de informações, cursos de formação oferecidos por instituições universitárias, grupos de Capoeira e especialistas, o que em tese amplia o conhecimento e melhora a qualidade dos trabalhos desenvolvidos.

O ensino da Capoeira nas escolas e outros ambientes destinados às infâncias parecem ter uma presença feminina muito maior do que o ensino nas academias. Isso pode estar relacionado com a crença histórica e socialmente construída da naturalização da mulher na educação dos pequenos e a visão do homem como estranho nesses ambientes, mas também pode ter relação com uma delimitação de

sua atuação docente à iniciação à Capoeira, ficando o aperfeiçoamento e a formação de capoeiristas quase sempre a cargo de mestres e professores homens.

Já faz algum tempo que não ensino Capoeira para crianças, entretanto, esse sempre foi um público com o qual trabalhei e a pesquisa é também uma forma de manter vínculos e poder contribuir na produção de conhecimento para o meio. A percepção de uma presença feminina significativa no ensino para crianças nos pareceu um campo fértil para investigação e que possibilitaria ampliar o conhecimento sobre o perfil das capoeiristas que se dedicam às infâncias e como é a sua prática.

As discussões que ocorreram no Grupo de Estudos e Pesquisas Ambientes e Infâncias (GRUPAI) e Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente (MIRADA), coordenados pela Profa. Dra. Ana Rosa Costa Picanço Moreira e pelo Prof. Dr. Francione Oliveira Carvalho, respectivamente, aos quais estou vinculado, redimensionaram as minhas inquietações e interrogações formuladas no anteprojeto⁶ apresentado na seleção de Mestrado.

Mulheres na Roda

Quando escrevi o primeiro texto descrevendo um pouco da história da Capoeira para apresentar aos meus orientadores, a professora Ana Rosa questionou se não havia mulheres que tivessem jogado Capoeira no passado. Não fui pego de surpresa pela pergunta, já que eu sabia da existência de mulheres capoeiristas desde tempos muito antigos, mas ela me fez questionar o porquê da ocultação da participação feminina tanto na história oral como na escrita. Essa ocultação contrasta com a participação cada vez mais destacada das mulheres na Capoeira atual, não somente nas rodas, mas também no ensino, com destaque para o trabalho com as infâncias.

A partir dessa indagação voltei aos livros que já havia pesquisado e também fiz busca por registros na internet que pudessem trazer respostas ou pelo menos pistas que ajudassem a compreender melhor a questão. O que constatei num primeiro momento é que as relações de gênero presentes na sociedade também são reproduzidas na Capoeira e da mesma forma seus problemas são levantados quase que somente pelas mulheres capoeiristas. Uma busca pelos termos “mulher” e

⁶ “O Processo de Salvaguarda da Capoeira e os mestres enquanto educadores populares: tensões entre a resistência e a adaptação ao sistema”. O objetivo inicial era investigar se as políticas de Salvaguarda contemplavam efetivamente os Mestres e possibilitavam a preservação e transmissão dos saberes.

“capoeira” associados, na plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, resultou em algumas dezenas de trabalhos, mas apenas dois deles escritos por homens e apenas um trata diretamente das questões de gênero. O outro aborda a presença e atuação femininas dentro das questões relacionadas ao campo dos direitos humanos.

“A roda da capoeira é de fato uma metáfora da roda das relações sociais, da roda do mundo, da grande roda, como a gente diz. E dentro da capoeira os desafios são os mesmos que nós vivenciamos na sociedade, com as especificidades que estão atreladas à prática.”⁷ (Mestra Janja⁸)

É reconhecido que a participação feminina significativamente menor que a masculina nas rodas e nas academias - espaços tradicionalmente masculinos e vistos com desconfiança pela sociedade - contribuiu para essa invisibilidade. Mesmo com a participação crescente das mulheres, o ambiente ainda assim sempre foi majoritariamente masculino e reprodutor das desigualdades estruturais fundadas em preconceitos, onde muitos dos atributos necessários à prática da Capoeira outrora – como a valentia e a “malandragem” - eram associados apenas à figura masculina. Porém, eles não têm relação exclusiva com o gênero masculino, assim como a sagacidade e a destreza são características que podem ser desenvolvidas por qualquer pessoa que se dedique à prática regular da Capoeira, seja homem ou mulher.

Da identificação deste ocultamento, emerge a questão que se refere ao processo de aprendizagem pelo qual as mulheres passaram e/ou ainda passam e como aquelas que permanecem e se dedicam ao ensino refletem sobre a sua prática. É preciso questionar se recebem o mesmo tratamento durante as aulas, se conseguem participar de todos treinamentos e Rodas da mesma forma que os homens, se são estimuladas a terem o mesmo comportamento que eles ou se há diferença na abordagem com elas. Enfim: buscar saber se a Capoeira que vêm aprendendo dialoga com a Capoeira que elas ensinam, se essas práticas se aproximam ou se distanciam e o porquê dessa proximidade ou distanciamento.

Assim, a motivação para esse estudo vem da possibilidade de fazer uma investigação a partir de outros olhares, de perspectivas diferentes daquelas que me

⁷ Extraído de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mulheres-usam-roda-de-capoeira-como-espaco-de-luta-pela-igualdade> em 18/08/2022.

⁸ Rosângela Costa Araújo, nascida em Feira de Santana em 1959, Mestra de Capoeira Angola, uma das mais importantes referências femininas na Capoeira e historiadora.

são familiares. Para Silva (SILVA, 1995), o pesquisador não é externo ao fenômeno estudado, pois sua motivação para conhecer e seu interesse partem do engajamento ao objeto de estudo.

Com base na abordagem histórico-cultural de Lev Vigotski, que defende que a mente e suas funções superiores (especificamente humanas) se desenvolvem na e pela cultura, na relação intersubjetiva e em contexto histórico-cultural determinado e em diálogo com questões que permeiam a interculturalidade, aqui compreendida como o diálogo e as construções conjuntas das diversas culturas, valorizando o surgimento do novo e de novas configurações culturais, a proposta investigativa versa sobre a inserção e as práticas das mulheres capoeiristas no universo do ensino de Capoeira com as infâncias. Assim, o problema de pesquisa é “Quais são as percepções das capoeiristas educadoras sobre a sua inserção e prática com as infâncias na escola e em outros espaços de Educação não formal?”

Conhecer as percepções das capoeiristas educadoras sobre a sua inserção e prática com as infâncias na escola e outros espaços de Educação não formal é o objetivo central da pesquisa. Dele decorrem outras questões relevantes que serão investigadas para que possamos compreender as motivações para se tornarem capoeiristas educadoras das infâncias e discutir o processo de formação docente dessas capoeiristas educadoras. Objetivamos também analisar as práticas de ensino-aprendizagem de Capoeira utilizadas com as infâncias na Educação formal e não formal.

O texto da dissertação está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo destaco a origem negra da capoeira e problematizo o conceito de raça que desde o seu surgimento serviu para subestimar e estigmatizar os povos não-europeus e de forma mais contundente, os africanos e seus descendentes (SANTOS, 2002).

A resistência e o desenvolvimento da capoeira representam a vitalidade da cultura negra no Brasil, tratando-se, portanto, de um movimento cultural presente em todo o território, diverso na sua forma de apresentação, mas baseado em princípios comuns como, o diálogo corporal, a reciprocidade e o respeito à ancestralidade africana e afro-brasileira.

No segundo capítulo, apresento o referencial teórico da pesquisa. A Teoria Histórico-Cultural de Vigotski tem como pressupostos a natureza social do ser humano (histórico e cultural), ou seja, fazemos parte de uma espécie com características

específicas (filogênese) que passa por um processo de desenvolvimento (ontogênese) mediado pela história e a cultura onde o indivíduo está inserido (sociogênese), e por meio das relações sociais desenvolvem-se as funções psicológicas superiores (fala, pensamento conceitual, imaginação, etc.).

A Capoeira consiste numa prática cultural que organiza o conhecimento através da oralidade, da expressão corporal, dos ensinamentos das cantigas mediado pelos toques dos instrumentos e pela vivência no meio. É uma cultura complexa que interfere no desenvolvimento psicológico do praticante, o capoeirista, que nas suas vivências dialoga, coopera e cria sentidos para o jogo e para a vida no processo de desenvolvimento da sua personalidade (JEREBTISOV, 2014).

A vivência – conceito central na teoria de Vigotski e que tem destaque neste estudo – é que possibilita a produção de sentidos, ou seja, a interpretação do meio pelos sujeitos (as professoras). A vivência abarca toda a bagagem que a pessoa traz consigo na relação com o meio, e que impacta no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a vivência não pode ser definida segundo uma lógica normativa, pois forma o campo semântico ao gerar algo novo ou transformar um sentido que já existe. Sendo fenômenos interpessoais que pressupõem um outro significativo, é fundamental que os aprendizes tenham um(a) educador(a) que seja capaz de estabelecer uma vivência mútua, que seja parceiro(a) e não indiferente (JEREBTOSOV, PRESTES, 2019).

Por isso a opção por realizar uma pesquisa qualitativa que permita conhecer questões especificamente ligadas às capoeiristas educadoras, suas histórias e sua forma de atuação docente. Busca-se compreender os eventos investigados descrevendo-os, mas procura também suas possíveis relações, integrando o individual com o social, focalizando o acontecimento nas suas mais essenciais e prováveis relações (FREITAS, 2002).

A produção e análise dos dados são apresentadas no terceiro capítulo. Para a produção dos dados empíricos, foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas com duas capoeiristas educadoras de larga experiência com crianças.

Para refletir sobre o processo de expansão social da Capoeira, com ênfase na história das mulheres que são sujeitas desta pesquisa, utilizei o conceito de Interseccionalidade, uma ferramenta analítica para auxiliar na compreensão dos atravessamentos de raça, gênero, classe e faixa etária dos praticantes do jogo ao longo do tempo, compreender sua inter-relação e como se constituíram mutuamente. Como afirma Collins “a interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a

complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (COLLINS, BILGE, 2020).

CAPÍTULO 1. A RODA DAS RAÍZES NEGRAS DA CAPOEIRA E OS SEUS ATRAVESSAMENTOS DE RAÇA E GÊNERO

*Eu fui preso à traição e fui trazido na covardia
Que se fosse luta honesta de lá ninguém me trazia
Quando eu venho de Luanda eu não venho só
Quando eu venho de Luanda eu não venho só
(Mestre Toni Vargas)⁹*

Ao citarmos a palavra Capoeira, dificilmente encontraremos alguém que desconheça sua ligação com uma prática corporal ao som de instrumentos musicais de origem afro-brasileira. Entretanto, as informações de que a maioria das pessoas dispõem param por aí. O surgimento e o desenvolvimento da Capoeira no Brasil não constituem um conhecimento sólido e amplamente disseminado a despeito de há mais de 10 anos a Capoeira ter sido reconhecida como patrimônio imaterial da cultura brasileira.¹⁰

A Capoeira é uma invenção de africanos escravizados no Brasil. Refletindo sobre esse período da nossa história, surgem as questões: - O que representava uma criação negra em uma sociedade escravista? - Como a sua prática era vista? - O que significou a sua disseminação apesar da prática ser proibida, inclusive por lei, logo após a proclamação da República?

A epígrafe que inaugura o capítulo foi extraída de uma cantiga do Mestre Toni Vargas, um dos grandes compositores da Capoeira e retrata uma visão do senso comum entre capoeiristas e a população em geral que vigorou quase que unanimemente durante muito tempo, a capoeira teria vindo de Angola junto com os povos escravizados pelos portugueses. Entretanto, até os anos 1960 a memória oral não registrava nenhuma prática ancestral específica, sendo então a Capoeira considerada uma invenção das pessoas escravizadas nas senzalas brasileiras e, posteriormente, também desenvolvida por africanos e crioulos¹¹ em cidades portuárias. Foi somente após essa década que Mestre Pastinha, importante representante da capoeira recebeu em sua academia na cidade de Salvador, na Bahia, um pintor luso-angolano chamado Albano Neves que afirmava ter visto em

⁹ Conhecida cantiga do Mestre Toni Vargas e muito popular nas Rodas de Capoeira.

¹⁰ Em 15/07/2008 foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial. Disponível em < <https://www.palmares.gov.br/?p=2744>>.

¹¹ Termo utilizado para designar os negros nascidos no Brasil, mais adaptados ao sistema que os africanos e que em muitas ocasiões rivalizavam com aqueles no cotidiano (SOARES, 1999).

Angola uma dança semelhante à Capoeira chamada N'golo (PEÇANHA, 2019). Este mesmo pintor também relatou esse fato ao folclorista Luís da Câmara Cascudo (CASCUDO, 1967), de quem se tornou amigo e que foi o primeiro a divulgar no Brasil a teoria do N'golo como ancestral da capoeira. Dada a importância de Mestre Pastinha no cenário da capoeiragem baiana, o discurso de que a capoeira teria sido trazida pelos negros daquela região foi incorporado por alguns de seus seguidores e amplamente veiculado como uma das teorias sobre a origem do jogo acompanhando a expansão e consolidação da capoeira em todo o país.

Atualmente, a história da Capoeira já conta com registros consistentes, fruto de pesquisas acadêmicas que podem nos auxiliar na compreensão do itinerário percorrido por essa manifestação da cultura popular de origem afro-brasileira (SOARES, 1999/2004; REIS, 1993; PIRES, 2010). Até bem pouco tempo, muitas das narrativas correntes não estavam ancoradas em registros historiográficos e somente nas últimas décadas novas fontes foram acessadas. Por esse motivo, boa parte das informações que nos chegavam eram baseadas em relatos esporádicos sobre a Capoeira presentes em obras literárias e na transmissão oral feita por seus mantenedores, os mestres e suas memórias, que Muniz Sodré assim descreve: “Memória, uma usina movida a sonhos, fantasmas e mitos, acentuando: *mythos*, segunda metade da linguagem, um dos teatros da produção inconsciente social” (SODRÉ, 2002, p.11).

As lacunas existentes nessa e em outras histórias dos povos escravizados vêm estimulando pesquisas que permitam reparar o apagamento resultante do processo colonizador promovido pelos europeus na expansão de seus domínios pelo mundo, o genocídio e o epistemicídio de diversos povos; a morte física e também a morte do conhecimento produzido por essas pessoas. Horror sustentado pela falsa sensação de superioridade que europeus tinham em relação aos povos nativos das Américas e aos escravizados da África. As teorias de superioridade dos europeus, apesar de provincianas, foram validadas como universais e suficientes para explicar as realidades sócio-históricas do restante do mundo.

A hipótese de Veiga (VEIGA, 2022) é de que a principal estratégia de repressão às maneiras de viver dessas pessoas, baseou-se nas narrativas de falta, da falta de sensibilidade, de civilidade, de inteligência, de educação, etc. Para a autora, essa é uma questão do campo da Estética, de experiências sensíveis, sem racionalidade interna, movidas apenas pela repulsa, essa “Estética da falta” consiste em dinâmicas

sociais que permitem que determinados corpos sejam desumanizados e tornados inferiores. No caso dos negros, mesmo antes da elaboração da noção de raça, a cor já era associada a características negativas e justificava o estabelecimento de uma hierarquia de valores e sua consequente submissão (SANTOS, 2002).

Diz-se que há uma história do negro sem o Brasil, mas que não há uma história do Brasil sem o negro¹². De fato, o negro é um elemento fundamental na constituição desse país e sem o qual não se pode explicar quase nada do que somos e do que fazemos, dos nossos hábitos e costumes, crenças e afetos. Porém, o lugar reservado aos negros poderia ser definido como um não-lugar, por sua origem e a forma como o branco colonizador o entendia e classificava.

De feito, poucas cidades pode haver tão originalmente povoadas como a Bahia. Se não soubesse que ela ficava no Brasil, poder-se-ia tomá-la sem muita imaginação, por uma capital africana, residência de poderoso príncipe negro, na qual passa despercebida uma população de forasteiros brancos puros. Tudo parece negro: negros na praia, negros na cidade, negros na parte baixa, negros nos bairros altos, tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro¹³

A negritude já era percebida e representada negativamente muito antes do conceito de raça ser usado como critério de diferenciação entre grupos humanos. Quando os europeus empreenderam sua expansão territorial pelo mundo, já partiam de pressupostos de superioridade racial. Até o século XVIII, diferenças biológicas não eram consideradas determinantes, mas no século XIX o termo raça passa a ser utilizado na diferenciação física hereditária (SANTOS, 2002).

uma cena que se vê muito na parte baixa da cidade é a de pretos brigando com suas mãos abertas. Raramente chegam aos socos ou, ao menos, a pancadas capazes de lhes causar sérios danos. Um pontapé na canela é o golpe mais doloroso que um pode dar no outro. São todo movimento, saltando e mexendo braços e pernas sem parar, iguais a macacos quando brigam. É realmente um espetáculo jocoso¹⁴.

¹² "Existe uma história do povo negro sem o Brasil; mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro" – Januário Garcia (1943-2021)

¹³ Robert Ave-Lallemant. Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe: 1859. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980. Pg. 22

¹⁴ James Wetherell, Brasil: apontamentos sobre a Bahia: 1842-1857. Salvador, Edição do Banco da Bahia SA s.d. Pg. 120. Observação: no original a última frase da citação é assim: "It is a ludicrous sight". O historiador Matthias Rohrig ensina que a tradução correta para ludicrous é ridículo e não jocoso. Em português a frase seria: "É realmente um espetáculo ridículo".

Esse trecho registra o olhar do vice-cônsul britânico sobre uma cena ocorrida em 1856 e que pode ser facilmente associada ao jogo da capoeira, mas também expressa a visão preconceituosa em face das práticas dos negros, o que fica explícito na correção da tradução assinalada por Mathias Röhrig.

Nesse contexto, buscava-se comprovar a inferioridade do negro de várias maneiras, seja pela medição do crânio – considerado o órgão mais importante do corpo - ou pelo desenvolvimento de suas sociedades e o darwinismo social introduziu um elemento a mais, a luta natural entre as raças como motor da história. A ideia de raça “inferior” levou à ideia de “sociedade” inferior, deslocando o conceito de raça para o centro da história e o ataque frontal às supostas raças inferiores (SANTOS, 2002).

O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo, entendido como “um resultado, uma reificação dos atributos específicos da sua raça”. (Galton, 1869/1988:86)¹⁵

A cor – traço comum entre os africanos – deixa de ser uma qualidade e torna-se a essência do Ser; todas as diferenças existentes entre os diversos povos africanos escravizados no Brasil são ignoradas em função da fantasia de superioridade branca sobre os demais povos. O racismo apropriou-se de diversos elementos dispersos no imaginário e operando uma soma simples e arbitrária desses elementos deu caráter de cientificidade às suas teorias que, na verdade, serviriam para justificar seus empreendimentos coloniais. O processo colonizador engendrou novas identidades, pessoas racializadas, classificadas como inferiores e, portanto, passíveis de serem escravizadas. Negro na legislação do sistema colonial equivalia a escravo (VEIGA, 2022).

A visão dos literatos refletia em boa parte a pena dos escravos e da polícia do início do século XIX, um olhar com viés preconceituoso e calcado na visão do repressor sobre uma prática marginalizada durante a maior parte de sua existência. Hoje percebe-se que a Capoeira estava perfeitamente visível naquele cotidiano, sendo motivo de medo e preocupação para as autoridades. Sua invisibilidade na história oficial demonstra o desejo de apagar nossos traços culturais herdados da

¹⁵ SCHWARCZ, Lília Moritz. Uma História de “Diferenças e desigualdades”: As doutrinas raciais do século XIX. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

população negra, por isso foi alvo da repressão institucional que no auge da perseguição tornou a sua prática um crime previsto no código penal de 1890.

"Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal. Pena - prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças se imporá a pena em dobro". (grifos meus) (REGO, 1968, p. 319).

Foi seguindo a trilha dos registros policiais que Carlos Eugênio Líbano Soares (1999-2004), Leticia Vidor (1993), Antônio Liberac (2010) e outros pesquisadores encontraram o maior número de informações disponíveis sobre as atividades dos "capoeiras" durante o século XIX. Essas pesquisas trouxeram à luz a descrição de um cotidiano marcado pela atuação permanente desses personagens tidos pela sociedade como elementos perigosos.

O dia 10 de setembro de 1810 era um dia como outro qualquer. A cidade do Rio de Janeiro estava imersa em seu cotidiano (...). Neste dia foi preso pela Guarda Real de Polícia, instituição fundada recentemente pelo príncipe regente D. João, um escravo africano de nome Felipe, nação Angola, de propriedade de Francisco José Alves. Prisões de escravos eram rotineiras na capital da Colônia, mas esta seria pioneira. Felipe seria o Primeiro de uma longa legião de escravos presos por "capoeira" no Rio do século XIX (SOARES, 2004, p. 73).

O autor afirma que na segunda década do século XIX o tipo social "Capoeira", estava profundamente enraizado na sociedade escravista urbana e bem articulado com as formas de lidar com a lei dos brancos e seus aparatos de poder, havendo inclusive um número considerável de proprietários de escravizados na documentação de pessoas presas por capoeira, o que demonstra a disseminação dessa prática forjada por eles na cidade do Rio de Janeiro.

O modelo da prática da capoeira no século XIX surge enquanto forte fator de adaptação dos escravos africanos ao novo contexto social urbano. A organização dos grupos, de forma geral, seguiu uma lógica de interesses locais, dividindo os indivíduos não mais por etnias ou nacionalidades, mas pelas relações de poder produzidas no contexto brasileiro. (...) inventando tradições a partir de características culturais das

diversas etnias que compunham a sociedade carioca (PIRES, 2010, P. 49).

Pires defende a tese de que a Capoeira no Rio de Janeiro, assim como na Bahia, é uma tradição cultural originariamente inventada pelas classes trabalhadoras e não por desordeiros. Por isso, a continuidade da sua prática por um período tão longo poderia ser explicada pelo fato da maioria dos capoeiristas fazerem parte dos grupos produtivos da sociedade. A capoeira, assim como outras expressões culturais afro-brasileiras, não era uma atividade de marginais, mas uma prática que foi durante esse período intencionalmente estigmatizada e marginalizada.

Diferente do Rio de Janeiro, a Capoeira baiana quase não possui registros historiográficos do século XIX, mas sabemos que ela estava lá por diversas outras fontes, como o poeta itaparicano, Manoel Rozentino, falecido prematuramente em 1897, funcionário da Secretaria da Câmara Estadual e colaborador da imprensa baiana, que publicou os versos:

*Eu adoro o capadócio¹⁶ da Bahia,
Esse eterno alegrete,
Que passa provocante em nossa frente,
Brandindo seu cacete.¹⁷*
(MOURA, 1993, p.14)

Há também registro da ação decisiva dos Zuavos¹⁸ baianos durante a Guerra do Paraguai, quando esgotadas as munições, esse batalhão enfrentou os inimigos nas trincheiras apenas com armas brancas e golpes de Capoeira.

Tanto Mestre Pastinha (1889-1981) quanto Mestre Bimba (1900-1974) – principais referências da capoeiragem baiana - aprenderam Capoeira com africanos, Benedito e Bentinho respectivamente, já no início do século XX (REGO, 2015). Aprendizado aparentemente individual, uma preparação para os embates corriqueiros da vida, mas também pra “vadiação”, hábito comum entre os amigos nas horas de folga do trabalho duro ao qual a população negra era relegada. Esses dois personagens são reconhecidos como as figuras mais importantes da história da capoeira por terem desempenhado um papel fundamental na constituição de suas escolas, por terem ensinado regularmente por quase toda vida e deixado registradas as suas práticas em escritos, fotografias e discos.

¹⁶ Esse termo era usado genericamente para designar os valentões e capoeiras.

¹⁷ Publicado em Revista Popular. Ano I – Número 3 – novembro de 1897.

¹⁸ Regimento composto exclusivamente por negros, enviados para combater nessa Guerra.

Mas eles não foram os primeiros a produzirem registros de seus métodos. Já em 1907 foi lançado o livreto “O guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira”¹⁹ de autoria de O. D. C., que alguns pesquisadores acreditavam ser na verdade o escritor Coelho Neto, grande cultor do jogo, mas tudo indica que o autor desse livro teria sido o oficial da Marinha Garcez Palha (PIRES, 2010, p.139). Nesse opúsculo encontram-se os movimentos da Capoeira divididos na seguinte ordem: I) Posições; II) Negaças²⁰; III) Pancadas simples; IV) Defesas relativas e V) Pancadas afiançadas.

Vinte anos depois, em 1928, Aníbal Burlamaqui, escritor, político republicano e desportista, mais conhecido como Zuma, publicou um livro chamado “*Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*”, dividida nos seguintes capítulos: I) História; II) Considerações sobre os esportes; III) Métodos e regras; IV) Os golpes e contra-golpes e V) Exercícios e requisitos para aprendizagem da Ginástica Nacional. Nessa obra ele demonstra ter uma visão histórica da Capoeira, detalha minuciosamente como deve ser feita a execução dos golpes e busca dar uma roupagem desportiva à luta, retirando as cantigas e o acompanhamento de instrumentos, abrindo mão de toda ludicidade, a fim de alcançar as famílias da classe média brasileira que segundo ele, tinham aversão à prática, e vencer as restrições já que a mesma ainda se encontrava enquadrada no artigo 402 do código penal de 1890.

Esse movimento refletiu na Bahia, onde Mestre Bimba também buscou metodizar a sua Capoeira Regional, entretanto, os elementos lúdicos, rítmicos e musicais continuaram presentes e foram sempre uma marca fundamental do trabalho do mestre.

Fundado em 1932 como Centro de Cultura Física e Luta Regional Baiana, possuía registro oficial e obteve em 1937 o alvará de funcionamento expedido pela Inspeção de Ensino Secundário Profissional, sendo o Mestre Bimba designado como diretor de Curso de Educação Física. É importante frisar que, apesar de ocultar o nome capoeira no registro oficial, as atividades da escola foram mantidas segundo os princípios sob os quais o mestre havia criado o seu método de ensino que consistia em: I) Cintura desprezada; II) Sequencia II) Jogo e IV) Esquentar o corpo. O método do mestre tinha íntima relação com suas vivências e com aquilo que ele acreditava ser

¹⁹ Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira oferecido por O. D. C. à distinta juventude. Rio de Janeiro, Livraria, Nacional, 1907. BN.

²⁰ Artimanhas, artifícios utilizados no jogo para confundir o adversário.

necessário que o aluno aprendesse e pudesse usar para além do jogo na Roda de Capoeira.

A cintura desprezada consistia num conjunto de balões em que ao ser agarrado – algo corriqueiro em uma briga – o aluno se projetava com o objetivo de se desvencilhar e cair bem.

A sequência completa é composta de diversos movimentos de ataque e defesa, onde os alunos executam todos os golpes, esquivas e contragolpes para ambos os lados, num total de cento e cinquenta e quatro movimentos.

O jogo é o momento onde o mestre escolhe as duplas e coloca os alunos pra jogar ao som do berimbau. Todas as ações, desde a velocidade até o tipo de jogo são codificadas pelo toque executado no momento.

O esquentar banho não foi pensado dentro da metodologia pelo mestre, mas era uma prática cultivada pelos alunos. A academia só possuía um chuveiro e enquanto um aluno tomava banho, os demais se desafiavam para um jogo sem berimbau e sem a necessidade de obedecer a um ritmo pré-estabelecido. Era o momento onde a luta prevalecia e mantinha-os aquecidos até que chegasse a sua vez de tomar banho (CAPOEIRA, 1992).

Mestre Bimba gravou um disco cujo título é “Curso de Capoeira Regional” (1969), com os toques de berimbau da sua escola e também diversas quadras e corridos (tipos de cantigas de capoeira). O disco é acompanhado de um livreto com um prefácio, quatorze lições explicadas e ricamente ilustradas, uma biografia do mestre e as letras das cantigas executadas no disco.

Em contraposição ao crescimento da Regional, um grupo de mestres se reuniu e fundou em 1941 o Centro Esportivo de Capoeira Angola liderado por Mestre Pastinha (COUTINHO, 1993, P.17). Nessa escola cultivava-se a capoeiragem antiga, os métodos antigos de aprendizagem baseados na observação e reprodução dos movimentos dos mais velhos, na estrita obediência ao ritmo da bateria, além de outras regras criadas por Mestre Pastinha de acordo com a sua percepção.

Mestre Pastinha também teve seu trabalho registrado em disco, onde ele conta sua história e apresenta suas reflexões sobre a Capoeira. Ele escreveu um livro intitulado “Capoeira Angola” (1964), no qual ele discorre sobre as origens da capoeira, apresenta alguns golpes e dá explicações sobre o jogo.

Podemos dizer que essas duas escolas foram a base do desenvolvimento posterior da capoeira na cidade de Salvador e responsáveis por transformá-la na matriz da capoeira mundialmente conhecida.

A expansão da Capoeira no Rio de Janeiro nesse período também se manteve. Em 1944, Inezil Penna Marinho ganhou um prêmio do Ministério da Educação e da Saúde no concurso sobre Educação Física com uma monografia intitulada “*Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*”. Esse estudo foi pautado em uma vasta bibliografia com destaque para as fontes literárias que reforçavam sua vinculação com os estudos do folclore nacional. O professor era da Marinha do Brasil e fazia parte do grupo de estudiosos nacionalistas ávidos pela construção de uma identidade nacional e pela exaltação de seus símbolos, dentre eles a capoeira, mas uma capoeira reconstruída segundo um ideal higienista.

A Marinha adotará a capoeira como arma de defesa pessoal. Já mantendo cursos especializados de box e jiu-jitsu, os marinheiros serão os primeiros militares do Brasil a se adestrarem naquele estilo de luta peculiar a determinados setores de nosso povo²¹

Esse curso era ministrado pelo 1º tenente Lamartine Pereira da Costa, que foi aluno do Mestre Arthur Emídio (1930-2011), baiano de Itabuna, radicado no Rio de Janeiro, uma importante referência da capoeiragem do subúrbio carioca, que fez fama lutando no ringue contra praticantes de outras modalidades. O curso consistia num programa de 20 aulas autorizadas pelo comando da Marinha.

Apesar de observarmos um movimento de inserção da Capoeira em ambientes institucionais, a forma como foi descrita pela matéria do jornal demonstra que o passado de marginalização não havia sido esquecido e esse estigma ainda persistia.

Lamartine aprendeu com Mestre Arthur Emídio, mas também pesquisou a Capoeira em Salvador, tendo inclusive treinado com Mestre Bimba e buscava separar a luta da dança. De volta ao Rio, elaborou um método de ensino e foi o primeiro instrutor de Capoeira da Marinha, tendo organizado um curso com 208 inscritos entre praças e oficiais. Seu objetivo era formar instrutores para vários núcleos dessa instituição. Apesar de não ter obtido sucesso em seu intento, sua contribuição foi ter em sua proposta incorporado o berimbau da Capoeira baiana, instrumento de fundamental importância para o aprendizado do jogo. Lamartine Pereira da Costa

²¹ “Dança de negros e arma de malandros”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30 de março de 1961, p.4.

ainda escreveu um livro intitulado “*Capoeira sem mestre*” publicado pela Editora Ediouro no ano de 1962, onde apresenta os movimentos por meio de desenhos e dá explicações sobre a sua correta execução.

Desde então, já livre da proibição, a prática regular tornou-se cada vez mais comum principalmente nos grandes centros urbanos e desde a década de 60 com a organização dos grupos, formalmente registrados ou não, sob a orientação dos seus mestres consolidaram-se os espaços de formação de novos capoeiristas. Inicialmente, os praticantes eram quase em sua totalidade jovens e adultos do sexo masculino, mas com a assimilação das aulas de Capoeira pelas academias de lutas, de ginástica e também pelas escolas, a participação de mulheres e crianças nas aulas e Rodas teve um grande crescimento.

Sobre a musicalidade

*A história nos engana
Diz tudo pelo contrário
Até diz que a abolição
Aconteceu no mês de maio
A prova dessa mentira
É que da miséria eu não saio...*
(Mestre Moraes)²²

Cantigas de Capoeira, além de desempenharem a função de embalar as Rodas, são uma forma de comunicação entre o cantador e os demais participantes. Esse diálogo pode versar sobre qualquer assunto e transmitir mensagens àqueles que estejam atentos ao que se canta. A cantiga acima, de autoria do Mestre Moraes, é uma denúncia, um protesto contra a História que nos foi contada sobre a libertação dos escravizados e um alerta para que estejamos atentos à realidade vivida pela população negra durante toda a existência desse país.

Durante todo o século XIX o Rio de Janeiro foi local de atividade permanente dos capoeiras e foco de resistência ao escravismo. Decorre dessa resistência o fato de a maior fonte de registros sobre Capoeira nesse período serem obtidas nos registros de polícia e das prisões. A maior parte desses presos era de jovens africanos

²² Pedro Moraes Trindade, uma das principais referências da Capoeira Angola, foi aluno de Mestre João Grande na Academia do Mestre Pastinha.

de Angola, Congo e Cabinda²³, ainda que houvesse grande número de crioulos, brancos e até mesmo estrangeiros entre os detidos.

A capoeira não era um problema afastado, distante ou que se esgueirasse pelos cantos mais sórdidos da cidade, longe do olhar das classes letradas e proprietárias, mas uma atividade visível no dia-a-dia, no cotidiano, diante do olhar de todos, e motivo de medo e preocupação (SOARES, 2004, p.22).

A imprensa à época definia contraditoriamente os capoeiras como sendo indivíduos sem ocupação, reverberando o pensamento das classes média e alta da cidade. Curioso é que a maioria desses capoeiras eram de escravizados e no interior da escravidão urbana que a Capoeira foi forjada não somente como fator de resistência, mas como formação cultural que envolvia elementos de todas as camadas da sociedade da metrópole imperial. Em meio à violência extrema e à crueldade da escravidão vigoravam o companheirismo e a solidariedade entre africanos e crioulos.

Antes de ser retratada na literatura do período imperial, a Capoeira esteve presente de forma recorrente na pena dos escrivães de Polícia e o olhar dos historiadores sobre esses registros vai capturar passagens onde subliminarmente, apesar da visão repressiva imposta pela autoridade, percebe-se alguma admiração pela coragem, companheirismo e altivez dos membros das maltas.

As maltas eram grupos de vinte a cem indivíduos compostos por pessoas escravizadas e também por homens livres. As mais famosas eram as maltas dos *Nagoas* e dos *Guaiamus* que se agrupavam como forma de resistência e solidariedade e demarcavam seus territórios dentro da cidade.

Vários indícios permitem afirmar que a ética que perpassa a participação dentro de uma malta é vigorosamente marcada pela necessidade de solidariedade grupal, do reforço dos laços de amizade, da constante demonstração de unidade do grupo em relação aos seus membros, principalmente nos momentos de luta seja contra outros capoeiras ou policiais. (SOARES, 1999, p.86)

Parece decorrer desses laços de solidariedade e da organização das maltas os primeiros registros de ritos de aprendizagem da Capoeira no Rio de Janeiro. Mais que uma manifestação espontânea de habilidades corporais ou uma prática lúdica, o aprendizado era necessário para o grupo e fazia parte de um ritual que foi descrito por

²³ É importante que se esclareça que os nomes Angola, Congo, Cabinda, Moçambique, dentre outros não significava que os escravizados fossem dessas etnias, mas indicavam os portos de onde os navios que os traziam, haviam partido em direção ao Brasil.

Plácido de Abreu em sua obra *Os capoeiras*, de 1886, onde ele cita o Morro do Livramento como local dos “ensaios” dos Guaiamus e a Praia do Russel e o Morro do Pinto como local onde se preparavam os Nagoas.

Os exercícios faziam-se regularmente nos domingos de manhã e contavam dos exercícios de cabeça, pé e golpe de navalha e faca. Os capoeiras de mais fama serviam de instrutores àqueles que começavam. (ABREU apud SOARES, 1999, p.91)

A capoeiragem²⁴ tinha um sentido duplamente especial para a juventude na segunda metade do século XIX, inseria os jovens negros e pobres em um grupo onde encontravam proteção num ambiente marcado pela violência e também pelo fascínio que a sua prática exercia, a mistura de um sistema de defesa pessoal eficiente aliado ao desenvolvimento de movimentos ágeis e acrobáticos.

Pertencer a uma malta era um prêmio cobiçado pelos jovens que trabalhavam pelas ruas estreitas e sujas da cidade. As praças e áreas abertas da cidade, como as praias, estavam frequentemente assistindo ao espetáculo dos exercícios que preparavam o iniciante. (SOARES, 1999, p.93)

Esses jovens eram recrutados bem cedo, ainda crianças, entre os 9 e 11 anos de idade, e além de praticar com os mais velhos dentro do seu território, eram testados em sua coragem nas incursões ao território de maltas rivais e quando se exercitavam abertamente nas praças desafiando o aparato policial. Nesse estágio ocorria a passagem do moleque a “caxinguelê” e vencidas essas etapas, terminava por receber a navalha e o chapéu, distinção concedida aos recém-formados na escola da rua.

A regularidade desses treinamentos deve ter sido fundamental para a expansão da Capoeira pela cidade e sua consolidação como expressão da cultura de um contingente expressivo da população local onde se encontravam além de escravos, homens livres, libertos, imigrantes de várias nacionalidades e migrantes nordestinos.

*“No Rio de Janeiro se a minha memória não falha
O melhor capoeira foi Manduca da Praia”²⁵
(Mestre Gegê)*

Esse é o refrão de uma famosa cantiga de Capoeira que rende homenagem a uma figura singular, talvez o único capoeirista carioca do século XIX cuja história foi eternizada em cantigas e teve sua fama preservada. Manduca da Praia foi capoeira por conta própria, sem ligação com maltas, tinha banca de peixe no mercado e relatos

²⁴ De acordo com o Dicionário Online de Português, capoeiragem é o “conjunto de técnicas da capoeira, tipo de luta (ou jogo) criado no Brasil no período da escravidão.” Disponível em <https://www.dicio.com.br/capoeiragem/>. Acesso: 27 de dezembro de 2022.

²⁵ Cantiga de capoeira muito executada nas Rodas de autoria do Mestre Gegê (Geraldo Costa Filho), baiano radicado no RJ.

indicam que foi um próspero comerciante, trajava-se sempre com elegância e era reconhecido como cabo eleitoral do partido conservador, responsável por inúmeros desmandos nas eleições tendo respondido a 27 processos por lesão corporal. Dele não temos registros sobre nascimento nem de quanto tempo viveu, apenas os registros dos cronistas da época²⁶

Como mencionado acima, o perfil de Manduca da Praia fugia do comportamento padrão dos capoeiras do século XIX que, invariavelmente, faziam parte de maltas e quase sempre andavam em grupo. O traço comum é a participação no jogo político e a estreita relação que esses indivíduos e grupos mantinham com os políticos, em sua maioria monarquistas.

Nos momentos finais da monarquia, a repressão por parte das instituições policiais cresceu de forma impiedosa e teve na figura de Sampaio Ferraz seu principal agente. Atuando primeiramente como promotor e posteriormente como chefe de polícia, perseguiu com tenacidade os capoeiras, levando à prisão logo após a Proclamação da República 111 indivíduos, o que foi saudado pela imprensa republicana.

Bravo! A capoeira é a praga pior que o império nos legou. Quando a polícia se resolvia a reprimir e castigar o exercício da capoeiragem, as medidas tomadas limitavam-se a assinatura do termo de bem viver e a dois ou três dias de prisão. Da prisão saía o capoeira com a vida garantida: alistava-se na polícia secreta (BRETAS, 1991, p. 250).

A consolidação do novo regime político desencadeou uma campanha de repressão e tentativa de eliminação da Capoeira do cenário nacional comandada por Sampaio Ferraz. O registro de presos na Casa de Detenção durante o ano de 1890 aponta 297 prisões por Capoeira e o padrão de ocupação desses presos era composto majoritariamente por artesãos (38,1%), sem profissão (23,5%) e trabalhadores de rua (22,5%), dentre esses, uma maioria de pretos e pardos, mas também um percentual significativo de estrangeiros (PIRES, 2010).

A campanha persecutória aos capoeiras mereceu destaque na imprensa e foi até mesmo registrada em versos por trovadores da época:

*É polícia das primeiras
É levadinho do diabo;
Deu cabo dos capoeiras,*

²⁶ Alexandre Mello Morais Filho. Festas e Tradições Populares do Brasil, Rio de Janeiro. Technoprint. S.D. p.459.

Luiz Edmundo. O Rio de Janeiro do Meu Tempo. Rio de Janeiro, Xenons. 1987. P.380.

*Vai dos gatunos dar cabo
 Já da navalha afiada
 A ninguém o medo aperta;
 Vai poder a burguesada
 Ressonar de porta aberta
 A ir assim poderemos
 Andar mui sossegadinhos
 Nesta terra viveremos
 Como Deus com seus anjinhos (...)*
 (Diário de Notícias, 1890, p.6).

A caçada implementada pelo novo regime fez embarcar em 2 de janeiro de 1890 no vapor Madeira para o degredo em Fernando de Noronha o “Império da Navalha”. Fato que não foi capaz de exterminar a capoeira do cenário carioca, afinal, ela já fazia parte do tecido social como síntese de uma “cultura de rua”.

É interessante notar o aspecto provocativo de uma cultura que se reprime: ela se reduz, mas, ao mesmo tempo, se concentra: ela caminha por uma centralidade, diminui os seus gestos expansivos, mas mantém-se por gestos essenciais (BARBOSA, SANTOS 1994, p.31).

Sem a presença das principais referências, dos líderes das grandes maltas, o protagonismo da Capoeira na cidade do Rio de Janeiro foi reduzido, mas sem que sua existência estivesse ameaçada. Em 11 de outubro o novo Código Penal da República transforma a prática da Capoeira em crime e dois dias depois Manoel Francisco de Paula, um homem preto de 35 anos, lustrador, ou seja, um trabalhador, foi o primeiro acusado pelo “crime de capoeiragem”²⁷.

Podemos afirmar que sentimos até hoje os efeitos desse processo alimentado pelo racismo científico (Séc. XIX) que impingiu aos negros rótulos depreciativos amplamente difundidos, sendo classificados ora como problema, ora como perigo, mas em ambos os casos colocando em risco a sua integridade e a sua própria existência. O incômodo provocado por suas manifestações e a intolerância à subversão da língua culta são formas de violência travestidas de intento civilizador. É preciso refletir sobre a extensão dos danos causados pela longa duração histórica das práticas de violência e humilhação contra a população negra. Essas agressões não são pontuais, acontecem cotidianamente, são naturalizadas e negligenciadas. Cabe

²⁷ AP, Livro de Matrícula da Casa de Detenção n.o.4048, ficha 3559, 13 de outubro de 1890.

também destacar que essa violência se reflete na divisão racial do trabalho e persiste na colonialidade do saber e do Ser²⁸.

Pesquisas recentes demonstram também que em toda a trajetória descrita até aqui, apesar de minoritária, a participação das mulheres na Capoeira sempre foi uma realidade e a sua invisibilidade passa por um imaginário que associa as lutas exclusivamente ao universo masculino,

ao mesmo tempo em que questionou nossos olhares enviesados, engessados por um viés ainda binário e essencialista de gênero e raça, fruto da colonialidade, que fizeram com que não enxergássemos as mulheres presentes na documentação como agentes históricas ou reservássemos a elas um lugar periférico no tecido do tempo (DIAS, 2021, apud FIALHO, 2021, p. 11).

Na segunda metade do século XIX, no contexto da escravidão urbana, mulheres e homens dividiam os mesmos ambientes onde se praticava a Capoeira e há registros policiais de mulheres destemidas envolvidas em conflitos amorosos, defendendo seu sustento e reagindo a assédios, valendo-se pra isso de golpes de Capoeira e de armas brancas como navalhas e facas (OLIVEIRA; LEAL, 2009). O corpo feminino frágil e idealizado para a maternidade correspondia apenas ao corpo das mulheres das classes abastadas. Os corpos das mulheres negras escravas e posteriormente, os corpos das trabalhadoras estavam sujeitos à exploração e a toda sorte de violências. As duas obras citadas acima apresentam diversas passagens ilustrativas de uma realidade muito dura onde as mulheres tiveram papel central na ocupação dos espaços públicos, entretanto, com seus corpos controlados de várias maneiras, tendo inclusive, suas façanhas em confrontos com homens ocultadas ou descritas de forma pejorativa para preservar a imagem dos homens que teriam sido por elas subjugados.

Apesar de toda a população negra ser indesejada, os registros têm além do viés racista, também o preconceito de gênero. “Na tipificação dos sujeitos indesejados e a serem perseguidos, os homens negros são capoeiras, as mulheres, prostitutas, ambos, seres baixos e impermeáveis aos valores” (FIALHO, 2021, P. 41). Raça e gênero aparecem como categorias combinadas de opressão, mas como categoria de

²⁸ Entende-se por colonialidade os vínculos entre o passado colonial e o presente de países latino-americanos, africanos e asiáticos que naturaliza hierarquias sociais onde estes povos são compreendidos sempre como inferiores ao branco europeu.

análise, o gênero expõe uma contradição que desafia pesquisadores da Capoeira a fazer uma leitura dos dados que permita desvelar o que se pretende ocultar.

(...) elementos idênticos são mobilizados de modos diferentes para situar mulheres e homens nos contextos de conflito. Assim como o ciúme, a prostituição enseja entre homens grandes conflitos de valentia, e entre mulheres, apenas brigas de putas, nada tendo a ver com a Capoeira (FIALHO, 2021, p.137).

O que também pode ter contribuído para a invisibilidade das mulheres na história e desenvolvimento da Capoeira foi o impedimento legal de sua participação em atividades físicas. Mesmo com o término da proibição do jogo, ainda persistia a idealização e o controle sobre o corpo feminino. Em 14 de abril de 1941 entrou em vigor o Decreto-lei 3199/41, que no Art. 54 do Capítulo IX - “Disposições gerais e transitórias” - tinha a seguinte redação: “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (BRASIL, 1941). Posteriormente, em 1965, a Deliberação 7/65, cria a regra que dizia: às mulheres – item 2: não seria permitida a prática “de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, rugby, halterofilismo e beisebol” (MOURÃO, 2010).

Essa realidade durou por muito tempo, entretanto, nas últimas décadas houve uma mudança bastante significativa e desde os anos 80 é possível notar uma participação feminina cada vez maior na Capoeira, chegando em alguns momentos a representar quase a metade dos seus praticantes e aos poucos as mulheres vão galgando as graduações mais elevadas, conseqüentemente assumindo posições de destaque no jogo e também no ensino. O aumento da participação das mulheres na Capoeira não passou despercebido por pesquisadores e pesquisadoras e o número de trabalhos sobre o tema vem crescendo substancialmente.

Mestres e capoeiristas que ensinavam, sempre tiveram como principal referência a Capoeira da Bahia – em especial os Mestres Bimba e Pastinha, além de outros mestres baianos que migraram para outras regiões do país – porém, no geral, não havia informação sobre os métodos empregados nessas escolas, exceção ao Mestre Bimba, cujo método de ensino foi registrado em um livreto que acompanhava o seu disco, como apontamos anteriormente. A forma do jogo sempre teve uma base comum, o uso de instrumentos e um repertório de cantigas tradicionais, mas cada mestre ensinava à sua maneira e o aprendizado se dava pela imitação dos movimentos e pela prática do jogo na Roda. Com o crescimento do número de

praticantes regulares, os capoeiristas começam a buscar formas mais eficientes de ensino e de organização das aulas para atender às expectativas dos novos adeptos.

Como sinalizado na Introdução do trabalho, crianças e adolescentes são na atualidade o público principal da Capoeira e a busca por métodos e formas adequadas de ensino tornou-se prática corriqueira no meio capoeirístico. O próximo capítulo será dedicado a esse tema.

CAPÍTULO 2. A RODA DO ENSINO DA CAPOEIRA COM AS INFÂNCIAS: ALGUNS APONTAMENTOS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

*Sou discípulo que aprende
Sou mestre que dá lição
(domínio público)*

A epígrafe que abre essa seção nos remete à situação de ensino-aprendizagem, tema que será abordado no contexto da prática da Capoeira a partir de uma perspectiva dialógica e dialética. Nesse sentido, aprender e ensinar não são ações que se opõem, mas, ao contrário, se alimentam mutuamente, como afirma Paulo Freire: “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se ao ser formado” (FREIRE, 2000, p. 25).

Partindo da perspectiva dialógica da Capoeira, que concebe todos os envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem como sujeitos, busca-se discutir a Capoeira sob as lentes da Teoria Histórico-Cultural (doravante THC), colocando em foco o conceito de vivência (*perejivanie*), proposto por Vigotski e abordado no artigo “O papel das vivências da personalidade na instrução” (JEREBTSOV e PRESTES, 2019), e sua relação com o ensino da Capoeira com as infâncias. Igualmente, serão abordados outros conceitos da teoria para qualificar essa discussão.

2.1 A Capoeira e suas possibilidades de interlocução

A Capoeira é uma prática cultural de origem afro-brasileira, sendo compreendida tanto como modalidade de luta quanto manifestação artística, transmitida de geração a geração por meio da interação social. Na Roda²⁹, a Capoeira conjuga elementos lúdicos, marciais, musicais, expressivos e ritualísticos, sempre sob a orientação e direcionamento de um(a) Mestre(a)³⁰ ou um(a) capoeirista experiente, que tem por princípio a manutenção da sintonia entre os participantes durante o tempo de duração da Roda. Isso acontece por meio de canções e outros códigos comuns aos praticantes, tais como os toques de berimbau que correspondem cada um a um modo diferente de jogar.

²⁹ Roda é o espaço circular delimitado pelos praticantes onde se desenvolve o jogo da capoeira. Refere-se ao ritual que permite com que o jogo aconteça.

³⁰ Mestre(a) é o título dado como reconhecimento aos capoeiristas que se dedicam por décadas à sua prática.

Esse modo diferente de jogar traz em seu bojo a tensão entre os elementos da luta e da arte, que se manifestam criativamente nos corpos, nas ações e relações daqueles que vivenciam a capoeira, revelando seu caráter processual, dialógico e alteritário (SILVA e FERREIRA, 2012; ALVES, 2013; LIMA e FERREIRA, 2021). Assim, jogar Capoeira não é uma questão de ganhar ou perder, visto que não se trata de jogar *contra* o outro, mas, sobretudo, jogar *com* o outro (LIMA e FERREIRA, 2021). E nesse jogo o diálogo entre a fantasia e a realidade se faz presente o tempo todo:

Uma luta com aparência de dança, dança que aparenta combate, fantasia de luta, vadiagem, mandinga, a capoeira sobreviveu por ser jogo cultural. Um jogo de destreza e malícia, em que se finge lutar, e se finge tão bem que o conceito de verdade da luta se dissolve aos olhos do espectador e — ai dele — do adversário desavisado (SODRÉ, 1988, p. 205).

Em razão de ocupar diferentes lugares na produção humana, a Capoeira pode atender aos mais diversos interesses e expectativas, tais como: o desejo de conhecer melhor nossas raízes culturais; praticar uma luta para a autodefesa; se envolver em uma atividade lúdica; aprender a tocar instrumentos musicais; desenvolver força e flexibilidade corporal, entre outras possibilidades de acordo com os desejos e objetivos dos praticantes.

Essa gama de possibilidades propiciou que a Capoeira tivesse uma ampla aceitação e inserção em diferentes contextos: academias, escolas e programas socioculturais de atendimento à infância e adolescência, notadamente a partir da década de 1990. No âmbito da Educação, a inserção da Capoeira no currículo escolar ocorreu com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – 1º ao 5º ano (BRASIL, 1997).

A Capoeira aparece nos PCN da Educação Física como elemento da cultura corporal do movimento vinculada ao contexto histórico-social dos estudantes possibilitando problematizações quanto à massificação e banalização impostas às manifestações tradicionais pela indústria do lazer e do turismo e também a reflexão sobre como foram historicamente produzidos e transmitidos seus conhecimentos e práticas.

Queremos assinalar que a Capoeira engloba elementos que podem ser explorados e desenvolvidos para além dos aspectos físicos e corporais, ainda que saibamos que a Educação Física não se restringe às práticas corporais. O que ressaltamos é a necessidade de articulação profunda de saberes que devem permear todo o processo de ensino/aprendizagem da Capoeira e que podem ser utilizados nas

diversas áreas do conhecimento, principalmente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, nos quais professores(as) e alunos(as) têm uma relação mais próxima e de maior duração que nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

O texto de revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil aponta o currículo como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que integram o patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Essas práticas estabelecidas com professores(as) e crianças afetam a construção de suas identidades.

Intencionalmente planejadas e permanentemente avaliadas, as práticas que estruturam o cotidiano das instituições de Educação Infantil devem considerar a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças, apontar as experiências de aprendizagem que se espera promover junto às crianças e efetivar-se por meio de modalidades que assegurem as metas educacionais de seu projeto pedagógico (BRASIL, 2013, p. 86)

O texto não cita especificamente a Capoeira ou outra modalidade como exemplos ou indicações de como atingir os objetivos propostos, mas não resta dúvida do quanto pode-se contemplar esses diversos aspectos nas aulas e nas Rodas, bem como em atividades de leitura, contação de histórias e dramatizações.

A Lei 10.639/2003, depois modificada pela Lei 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena em todas as modalidades de ensino e níveis da Educação é fruto da luta e do empenho dos movimentos sociais que defendem a necessidade de revermos nossa história a partir do olhar dos sujeitos subalternizados. Noguera (NOGUERA, 2014, p. 17) destaca a importância da difusão e consolidação dos conteúdos de histórias e culturas indígenas, porém sublinha que o marco simbólico e político da Lei 10.639/03 não pode ser perdido e por isso a opção por nomear assim o seu texto³¹, sem demérito ou desconhecimento legal da modificação posterior.

A Capoeira como instrumento de aplicação da legislação específica atende ao objetivo de estender os conhecimentos produzidos por africanos e seus descendentes na práxis (unindo teoria e prática) a toda a comunidade escolar, contribui para o combate ao racismo e propõe uma Educação que seja de fato antirracista.

³¹ NOGUERA, Renato. O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639. 1ª ed. RJ: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

Lembramos que as iniciativas para o reconhecimento do valor educativo da Capoeira, no entanto, não são recentes, e podemos encontrá-las já no início do século XX, passando pelo governo Vargas e durante o regime militar iniciado em 1964. Esses processos tiveram como característica em comum o desejo de retirar da capoeira os traços mais marcantes de sua origem negra e “escrava”³², aproximando-a o máximo possível da Educação Física, a fim de constituí-la como esporte nacional.

É importante frisar que nesse contexto estamos falando da adoção do ensino da capoeira para jovens e adultos. A prática sistemática da Capoeira com crianças e adolescentes tem uma história mais recente. Somente nas duas últimas décadas do século passado pudemos observar a intenção de introduzir a Capoeira no ambiente escolar com o propósito de explorar o seu potencial pedagógico e a forma de aprendizagem significativa da história do negro no Brasil (CAMPOS, 2001). A Capoeira com bebês na creche, por exemplo, ainda dá os seus primeiros passos (LIMA e FERREIRA, 2021).

Muito mais comum é encontrar a Capoeira como prática regular em projetos de educação não-formal que atendem às populações em situação de vulnerabilidade social (ALMEIDA, 2016). Nesses espaços ela tem grande aceitação e cumpre importante papel na construção da autoestima, do respeito pelo outro, da solidariedade e da valorização de saberes tradicionais. Essa adesão tem razão de ser por sua origem e desenvolvimento, ou seja, de luta marginal a uma alternativa educacional (LIMA e FERREIRA, 2021). Os espaços marginalizados, onde a Capoeira surgiu e construiu sua história, são os mesmos nos quais essas populações vivem e formam seus valores, por isso os praticantes têm familiaridade com a abordagem pedagógica e com as metodologias adotadas nas aulas de Capoeira.

É, ademais, um jogo que se autonarra, isto é, conta o tempo todo a sua própria história. Divisa-se, aí algo de criativamente educacional, porque se está apelando para a possibilidade de narrar toda a história e a cultura de um povo (o africano e sua diáspora), já que faz parte da Capoeira o espírito de reverência e de veneração aos mais velhos ou aos ancestrais do jogo. Tudo isso constitui uma possibilidade poderosa quando se considera

³² Entre 1808 e 1850, ano em que foi proibido o tráfico de escravos, existiu o que Soares definiu como *capoeira escrava*, a qual, segundo o pesquisador, não se restringe a “uma prática cultural excludente de negros libertos ou livres, mas a uma tradição rebelde que tinha fortes raízes escravas... e “seduzia” aqueles de outra condição social e jurídica, por sua maneabilidade e resistência”. O termo, portanto, não se aplica apenas aos negros escravos, mas ao contexto da escravidão. (extraído do Inventário para registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília – 2007)

a atração que o corpo-capoeira exerce sobre os jovens, Dança de Guerra é isso aí. (SODRÉ, 2012, p.11).

O crescimento do número de praticantes e a visibilidade que a Capoeira passou a ter inicialmente nos grandes centros urbanos e posteriormente de forma generalizada por todo o país criaram um mercado consumidor dessa prática e, conseqüentemente, sua entrada nas academias de ginástica e outros espaços dedicados aos cuidados corporais. O ingresso nesses ambientes trouxe um novo público para a prática da Capoeira implicando, portanto, uma nova dinâmica do ensino. O espaço da academia compartilhado com outras atividades modifica a gestão do tempo, restringe as possibilidades de acomodação dos instrumentos e objetos utilizados na caracterização do ambiente. Isso interfere nas estratégias didáticas que empobrecem as experiências dos alunos limitando ou retardando o processo de ensino-aprendizagem que é mediado por elementos do ambiente onde a prática acontece.

As escolas tradicionais espalhadas por todo o país, ainda que de forma precária, eram muitas vezes espaços dedicados unicamente ao ensino da Capoeira e tinham características muito próprias como decoração, disposição de instrumentos, móveis e funcionamento intimamente ligados aos hábitos dos mestres que eram cultivados pelos alunos e passados adiante pelos discípulos que pela dedicação à arte tornavam-se também mestres de Capoeira.

Nas últimas décadas, a Capoeira tem sido também objeto de estudo de dissertações de mestrado e teses de doutorado (LIMA, 2021; PAIVA, 2007; PIRES, 2010; REIS, 1993; SOARES, 1999, 2004), provenientes de diversos campos das Ciências Humanas e Sociais, tais como: a História, a Educação, a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia, além da Educação Física. Esse cenário aponta para uma tendência de os estudos ampliarem os ângulos e adensarem a temática da Capoeira.

Em relação ao ensino da Capoeira, este representa uma perspectiva de educação de origem popular carregada de significados e sentidos histórica e socialmente construídos. Sua perenidade e capilaridade por todo o território brasileiro compreendem uma gama de espaços de educação e uma rede de educadores não-formais que são repositórios de valores ancestrais que fundamentam essa prática.

A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para a instrução do

processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno (online)³³.

Mestre Pastinha um dos principais mestres de Capoeira do Brasil, dizia que o jogo da capoeira é um diálogo entre os capoeiristas que perguntam e respondem ao atacar, defender e contra-atacar. Esse diálogo corporal pressupõe uma relação de negociação de sentidos dos movimentos, não ocorrendo linearmente, mas sim em espiral, visto que:

[...] o próprio jogo da Capoeira se faz por interpretações dos movimentos do outro [...]. Se a interpretação do jogo for feita de forma equivocada, quando menos esperar, a rasteira aparece, mostrando a real intenção do movimento anterior: distrair o jogador. Se fosse possível que, momentos depois, os mesmos jogadores fizessem o jogo igualmente, quem levou a rasteira fará outra interpretação, com sentido diferente, partindo do mesmo significado (SILVA e FERREIRA, 2012, p. 669-670).

Na Roda, os jogadores interpretam os movimentos uns dos outros na e a partir de suas vivências. A vivência é compreendida na Teoria Histórico-Cultural (THC) como a unidade sujeito-meio, “a grandeza que dimensiona nossa presença no mundo” (LOPES, 2018, p. 48), isto é, nossa condição de ser singular e irrepitível no mundo.

2.2 Vivência e o ensino de Capoeira com as infâncias

Os últimos anos têm revelado o crescimento do interesse de vários pesquisadores, de diversas partes do mundo, em estudar o conceito de vivência na perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski (JEREBTSOV, 2014; TOASSA, 2009; VERESOV, 2014). Tal conceito é discutido frontalmente nos textos “A crise dos sete anos” (VIGOTSKI, 1996/1928) e “A questão do meio na pedologia” (VIGOTSKI, 2010/1935), ao relacioná-lo com o conceito de meio (*sredá*).

Veresov (VERESOV, 2019) exalta a importância do interesse pelo conceito de vivência e pela obra de Vigotski, mas também ressalta o perigo de usá-lo apenas como um rótulo. Nesse trabalho pretendo pensar este e outros conceitos da Teoria Histórico-Cultural em diálogo com aspectos do ensino da Capoeira com os quais tenho familiaridade. Logo, o estudo trata de aproximações e possibilidades de interlocução

³³ Extraído de <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/67/> em 25/01/2022.

entre a Capoeira e a THC, sem fazer afirmações conclusivas, mas buscando pensar nas contribuições que essa teoria poderá trazer para a compreensão do desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, o aprimoramento das metodologias de ensino da Capoeira.

De acordo com Vigotski (2010), vivência é uma unidade que remete tanto ao meio em que se vivencia como o modo como se vivencia. Nela estão representadas as especificidades da personalidade e do meio que formam uma unidade indivisível. O que se busca encontrar é o prisma que refrata a influência do meio sobre a criança, o modo como ela toma consciência de um acontecimento, atribui sentido e se relaciona afetivamente com o acontecido. O meio é visto como fonte de desenvolvimento das características humanas, uma vez que carrega consigo as formas ideais desenvolvidas, elaboradas pela humanidade ao longo da história. “*Perezhivanie*, como afirma Vigotski, é o conceito que nos permite compreender o lugar e o papel do meio social, a influência do meio no curso do desenvolvimento da criança (VERESOV, 2019, p. 2).”

Tão importante quanto saber quais são as particularidades da criança, é saber quais delas desempenharam papel significativo na sua relação com determinada situação, pois cada situação mobiliza de forma mais intensa uma particularidade dependendo das especificidades constitutivas da pessoa.

No caso da instrução e do ensino da Capoeira, como em toda relação de ensino-aprendizagem, as vivências de quem ensina - seja formalmente durante as aulas ou nas situações de jogo - são determinantes nas escolhas didáticas dos treinamentos e nas estratégias de ação na Roda.

Os sentidos do jogo não são dados de antemão, mas o seu significado, sim, pois há regras que orientam sua prática e possibilitam as interações entre jogadores de diferentes níveis de conhecimento sobre a Capoeira. Cada jogador, por seu turno, interage a partir dos recursos que dispõem (físicos, culturais, sociais, cognitivos), criando e solucionando situações problema, que são os movimentos de ataque, defesa e contra-ataque. As categorias sentido e significado formam um par dialético (AGUIAR, 2012), não podendo ser separadas.

Na vivência de uma situação, o sentido predomina sobre seu significado visto que uma mesma situação/acontecimento possui um significado que é compartilhado por uma comunidade semiótica, porém, o seu sentido é algo construído em torno de uma complexidade de aspectos psicológicos privados que essa situação faz emergir

na consciência de cada um. O significado é resultado de construções histórico-culturais estáveis, mas sujeitas à dialética das transformações. Os sentidos são construídos pelos sujeitos por meio de lembranças, vivências, percepções únicas, singulares e que dependem do contexto em que se encontram. Os significados estão presentes na matriz cultural e nós produzimos sentidos sobre esses significados. Os significados são construções sociais mais estáveis, e os sentidos são zonas mais instáveis, fluidas e profundas. Os sentidos permitem entender o sujeito como a unidade dos processos cognitivos, afetivos e biológicos, que explicam os motivos e as causas do pensamento, dos afetos e das atividades.

Tire o drama, toda a teoria desaparece, retire a situação social de desenvolvimento, toda a teoria desaparece, todos os conceitos formam um sistema de conceitos relacionados ao processo de desenvolvimento das funções mentais superiores (VERESOV, 2019, p.9).

As aproximações que aqui serão apresentadas partem do pensamento vigotskiano da gênese sociocultural da mente humana e do desenvolvimento das funções mentais superiores (KRAVTSOV, 2014). As situações que serão usadas como exemplos, fazem parte da dinâmica de ensino e aprendizagem da Capoeira que está diretamente ligada a um processo histórico e cultural que cria as condições sob as quais a Capoeira é praticada.

Para que obtenha êxito no ensino, os recursos necessários para o jogo são previamente apresentados e exercitados em aula, a partir das intenções didáticas do(a) mestre(a) ou responsável pela turma. Os ataques e as defesas, as movimentações e outras ações possíveis são exercitados segundo as situações que se pretende criar para que sejam desenvolvidas as qualidades necessárias para a melhora no desempenho dos praticantes. Na Roda, o jogo se constitui na atualização/ressignificação dos conhecimentos adquiridos durante as atividades orientadas com a finalidade de preparar o(a) capoeirista para executar o que foi treinado. Ocorre, porém, o conflito entre o familiar e o desconhecido propiciando deslocamentos do sujeito para responder ao inusitado que surge no imprevisto do jogo. Como assinala Alves (2013, p. 117), sem drama, sem desassossego, não há jogo da Capoeira: “É no drama, portanto, que se instala o olhar prospectivo do capoeirista, e ele ousa flertar com os desafios porvir, ao agir por sob os esquemas automatizados no ir e vir voluntarioso das negaças.”

Nesse sentido, a Roda de Capoeira cria uma zona de instabilidade e de possibilidades, constituindo-se numa Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI), outro

conceito central da Teoria Histórico-Cultural, que está fortemente ligado à relação existente entre instrução e desenvolvimento e ao papel colaborativo do outro.

Para Vigotski (2021), é preciso considerar o desenvolvimento infantil a partir de duas grandezas: o nível de desenvolvimento atual, que se refere aos conhecimentos e às capacidades já amadurecidas na criança permitindo que ela realize uma ação sozinha; e a zona de desenvolvimento iminente, que diz respeito aos processos e as funções psíquicas que estão em amadurecimento. A ZDI é caracterizada, portanto, por criar possibilidades de desenvolvimento, de transformações, numa relação de colaboração. Conforme explica Prestes (2012, p. 193-194),

[...] Vigotski diz claramente que a *zona blijaichego razvitia* [zona de desenvolvimento iminente] é exatamente aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda do adulto, pois o que ela faz sem a ajuda, e não mediação, do adulto já se caracteriza como nível do desenvolvimento atual, que não apenas revela as funções amadurecidas, mas também “apalpa” as funções que estão em amadurecimento.

Nesse sentido, as atividades realizadas pela criança em colaboração com o outro mais experiente cria um campo de possibilidades de mudanças no seu modo de ser e estar no mundo. O ensino e a instrução da Capoeira devem incidir, portanto, sobre a ZDI, favorecendo a emergência de neoformações, isto é, novas estruturas psíquicas que transformam a criança em sua totalidade. As neoformações são, portanto, as bases do desenvolvimento.

Ensinar Capoeira com crianças e adolescentes é colaborar para que ocorra o encontro com a sua história por meio da apresentação do significado dos nomes dos movimentos, dos toques de instrumentos e das histórias reveladas nas cantigas. É também proporcionar uma experiência estética por meio da música especificamente executada para a sua prática que orienta enquanto ocorre o jogo, mas que ela [a criança ou adolescente] também vai produzir quando está na bateria³⁴ tocando para os demais jogarem. Essa experiência é vivenciada pela criança de modo singular e inaugural. De acordo com Vigotski (2018a, p. 335), “na vivência estética não operamos com uma reprodução facilitada da realidade, mas com uma reprodução complexificada”. A isto Vigotski denomina reelaboração criadora, isto é, a condição autoral da criança (VIGOTSKI, 2018b). Nas palavras do autor:

³⁴ Nome dado ao conjunto de instrumentos que são tocados nas rodas de capoeira.

[...] a combinação desses elementos já representa algo novo, criado, próprio daquela criança e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve a oportunidade de observar ou ver. É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação (VIGOTSKI, 2018b, p. 19).

Em sintonia com a crítica a uma subordinação da experiência estética à moral, podemos trazer para o debate a trajetória histórica da Capoeira e dos capoeiristas, que transmitidos pelo professor ou mestre em momentos específicos ou pelas cantigas, estará sempre em relação dialética com a ordem estabelecida, pela sua origem no contexto da escravidão e desenvolvimento à margem da legalidade. Cabe àquele que ensina contextualizar os fatos e as situações narradas para dar sentido ao que se canta e proporcionar uma experiência significativa para os alunos, principalmente pelo caráter popular e predominantemente de domínio público das cantigas, o que exige uma postura ativa na recepção e elaboração das informações recebidas.

As cantigas são ricas em metáforas e nelas sempre são exaltadas a agilidade e a “malandragem”, a sagacidade e a coragem. Figuras como a cobra e o gavião estão sempre presentes como exemplo de atitudes que se deve ter na roda durante o jogo que, apesar da cooperação e do diálogo corporal também envolve performance e competitividade. Assimilar esses códigos em busca do prazer estético que a capoeira proporciona não significa desconsiderar o certo e o errado, mas compreender que há possibilidades de escolha e essas escolhas feitas na roda não correspondem exatamente às escolhas que teremos de fazer na realidade cotidiana, não representam um parâmetro exato para a conduta.

Para educar esteticamente alguém, deve-se criar nessa pessoa um canal permanente de funcionamento correto que deriva e desvia a pressão do inconsciente para necessidades úteis. A sublimação executa de formas socialmente úteis o que o sonho e a doença realizam de forma individual e patológica. (VIGOTSKI, 2003, p. 232)

Para Vigotski a Arte é um mecanismo biológico necessário para a eliminação das excitações não realizadas na vida. Ela não é complemento da vida, é o resultado do que excede a vida do ser humano. Logo, o ambiente proporcionado pela Roda de Capoeira com música, canto, ritmo e sinergia entre os participantes pode levar à catarse. A intensidade das emoções e paixões na atmosfera em que acontece a impressão estética provoca emoção, potencializa as forças incorporadas ao efeito

moral e torna mais fiel a impressão estética, porém, a ação moral é casual e secundária. Como afirmamos anteriormente, a arte nunca reflete fielmente a realidade e não é possível transferir diretamente o significado dos fenômenos da arte para os fenômenos da vida.

Vivências artísticas nos colocam diante de uma realidade dificultada, que exigem mais do que a realidade cotidiana, exigem um trabalho adicional de criação. O fato é que nossas possibilidades superam nossa atividade, ou seja, temos um potencial que excede nossas ações e essa diferença entre o potencial e o real é salva pela criação.

A criação infantil tem grande valor pedagógico, porém, seu valor estético está na autoria da criança, que supera a simples reprodução da realidade observada. Em sua atividade criadora, a criança distorce, destacando aquilo que mais significa para ela. Numa atividade de capoeira, importa pouco se a criança repete o gesto com perfeição, o que é fundamental é que ela se envolva com a atividade e ressignifique os movimentos que faz a partir de sua percepção.

Nesse caso, a beleza não se encontra na execução perfeita, naquilo que é raro, mas na prática do cotidiano, no esforço criativo em cada ação e no envolvimento com esse fazer, que é uma reelaboração criativa da realidade.

A construção do jogo depende do “vocabulário” dos jogadores que contém uma intenção, mas esta intenção só pode ser explicitada se os movimentos correspondentes a ela forem apresentados e treinados durante as aulas. Existem crianças que se mostram fascinadas pelos movimentos acrobáticos, como plantar bananeira (movimento de ponta cabeça) ou o aú (movimento parecido com a estrela da ginástica olímpica), enquanto outras têm maior afinidade com os golpes e esquivas, movimentos que dependem do entrosamento com o colega para que sejam executados dialógica e colaborativamente. Conforme salientam Lima e Ferreira (2021, p. 97), “O jogo da Capoeira tem como característica a questão do diálogo corporal e das relações de alteridade. [...] o corpo do capoeirista é uma junção de possibilidades, que sincronizadas a outro capoeirista constituem uma continuidade de ações.” Portanto, no jogo da capoeira existe uma interdependência dos praticantes.

- E como o(a) mestre(a) pode favorecer a apropriação da prática da Capoeira no momento do jogo na Roda, sem interromper a música para orientar quem está jogando?

De acordo com Vigotski (2010, p. 324), a Educação Estética não deve ser utilizada para fins pedagógicos “estranhos à estética”. Ela precisa ter o compromisso com a transformação, a criação, a emergência do novo. Nas palavras do autor: “a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento.” (VIGOTSKI, 2010, p. 342). A vivência estética fornece bases para ações futuras, inaugurando novos olhares sobre o mundo.

Todas essas possibilidades devem ser pensadas e as estratégias planejadas de antemão no ensino de Capoeira com crianças. Para Vigotski (2021, p. 174), “para gerar uma série de processos internos de desenvolvimento, são necessários processos de instrução escolar corretamente estruturados.” As aulas devem buscar contemplar toda a gama de movimentos que a Capoeira possui e podem ser relacionadas com o conteúdo de algumas cantigas que são ensinadas e que funcionam como códigos que remetem à ação mais adequada a momentos específicos da Roda.

Por exemplo, numa cantiga que diz *“troca a mão pelo pé e o pé pela mão”* aconteceria a seguinte dinâmica: o(a) cantador(a) canta a primeira frase e os demais respondem em coro a segunda frase. Nesse momento está estabelecido o código que orienta para a execução das acrobacias, o objetivo é fazer movimentos onde predominam as posições de cabeça pra baixo. Uma outra cantiga que poderia ser usada como código diz *“agora vem os golpes e eu vou me lembrar de olhar para o amigo, que é pro golpe não pegar”*. Aqui a música lembra que é preciso atenção e cuidado com o parceiro, pois o objetivo é atacar e se defender sem que ambos se machuquem. E assim como essas duas cantigas, existem várias outras que podem ser usadas como forma de orientação durante a roda a partir de elementos já ensinados anteriormente nas aulas.

Na medida em que as vivências são a unidade afeto-intelecto, na Roda, as crianças, ao vivenciarem tal experiência, conseguem reorganizar os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos, desenvolvendo a sua personalidade. Concordamos com Lopes (2021, p. 122) quando afirma que “É a unidade afeto-intelecto que permite a cada um de nós conseguir compreender e exercer certo controle sobre uma situação vivenciada, o que permite a ressignificação desse afeto, o autocontrole do evento, a consciência dele.”

As vivências são de natureza social, isto é, constituem-se em fenômenos interpessoais que o sujeito sintetiza no seu interior para fazer as suas escolhas na Roda e, futuramente, em outras situações da vida. O meio torna-se situação de vida e o conhecimento é movido pelo afeto, que, em última instância, transforma-se em fenômeno vivenciado.

O(A) mestre(a) ou orientador(a) no ensino da Capoeira tem o desafio de confrontar as suas vivências com as vivências dos seus aprendizes na relação dialógica estabelecida na Roda. A compreensão do que ele(a) explica depende do sentido que essa explicação faz para aquele(a) que o(a) escuta, das vivências que este(a) possui e que possibilitam determinada interpretação.

A vivência é necessária à pessoa, pois, nem os fatores inatos (instintos, necessidades), nem os adquiridos (hábitos, costumes, saberes), nem os normativos (regulamentadas pelo social) por si só são capazes de determinar a atividade humana. (JEREBTSOV, PRESTES, 2019, p.682).

Para esses autores (2019), o diálogo é a “ponte” que liga duas consciências e por isso é preciso que aquele que ensina tenha o dialogismo da personalidade para lidar com as emoções e motivos próprios de cada sujeito, capacidade de compreensão pela vivência das complexidades e contradições das relações sociais e do desenvolvimento pessoal. Essa compreensão não se entende como conhecimento, mas busca de sentido entre os interlocutores, aqueles que dialogam durante a instrução, mas também na liberdade da Roda, no momento do diálogo corporal presente no jogo da capoeira. Nesse momento, quando se entra na Roda, o diálogo atualiza os conhecimentos em dois sentidos, porque a “regra” do jogo diz que quem tem mais conhecimento provoca cuidadosamente o outro a desenvolver-se, enquanto permite a este se expressar e aprender a “fazer suas perguntas” em busca de uma resposta (defesa) que ele provavelmente desconhecia e que passa a fazer parte do seu repertório. Como se diz na cantiga “sou discípulo que aprende, sou mestre que dá lição”.

Esse processo dialógico comum na Capoeira pode relacionar-se com “obuchenie”, palavra russa para “aprendizado” como uma atividade comum entre um estudante e um professor (VERESOV, 2019, p. 5), na qual é mais importante a compreensão da lógica interna do jogo, que corresponde à criação, do que a execução de movimentos arbitrariamente combinados ou justapostos.

A Capoeira tem um conjunto de regras informais que oferecem a seus praticantes certa visão de mundo que poderia ser considerada como uma teoria. Essa teoria só pode ser alcançada por meio da vivência de cada um com e no meio, pela imersão na vadiação (modo como capoeiristas se referem à prática do jogo) e nos ambientes onde ela acontece. Por outro lado, a iniciação e o desenvolvimento do(a) jogador(a) estão condicionados à apresentação prévia ou à observação daquele conjunto de regras comuns aos praticantes, ou seja, a vivência só é possível graças à teoria. “As teorias são consequência e o motivo posterior das vivências” (JEREBTISOV, PRESTES, 2019, p.684).

Importa também dizer que nessa multiplicidade de relações interpessoais, na complexidade das vivências proporcionadas nas diversas situações de ensino-aprendizagem, sejam aulas práticas, teóricas, de musicalidade, e, por fim, nas Rodas de Capoeira, existe o entendimento, ainda que não explicitado verbalmente, do ser humano como ser histórico que vivencia a realidade a partir de um determinado ponto do seu desenvolvimento. O que percebemos no universo dessa prática confirma o argumento de Jerebtsov e Prestes (2019) de que o perfil do pedagogo precisa conjugar o acompanhamento, a parceria e uma relação pedagógica de vivências mútuas, carregadas de provocações/convocações que possibilitem que mestre(a)s e aprendizes avancem no seu desenvolvimento cultural e na sua inconclusão humana. Afinal, como nos lembra Freire “O nosso trabalho é realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca” (FREIRE, 2000, p. 162-163). Aprendiz e mestre(a) em permanente movimento de busca.

CAPÍTULO 3. A RODA E O JOGO DAS CAPOEIRISTAS EDUCADORAS

Neste capítulo, apresento o caminho metodológico para conhecer a Capoeira vivenciada por mulheres concretas que ensinam e aprendem Capoeira com crianças.

O primeiro critério de escolha das sujeitas foi o fato de elas, além de serem educadoras de capoeira, terem formação em Pedagogia e experiência na Educação formal como professoras da Educação Infantil e Anos Iniciais. Este critério não tem relação com qualquer tipo de academicismo, mas com a possibilidade de investigar o que elas pensam sobre a relação entre práticas educativas formais e não-formais, suas características e inter-relações. São mulheres negras, atualmente com 36 e 39 anos, que mantiveram relação com a Capoeira desde a infância e ensinam nas cidades do Rio de Janeiro e Paraíba do Sul. Uma é Mestre em Educação e a outra possui Especialização. Ambas trabalham com ensino de capoeira em ambientes educativos formais e não-formais, realizam pesquisas na área e têm publicações sobre Capoeira e infâncias.

Segue abaixo um quadro descritivo com as informações básicas das sujeitas da pesquisa.

Quadro 1: Características das sujeitas

	Gênero	Idade	Raça	Tempo de Prática	Graduação	Tempo de Ensino	Formação Acadêmica
Sujeito A	Feminino	36	Negra	21 anos	Instrutora	04 anos	Mestra em Educação
Sujeito B	Feminino	38	Negra	15 anos	Monitora	06 anos	Especialista em Educação

Fonte: produzido pelo autor, 2023.

As entrevistas foram realizadas através da plataforma *Google Meet* e o roteiro da entrevista encontra-se em anexo. A primeira entrevista aconteceu no dia 14 de abril de 2023. Numa sexta-feira, início da noite depois de um dia intenso de trabalho, Regiane “Morena”, uma mulher de 39 anos mãe de dois filhos, capoeirista educadora se mostrou totalmente disponível e disposta a responder às questões e fez um relato muito impactante da sua trajetória na Capoeira.

Quando fala, Morena transmite a propriedade de quem vive o que narra, não teme as contradições presentes na Capoeira e que nos impõe o desafio de assumi-la como nosso modo de Ser. Ouvir o seu relato é um exercício prazeroso que a cada retorno à gravação e à transcrição da entrevista vão se revelando camadas que

ficaram ocultas num primeiro momento, mas que se apresentam com clareza na medida em que vamos compreendendo melhor aquilo que ela buscava expressar.

Filha de uma família de educadoras sem diploma do interior do Estado do Tocantins, cresceu sob a influência da mãe e da avó, que se doavam para o crescimento das pessoas ao seu redor ensinando jovens e adultos da comunidade. Em toda a sua narrativa fica evidente essa influência e percebe-se que ela olha invariavelmente mais para o que pode fazer pelos outros do que pra si própria.

Em dois momentos distintos da vida a Capoeira cruzou o seu caminho, mas, tornar-se uma capoeirista foi sempre uma impossibilidade para ela. Na infância, quando foi pra cidade morar com a avó, viu os tios saindo de casa uniformizados e depois jogando numa Roda na praça da cidade, mas não pôde juntar-se a eles. Já adulta, quando trabalhou no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) logo ao chegar no local, viu que a Capoeira era uma das modalidades ofertadas às crianças. Nas duas ocasiões o jogo foi taxado por pessoas de seu convívio familiar como prática exclusiva de homens e que não era adequado para ela participar.

“O tambor me chamava, mas eu não conseguia entender”. Essa frase talvez ajude a ela mesma compreender sua atitude frente às adversidades que a impediram de vivenciar a Capoeira por tanto tempo. Adulta e já casada, o companheiro não admitia que ela praticasse, mas o chamado do tambor foi atendido, ainda que secretamente. Para isso contou com a compreensão e o apoio do professor que ministrava as aulas no PETI, pois ele permitiu que ela treinasse junto com as crianças, com exceção do período de férias quando as aulas aconteciam apenas na academia e ela não podia frequentar sem ser descoberta.

Morena viveu no século XXI a mesma opressão imposta aos praticantes da Capoeira de modo formal até os anos 30 do século XX, mas que culturalmente ainda pode estar presente no cotidiano de muitas pessoas pelo preconceito contra qualquer manifestação cultural de matriz afro-brasileira. Assim, só pôde praticar a Capoeira abertamente quando por um infortúnio ficou viúva e nesse momento, a prática da Capoeira foi também uma forma de superação.

Nessa época já era estudante de Pedagogia, envolveu-se ainda mais com a Capoeira e guarda com carinho as lembranças da cumplicidade de seu professor que a apoiou incondicionalmente durante todo tempo. Ela o auxiliava nas aulas, já frequentava as Rodas e o chamado do tambor ia deixando mais claro que ela haveria

de desempenhar na Capoeira um papel semelhante ao que as matriarcas da sua família desempenharam em sua comunidade.

A vida seguia seu curso normal quando a Capoeira lhe convidou para um novo jogo; lá no “pé do berimbau” lhe aguardava um novo amor, Venício, o “Careca”, um capoeirista caminhoneiro que fazendo a rota Belém-Brasília precisou parar em Araguaína por conta de um defeito no seu caminhão. Como capoeirista nunca está só, mesmo estando em terra estranha, procurou os “capoeiras” locais e encontrou o grupo do qual Morena fazia parte. Assim começa uma história de partilha na Capoeira e na vida. As coisas aconteceram rapidamente e o noivado não demorou, assim como o casamento e a sua vinda para Paraíba do Sul (RJ), onde a família – o casal e os filhos - reside e têm o seu cotidiano norteados pela Capoeira, com trabalho e dedicação constantes.

Para Morena, proporcionar às crianças uma vivência na Capoeira e permitir que tenham a experiência que lhe foi negada é uma forma de acertar as contas com o passado, mas o seu compromisso, expresso em diversos momentos na entrevista é contribuir para a formação de verdadeiros cidadãos. Ela acredita na Capoeira como instrumento de formação e se preciso – como é muito comum em nosso tempo - de transformação.

A segunda entrevista aconteceu depois de algumas remarcações e desencontros – coisa comum na rotina de pessoas que tem compromissos diversos.

Eu e Carolina conseguimos fazer a entrevista na noite do feriado de 1º de maio de 2023. “Pocahontas”, como é conhecida na Capoeira é uma mulher de 36 anos, personalidade forte e indisfarçável, mas que deixa entrever que estamos diante de uma pessoa de rara sensibilidade social e compromisso com as causas que defende.

O primeiro contato com a Capoeira na infância deixou marcas profundas e doloridas que talvez por não terem sido esquecidas, forjaram uma educadora absolutamente comprometida com sua proposta de trabalho e com a formação dos seus alunos capoeiristas.

Seu vínculo com a Capoeira transcende o pertencimento a grupos ou tendências dentro da prática, o foco está sempre na busca e na ampliação dos conhecimentos que podem melhorar a formação e conseqüentemente a atuação de capoeiristas educadores(as), em especial aquele(a)s que atuam com as infâncias.

O relato de suas vivências nos mostra uma pessoa que sempre se envolve profundamente nos projetos que abraça e se compromete com a sua realização. Essa

característica fez com que sempre conquistasse a confiança de seus formadores na Capoeira e ganhasse espaço nos grupos dos quais fez parte, mas também trouxe dissabores entre colegas de treino que não tinham o mesmo comprometimento, o que nunca foi empecilho para seguir se dedicando e buscando aquilo em que acredita.

Mas entre os percalços, há muito mais realizações, experiências exitosas e trabalhos bem realizados, publicações de livros e artigos, e também uma parceria muito importante com seu atual professor, com quem tem experimentado um acompanhamento verdadeiro e um suporte necessário para o seu desenvolvimento como capoeirista e para o seu trabalho como educadora.

Em sua trajetória teve de conciliar os estudos - graduação, pós-graduações e mestrado -, o trabalho na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro como professora de Creche e Anos Iniciais com os treinamentos. Uma rotina exaustiva, mas que sempre foi encarada com muita determinação.

Pocahontas tem uma trajetória bastante extensa e teve a oportunidade de conviver com importantes referências da capoeiragem carioca, o que não inibe seu olhar aguçado e crítico da realidade vivida dentro do meio. Sempre observando o respeito que é comum em práticas iniciáticas e hierarquizadas como a Capoeira, ela não deixa de apontar problemas e tecer críticas que devem ser levadas em consideração, pois partem de uma pessoa que tem uma vivência muito rica, que pode contribuir de forma efetiva para o aprimoramento das práticas pedagógicas dos que ensinam e das relações dentro da Capoeira, que vivenciadas de forma consciente permitem o pleno exercício da cidadania.

“Eu sou uma professora muito exigente, só que a minha exigência é muito(...) pensando naquela criança daqui a alguns anos...”. Frase dita quase ao final da entrevista seguida de exemplos concretos de suas preocupações em relação aos seus alunos, seus comportamentos nos ambientes em que vivem e naqueles por onde circulam, *“...então eu já tento antecipar coisas, pra quando acontecer ele lembrar de mim”*. Por isso, ela procura abordar a Capoeira, a história e trajetória dos capoeiristas da forma como de fato foram no passado e como são nos dias de hoje em suas qualidades e defeitos, pessoas reais que devem ser observadas, admiradas, mas sem idolatria.

Numa reflexão que fez durante a entrevista, lembrou que a sociedade precisa de mais humanidade, de compreensão real do que seja liberdade, de empatia e como a Capoeira é parte desse mundo e realizada por pessoas que nele vivem, Ela – a

Capoeira - também necessita de sujeitos mais humanizados que sejam capazes de se colocar no lugar do outro e refletir sobre como suas ações podem impactar positiva ou negativamente todo o seu entorno.

A pesquisa me permitiu o contato com duas histórias muito ricas de mulheres capoeiristas e o seu desenvolvimento, desde o primeiro contato até o momento atual e parece verossímil que a trajetória delas seja muito parecida com a de tantas outras mulheres capoeiristas que cada uma em seu tempo e independente de particularidades, encontram desafios adicionais àqueles que homens capoeiristas também se deparam em suas carreiras.

Precisamos falar da Capoeira como Ela é, de como Ela existe no mundo, nas “voltas do mundo”³⁵. Precisamos falar não só do que Ela foi ou do que poderá ser, mas do quê e de como Ela se apresenta agora, concretamente, feita por gente que está aqui pra nos contar suas histórias, pra dizer como a Capoeira as constitui e como elas constituem a Capoeira no seu lugar de atuação e na relação com seus e suas camaradas³⁶.

Não vou falar da histórias dessas capoeiristas partindo de um ideal ou de um modelo de prática, vou falar de capoeiristas que vivenciam uma realidade concreta e interferem no seu cotidiano fazendo – como diria Mestre Cobra Mansa³⁷ – “do pouco, muito”; vou falar de mulheres que na Roda da vida gingam, negaceiam, esquivam e contra-atacam, jogam com as adversidades, encaram os desafios com coragem e como bambas³⁸ que são, o fazem com o sorriso no rosto, não porque é fácil, mas porque as dificuldades não lhes tiram o prazer e a certeza de que estão fazendo o seu melhor para aqueles pra quem ensinam.

Quando estamos numa Roda, levamos para o jogo toda nossa bagagem, tudo o que já vivenciamos se manifesta nas nossas ações e é expresso no modo como atuamos naquele meio. Podemos então inferir que quem ensina tem cada um dos seus atos, cada plano, cada intenção, marcados pelas suas vivências. A vivência seria constituída de toda a bagagem que a pessoa traz consigo e que impacta na instrução de outra pessoa. É um conceito que não pode ser definido formalmente obedecendo

³⁵ Expressão comum na Capoeira que designa o momento em que os jogadores andam pela Roda, geralmente em sentido anti-horário, num momento de reflexão antes da retomada do jogo.

³⁶ Forma como tradicionalmente os capoeiristas se chamam uns aos outros.

³⁷ Cinésio Feliciano Peçanha, Mestre Cobra Mansa. Grande Mestre de Capoeira e uma das principais referências intelectuais sobre o jogo.

³⁸ Termo elogioso para denominar os que são conhecedores dos segredos do jogo da Capoeira.

a uma lógica normativa, porque ela forma o campo semântico, “ou seja, vivência ou sempre transforma o que existe, ou gera um novo sentido” (JEREBTSOV, PRESTES, 2019).

A proposta é trazer para jogar nessa Roda duas histórias de vida que, em diálogo podem nos apontar caminhos que possibilitem o aprimoramento das relações, da formação e das práticas na Capoeira, colocando a centralidade do papel docente no processo de ensino/aprendizagem, na preservação de valores ancestrais e na transmissão de saberes da cultura popular.

Ao pé do berimbau temos duas trajetórias que se aproximam, em seguida se afastam, voltam a se tocar e como todo bom jogo de Capoeira compõem um diálogo tensionado pelo ritmo da vida, como num toque de São Bento Grande³⁹, mas distensionado e ressignificado nas suas vivências como numa cantiga que comunica o sentido de um ato, de um fato, de uma lembrança que precisa ser *partilhada*.

*Vou contar uma história que há muito me ocorreu,
Nas andanças da “madruga” quando um negro apareceu
Fui a ele apresentado por um amigo meu...
(extraído de uma cantiga de capoeira)*

Ainda que a Capoeira não tenha sido o principal motivo para ingressarem no curso de Pedagogia, foi nas aulas de Capoeira que o ato de ensinar e as inúmeras possibilidades que ele comporta ganhou dimensão singular e pôde ser colocado em prática de forma mais significativa. Essa impressão é reforçada por frases como:

Então, desde lá em 2007 eu já me sentia um pouquinho professora, porque aquele pouquinho que eu sabia, quando o professor faltava era eu que ajudava da minha forma, bem grotesca mesmo (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Ou

Começou a ficar muito nítido pra mim, essa semelhança e essa coisa do fundamento desde os muito pequenininhos, eu acho que isso ajudou muito e eu entendi que, que quanto mais cedo eu começasse a ter essa experiência, (...) pra mim seria muito melhor (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Morena: Trajetória inicial no Tocantins

Trazendo à memória as lembranças das matriarcas da família, que foram educadoras sem formação no Tocantins, e relacionando-as com sua própria experiência no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) onde praticava

³⁹ Toque de berimbau que estimula um jogo objetivo e que pode ser executado de forma mais acelerada que os demais toques.

em segredo enquanto auxiliava o professor durante as aulas, Morena reflete: “Eu comecei lá atrás, já a entender que eu queria ser professora de Capoeira” (MORENA, ENTREVISTA 2023).

No seu relato, ela se espanta com o fato de ter desaprendido os toques de berimbau depois que veio para o Rio de Janeiro, já que quando estava no Tocantins fazia tudo relacionado aos instrumentos usados na Roda. “Quando eu chego aqui, eu vejo que aquela forma que eu aprendi a ensinar não era legal, não era ideal” (MORENA, ENTREVISTA, 2023). É possível inferir a partir da sua narrativa que a vinda para um lugar onde havia mais capoeiristas e Rodas de Capoeira, haveria de ter também um maior desenvolvimento dos aspectos musicais. Ela percebeu que ainda havia muito a aprender, mas, isso não significa que ela simplesmente não soubesse executar os toques, porque o seu conhecimento, ainda que não estivesse no mesmo nível que ela encontrou por aqui, na Região Sudeste, foi o suficiente para possibilitar a prática e o aprendizado das crianças pra quem ela ensinava lá em Araguaína junto com o seu professor.

O desejo de praticar a Capoeira adiado por tanto tempo, desde a infância até o ano de 2007, faz com que quase tudo pra ela pareça urgente, seja como forma de recuperar o tempo perdido ou uma cobrança exagerada sobre si quanto às suas capacidades. Quando fala sobre o tempo em que praticava no Tocantins com o Professor Urubu, descreve o trabalho como inclusivo, apesar do termo ainda não ser tão comum como hoje. “A gente não falava muito em inclusão, mas aí, pelo carisma e a didática do professor eu já via essa questão da inclusão, tanto é que eu me senti inclusa nas aulas” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Ela frisa que a didática não era tão adequada quanto é possível ser aplicada atualmente, mas que ele sempre buscava incluir as pessoas e que para ela isso foi muito importante naquele grupo desde que começou a praticar. Morena fez questão de destacar que havia até mesmo uma estratégia para ocultar de alguns responsáveis evangélicos que seus filhos e filhas frequentavam as aulas em função do preconceito contra manifestações da cultura afro-brasileira:

“(…) as crianças evangélicas, porque as mães não deixavam e a gente tinha todo um cuidado de fazer com que escondidas essas crianças treinassem e a gente explicando o verdadeiro sentido, né? Significado da Capoeira, porque a gente sabe que a Capoeira ainda é muito demonizada, infelizmente (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

No dia da entrevista ela disse que naquela semana uma mãe havia chegado na escola e quando viu o filho treinando Capoeira simplesmente o retirou da sua aula sem buscar compreender os motivos daquela atividade e quais os objetivos da Capoeira estar sendo ofertada na escola. Aparentemente, a direção não interveio no caso.

Ela não via no grupo do Professor Urubu em Araguaína/TO qualquer forma de discriminação no tratamento ou na forma de ensinar relacionada a gênero, o que nesse caso especificamente foi muito importante devido à ausência de referências femininas na capoeiragem local, que é um fator importante de motivação na trajetória de meninas e mulheres capoeiristas. Morena lembra que havia muitas meninas, muitas adolescentes e jovens de grande potencial para ser desenvolvido, mas que não havia Professoras e Mestras em quem se espelhar. “Se você me falar hoje assim, região, igual uma referência de Tocantins, que você viu, que você acompanhou, feminina não tem” (MORENA, ENTREVISTA, 2023). Por isso, era muito importante que houvesse um ambiente verdadeiramente inclusivo para que tivessem estímulo e condições mínimas para seguir praticando e se desenvolvendo no jogo da Capoeira.

Pocahontas: Trajetória inicial no Rio de Janeiro

Diferente do Tocantins, o Rio de Janeiro é considerado o principal centro de Capoeira do mundo e tem uma tradição histórica dessa prática, como exposto no primeiro capítulo. Existe nessa cidade uma enorme diversidade de grupos e milhares de capoeiristas espalhados por todas as suas regiões, inclusive na região de Vila Isabel, onde Ana Carolina “Pocahontas” cresceu e teve seu primeiro contato com a cultura local na Escola de Samba que leva o nome do bairro.

“Eu tive uma experiência muito ruim na infância, né? Nem sempre a criança fora dos padrões estéticos foi... teve um caminho tão feliz, não só dentro da capoeira...” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). Essa afirmação foi feita de forma enfática e não era necessário detalhar o acontecido para entender como o trabalho dedicado e cuidadoso que ela desenvolve hoje tem íntima relação com esse acontecimento.

Primeiramente, as vivências, normalmente, estão relacionadas a certas mudanças, acontecimentos significativos, que provocam desacordo entre a consciência e a existência e que põem a pessoa diante da necessidade de escolha. A pessoa que

vivencia é, antes de tudo, uma pessoa que faz escolha (JEREBTISOV, PRESTES, 2019).

E também a visão crítica em relação à postura negligente de muitos educadores com as dificuldades que os alunos têm no seu processo de aprendizagem, “Dar aula pra quem tem facilidade é mole. Eu quero ver dar aula pro gordo, pro hipertenso, pro Alzheimer, pro, sei lá...” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Algum tempo se passou entre esse fato desagradável e o reencontro com a Capoeira já na adolescência quando foi convidada a assistir ao Batizado⁴⁰ de uma prima na Vila Olímpica do Salgueiro. Sem qualquer expectativa, foi acompanhar a cerimônia junto da família e nessa ocasião presenciou algo muito diferente do que havia experienciado tempos atrás, ela percebeu que naquela Roda havia pessoas de todo tipo, gestantes, obesos, “marombeiros”, pessoas com diferentes níveis de habilidade. O que ela viu nesta Roda foi resumido na entrevista em uma palavra: diversidade.

A gente não tem maturidade para descrever com 15, 16 anos, mas a criança entende, né? (...) Aquilo foi um alerta pra me dizer que as pessoas, elas podem estar onde elas quiserem. Então, sem entender muito, né? Eu, eu já estava entendendo muita coisa (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

De volta à prática, entre pequenas pausas para estudo, ela nunca mais se afastou do jogo e relembra ter sido uma época muito feliz da sua história na Capoeira. Contribuiu muito pra isso a postura do seu então professor, o “Martelo”, a quem ela atribui características muito importantes para um educador, como a atenção a necessidades específicas dos alunos, não considerando apenas a sua graduação, mas também a individualidade; a dedicação ao treinamento da base do jogo, as posturas corretas da ginga, das esquivas e dos golpes, que ela cita como característica muito importante do Abadá-Capoeira⁴¹, e o comprometimento pessoal dele com o trabalho. Ela destacou um fato relevante: as aulas que Martelo ministrava na Vila Olímpica do Salgueiro naquela época eram feitas de forma voluntária, mesmo ele residindo em São Gonçalo, município que fica do outro lado da Baía de Guanabara.

Abro aqui um parêntese necessário para falar especificamente desse momento em que a sua relação com a Capoeira se consolidou e da forma como isso se deu.

⁴⁰ Cerimônia de iniciação da Capoeira criada por Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba.

⁴¹ Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira. Entidade presidida por José Tadeu Carneiro Cardoso, Mestre Camisa, sediada no RJ, presente em todos os Estados e em diversos países.

Durante a entrevista ela destaca que o ambiente que encontrou não se parecia em nada com a descrição que hoje temos daquela época, em que havia uma ênfase muito grande na objetividade e eficiência das técnicas de luta do jogo. Dentro dessa perspectiva, todo o seu encantamento inicial poderia ter se desfeito em seguida se na prática prevalecesse o espírito competitivo e a agressividade. Pocahontas acredita ter acompanhado um momento de mudança de mentalidade dentro da luta, em que os aspectos musicais, a assimilação de outras manifestações culturais afro-brasileiras e a ampliação do público praticante contribuíram para o enriquecimento cultural e para uma melhor compreensão do jogo.

Ainda colocando em perspectiva aquele momento, quando fala das referências femininas, ela faz uma crítica que nos ajuda a compreender como as mulheres estavam então inseridas no meio.

Ela não tem lembrança de mulheres que a tenham inspirado nesse início, seja por serem minoria entre os praticantes ou porque naquele momento dava-se mais destaque àquelas mulheres que demonstravam maiores habilidades físicas.

As mulheres que inspiravam outras eram sempre as mulheres que tinham uma força diferenciada ou uma habilidade diferenciada. Dificilmente a inspiração é porque a mulher é uma grande pensadora, porque a mulher era uma referência bacana pelo cuidado... coisas que eu também prezo demais e que eu comecei a entender ao longo da minha vida na capoeira (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

E ao longo dessa trajetória em que passou por alguns grupos de Capoeira, ela pôde encontrar referências femininas que fazem um importante contraponto a esse padrão que privilegiava o desempenho físico em detrimento de outros valores necessários para a formação de capoeiristas independente de gênero, principalmente para aqueles e aquelas que pretendem se dedicar ao ensino. Ela tem a impressão que quando uma mulher está ensinando, “o lugar do cuidado fica mais evidente” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023), há maior compreensão quanto aos problemas e as dificuldades das pessoas, mais sensibilidade no trato de questões pessoais que podem ocasionalmente interferir no desempenho num dia ou num determinado período dos treinamentos ou mesmo impedir a sua participação por um certo tempo.

Quando se refere a essas mulheres, ela exemplifica o que considera importante na atividade docente: “Água Viva é paciente, sabe explicar bem, dá aula bem para iniciante que também não é algo que qualquer pessoa faz tão bem, né?” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023) e reforça sua impressão enquanto reflete

sobre sua experiência de aprendizagem com mulheres, “A Galega era muito paciente, fazia tudo muito devagar, repetia muitas vezes. É a lembrança que eu tenho assim. Então é isso, tive poucas oportunidades assim de treinar com uma mulher” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Sobre a primeira capoeirista citada, a Água Viva, Pocahontas afirma categoricamente: “Eu falo que é um dos melhores treinos lá do Grupo “Arte Nobre” é o da Água Viva, eu já considero ela Mestre pelo tempo que ela tem, inclusive, ela tá quase se formando⁴²” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Faço um breve comentário para destacar que a minha demonstração de interesse pelas experiências de capoeiristas educadoras despertou rapidamente nela a lembrança de inúmeras outras capoeiristas que acreditava que eu deveria entrevistar e que poderiam dar depoimentos muito ricos sobre suas trajetórias e suas práticas docentes. Infelizmente, o prazo exíguo para a conclusão do trabalho e a importância de não negligenciar os objetivos propostos fizeram com que optássemos pela manutenção das duas entrevistas originalmente definidas, mas foi muito interessante saber que temos um número considerável de capoeiristas educadoras atentas aos trabalhos umas das outras e que vêm formando uma rede de troca de saberes e constituindo campo muito fértil para pesquisas futuras. Aparentemente, a questão provocou também uma reflexão sobre a necessidade de se perceberem e se reconhecerem como capazes de orientar e formar seus alunos da mesma forma que os homens, “Porque a gente comumente credencia muita coisa a homens, esquece das mulheres, as mulheres também fazem isso” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). E também de serem mais compreensivas com as falhas e equívocos cometidos por elas na sua atuação docente, afinal, homens também falham nesse processo e isso é normalizado. Os termos que ela usou para expressar esse sentimento ilustram perfeitamente como há uma cobrança muito maior sobre as mulheres em nossa sociedade, e independente do papel que ela esteja desempenhando, o ideal materno de perfectibilidade sempre estará presente até mesmo no imaginário das próprias mulheres:

“...eu sou muito reflexiva com relação a isso. A gente perdoa mais o pai, uma mulher é mais fácil perdoar o pai do que perdoar a mãe, tem um negócio desse ainda, né? Então, eu sou muito

⁴² Rosana Margato, a Água Viva foi formada Mestre de Capoeira em 20 de agosto de 2023 - pouco tempo depois da nossa entrevista - por Luiz Antônio de Abreu Coelho (Mestre Grilo)

reflexiva com relação a isso.” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Nessa fala percebemos como indica Collins que persiste a crença de que homens são mais falíveis e menos propensos a se responsabilizar por ações prejudiciais (COLLINS, 2019). O conceito de Imagens de Controle, criado por essa autora, demonstra como a percepção das pessoas é moldada tanto em relação a si, como em relação aos outros e influencia o modo como as mulheres veem de forma desigual os erros masculinos e femininos, chegando a se responsabilizar por ajudar os homens a se sentirem no controle de suas famílias reforçando um sistema de opressões que se baseia no poder e dominação masculina sobre as mulheres: o patriarcado.

A formação docente de Morena

Morena só pôde praticar a Capoeira quando adulta, apesar do desejo ter surgido ainda na infância. Mas como surgiu a vontade de ensinar? Ela mesma diz que sabia de alguma forma que desejava ser professora de Capoeira e o ofício de ensinar herdado das matriarcas da família se materializou no encontro proporcionado pelo trabalho no PETI ainda em Araguaína, no Tocantins.

“Isso é muito louco porque era uma necessidade, porque só tinha ele de adulto e não tinha uma pessoa para ajudar, então eu fui essa ajudante. Eu começava a tocar, eu tocava os toques mesmo sem entender qual era o toque, (...) que eu não tinha essa preocupação, né?” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

O que havia era o desejo de proporcionar àquelas crianças a possibilidade que lhe foi negada. Por isso ela se sentia como uma professora de Capoeira desde essa época, o ano de 2007. Mas nesse tempo ela relata que tudo era feito de forma empírica e motivada pelo desejo dos alunos que gostavam muito das atividades e participavam com muito entusiasmo das aulas e das apresentações que faziam. Não havia formação específica para o ensino de Capoeira para crianças e mesmo já cursando Pedagogia, ela reconhece que o horizonte se limitava ao cenário local, o que não contribuía para um aprimoramento das suas práticas. Refletindo sobre o impacto que a mudança para o RJ teve sobre a sua percepção da Capoeira ela lembra: “quando eu chego aqui, eu vejo que aquela forma que eu aprendi ensinar não era legal, não era ideal” (MORENA, ENTREVISTA, 2023). A participação em Rodas e outros eventos em que a Capoeira era tema ou participava da programação, o contato com capoeiristas locais e a observação do tratamento dispensado às crianças e

mulheres fortaleceu nela a ideia de que era preciso mudar. Levou essa questão para o Mestre – que também é o seu esposo – e a partir de então eles vêm buscando aprimorar sua metodologia de ensino observando as particularidades, os objetivos das pessoas e a proposta de trabalho em que estão inseridos.

Eu vi que quando ele começou a ter esse olhar para a Pedagogia, diferente é, pra Educação [de modo] diferente, de incluir a Capoeira e Educação, entender que a Capoeira é Educação. As coisas melhoraram, ele aprimorou a prática, eu aprimorei a minha prática... MORENA, ENTREVISTA, 2023.

Essa fala expressa o pensamento de Vigotski de que existimos de fato nos momentos de incerteza, quando por algum acontecimento, nosso esquema de vivências exige transformações pessoais (JEREBTSOV, PRESTES, 2019).

Nesse processo, ela enfatiza que houve uma importante troca de saberes pois a mudança de cidade permitiu a ela ter uma nova experiência na Capoeira – o contato com práticas mais adequadas no tratamento com aprendizes – e também a utilização dos conhecimentos adquiridos na vivência da Capoeira como ferramenta na Escola onde ela trabalha como professora da Educação Básica. Ela é professora regente de uma turma de 3º ano e professora de atividades extracurriculares em todo o Ensino Fundamental.

“A Capoeira está sendo usada como um tapa-buraco”

Morena utilizou essa expressão pra externar parte de sua inconformidade com a situação que ela vivencia na escola onde atua em Paraíba do Sul (RJ). Foi instituída pela rede do município a escola de tempo integral, entretanto, não há estrutura adequada para o seu funcionamento. Falta espaço físico, faltam banheiros para tomarem banho após as atividades físicas, o lanche não é suficiente para mantê-los alimentados durante todo o período em que ficam na escola, as atividades escolares mantêm os estudantes, que são crianças e adolescentes, por longos períodos sentados, além de atividades extraclasse em número insuficiente para atender à demanda.

Essa escola municipal fica em um bairro de população pobre, majoritariamente negra, que sofre recorrentemente com enchentes durante períodos de chuva e tem pouca oferta de serviços públicos, pois “nem os parquinhos são legais nesse bairro”, e ela considera que o lugar é esquecido pelo poder público.

Além de todos os problemas citados, a escola sofre com a falta de professores e é exatamente nesse ponto que entra a Capoeira: “Regiane, você pode dar aula ali naquela turma?”, “Regiane, hoje você pode ficar ali?”, “Você pode ficar com duas, três turmas?” (MORENA, ENTREVISTA, 2023). Essas são as perguntas que ela ouve com frequência e que a deixam muito triste. Mas, apesar do incômodo, ela acredita que essa situação permite que ela conquiste seu espaço, tenha seu trabalho reconhecido e ajude de alguma forma as crianças e adolescentes. Ela disse assim: “Só que eu falo que os Orixás têm me iluminado, porque as crianças, mestre, elas não estão motivadas a estudar, essas crianças nesse bairro. É um bairro que ninguém quer ir dar aula na escola” (MORENA, ENTREVISTA, 2023) e logo depois reflete: “Então, quando eu vejo as crianças me procurando o tempo inteiro”, “Tia, hoje vai ter aula de Capoeira?”, “Tia, eu posso fazer?”, “Eu estou na hora vaga, eu posso fazer o treino com a senhora?” (MORENA ENTREVISTA, 2023). Ela entende esse interesse e essa procura como sinal de que eles estão gostando das atividades que ela realiza, mas lembra que “eles estão gostando, mas a Capoeira não é o carro-chefe dessas atividades extracurriculares, entende?” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Morena compreende que há uma exploração do seu trabalho devido à desorganização do sistema, mas também vê nessa situação uma oportunidade de consolidar a sua presença naquela comunidade e realizar o trabalho que acredita que precisa ser feito e que ela tem como princípio realizar. Ela se preocupa com a vulnerabilidade das crianças pelos casos de desestruturação familiar (alguns pais em cumprimento de pena, vários casos de dependência química nas famílias) e a descrença da escola como lugar de transformação ou de possibilidade de mudança da realidade que vivem. Colabora com esse cenário de desalento a postura de muitos colegas de profissão que, por exemplo, durante uma reunião acontecida logo no início das aulas de Capoeira a abordaram para alertá-la para que ao ensinar a Capoeira, não fizesse com que as crianças ficassem ainda mais agitadas e agressivas, ao que ela respondeu: “gente, me desculpa, mas eu não estou aqui para ensinar vocês. Então, na época que nós estamos, a internet está aí e vocês podem pesquisar o que é a Capoeira” (MORENA, ENTREVISTA, 2023). Uma demonstração inequívoca do desconhecimento e conseqüente incompreensão do significado histórico e do importante papel formativo da Capoeira.

A formação docente de Pocahontas

Como já descrito anteriormente, Pocahontas tem uma trajetória de formação em Capoeira bastante sólida pela passagem por diferentes grupos, sempre participativa e realizando trabalhos muito significativos no campo da Educação. Essa trajetória se inicia quando ainda era Corda Amarela e Laranja (uma graduação de iniciantes), já cursando Magistério, começou a escrever um material para ensino de Capoeira para crianças, mas esse projeto foi abandonado quando começou a auxiliar o Professor Martelo nas aulas. Essas aulas de Capoeira aconteciam na mesma rua do Instituto de Educação onde ela lecionava e duas vezes por semana, ela saía das aulas direto para uma creche e para uma outra escola para dar suporte nas aulas de Capoeira.

Concluída a formação no Magistério, antes de ingressar na faculdade de Pedagogia, ela buscou primeiro o curso de Serviço Social

Eu sempre tive uma disposição e uma afinidade muito grande com a área social, então eu já fiz a pedagogia pensando muito em Escola Pública, pensando muito em classes populares, pensando muito nisso tudo (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Mas o ingresso no Curso de Pedagogia a fez vislumbrar um outro horizonte de formação, primeiro o encantamento com a temática do Patrimônio Imaterial, que esteve muito presente no meio devido ao reconhecimento da Capoeira pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional) naquele período e posteriormente a temática da História da Educação, cuja professora era, em suas palavras, excelente, e foi inclusive orientadora do seu TCC sobre História, Ensino e Formação. A questão da formação ela mantém em foco até os dias atuais, não somente como prática pessoal, mas pesquisando e promovendo Formações para capoeiristas que atuam na área da Educação. “Tanto que eu fiz o TCC da Pedagogia em História, Ensino e Formação. Gosto muito também da área de Formação de Professores, por isso que eu invento tanta moda com formação de capoeiristas” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Seu envolvimento com os projetos na primeira escola de Capoeira se manteve na passagem pelas outras e ela sempre ocupou um lugar de destaque nesses grupos, o que demandava muita responsabilidade com o trabalho, compromisso que nem todos desejam assumir. Se por um lado, esse envolvimento era positivo para o grupo na medida em que a organização de atividades e abertura de novos trabalhos

promoviam o seu desenvolvimento pessoal e o crescimento do grupo, por outro, trouxe contratempos com colegas que não compartilhavam da mesma entrega e do mesmo interesse.

“Eu tenho um problema com graduado de Capoeira que... qualquer pessoa que passa daquele rito de passagem, de ser aluno... eu não tenho paciência com essa gente, porque das duas, uma: ou ele vai planejar para atrapalhar sua vida ou só dele não fazer nada, ele já vai atrapalhar a sua vida, porque você começa a contar que aquela pessoa tem responsabilidade com Capoeira” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Essa afirmação tão forte tem por motivo algumas situações nas quais o relacionamento com outros integrantes das escolas de Capoeira por onde passou foi abalado por intrigas e pela falta de colaboração. Ainda na graduação Laranja e Azul (uma corda antes de tornar-se graduada e ter autorização formal para dar aulas), porém já formada em Pedagogia e atuando na rede municipal do Rio de Janeiro, ela começou a inserir a Capoeira nas suas aulas:

Eu comecei a dar aula de Capoeira pra faixa que eu trabalhava, que era de 6 meses a 3 anos de idade. Então essa faixa etária, eu com muita facilidade, eu já colocava as atividades de Capoeira no cotidiano das crianças (...)" (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Como professora, ela poderia de qualquer forma utilizar seus conhecimentos extracurriculares para enriquecer seu trabalho na escola sem a necessidade de vinculá-lo a um grupo de Capoeira, mas ela frisa que achava importante usar a camisa do grupo pra que soubessem que aqueles conhecimentos tinham sua origem nos ensinamentos de um Mestre que ela seguia, mas essa atitude foi usada contra ela. Essas pessoas que ela cita fizeram prints das redes sociais da escola e foram mostrar ao Mestre insinuando que ela estaria se utilizando indevidamente o seu nome. Em princípio, não surtiu efeito, mas ao longo do tempo o desgaste fez com que ela se desligasse dessa Escola de Capoeira.

Abro outro parêntese nesse momento porque a situação que desencadeou esse desgaste foi, no meu entendimento, o ponto chave do trabalho da Pocahontas e o que delineou sua trajetória posterior no universo da Capoeira.

Ela não tem a percepção de que houvesse durante o período em que esteve vinculada a essas escolas uma preocupação com a formação para o ensino de forma geral, nem especificamente para crianças. O que percebia era o interesse de algumas pessoas em pesquisar e se inteirar sobre formas mais adequadas de ensinar, sobre a historiografia mais recente que nos ajuda a compreender muitas coisas que antes

passavam despercebidas ou tinham explicações simplistas sobre o desenvolvimento da Capoeira.

Na entrevista ela se mostrou decepcionada com o pouco incentivo à pesquisa, à formação acadêmica e uma melhor qualificação dentro dos grandes grupos de Capoeira:

(...) eu sei que um grupo antigo que tem mais tempo e tem mais praticantes, tem mais oportunidade de ter pessoas pensando sobre Capoeira, escrevendo sobre Capoeira, compondo sobre Capoeira, gravando, sei lá..." (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Ela percebe que esse campo segue movido por esforços individuais e o seu caso é um ilustrativo exemplo dessa realidade. Relembrando o início do seu trabalho na escola enfatizou que a exaustiva rotina de profissional da Educação a obrigava trabalhar em dois turnos para ter uma renda melhor e que teve um caminho árduo até o ingresso no mestrado.

Cismeiquei que queria pesquisar Capoeira. Aí é quando eu consigo passar e decidi abrir mão de algumas coisas, entre elas a dobra da Prefeitura do Rio, que era o que me fazia ter independência, morar sozinha, porque com uma matrícula só não faria nem a metade do que eu tinha oportunidade de fazer dobrando e é isso aí (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Coerente com seus princípios, não abriu mão de manter os treinamentos com o Mestre, de seguir seu aprendizado na forma tradicional da Capoeira enquanto buscava aumentar seus conhecimentos fazendo pesquisa acadêmica. Ela entende que a oportunidade de ensinar Capoeira sendo professora do município, ou seja, dentro da sua carga horária semanal, foi fundamental, porque se tivesse de retornar em outro horário, organizar turmas extraclasse seria inviável diante de todas as demandas de treinamentos, estudos e planejamento que já tinha.

Mas suas maiores motivações além da possibilidade de ensinar na escola, vieram do trabalho de pesquisa, do processo de escrita do projeto e das leituras sobre Capoeira que embasavam a proposta, "porque não tem como eu refletir com profissionais da Educação, profissional de Capoeira, se eu não for uma" (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Pocahontas relembra que tudo aconteceu muito rapidamente e num curto período de tempo, entre 2017 e 2018 ela recebeu a Corda Laranja e Azul na Capoeira,

lançou seu primeiro livro, “A lenda do Maculelê”⁴³ em parceria com o também capoeirista, Michel Saraiva (Indiano). Ela ingressou no mestrado em Educação e foi designada para trabalhar numa creche, na qual a diretora ao recebê-la e saber que ela era capoeirista, lhe disse: “- A gente vai adorar ter Capoeira aqui!” O que ela entendeu como sendo “coisa de Exu”⁴⁴, afinal, nada havia sido planejado para que aquilo acontecesse, “ela simplesmente entendeu que aquilo ali fazia bem para as crianças, faria bem pra escola de algum jeito” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). Desse impulso surgiu o projeto dedicado ao que chamamos de primeiríssima infância.

No momento em que realizamos a pesquisa, Pocahontas estava prestes a iniciar uma outra especialização em História da África com o objetivo de compreender melhor os fundamentos da Capoeira a partir do estudo sobre os povos que ofereceram as matrizes culturais que contribuíram para o seu surgimento, assim como de outras manifestações culturais afro-brasileiras que têm sido resgatadas e praticadas principalmente pelos capoeiristas.

A relação com as infâncias

As duas capoeiristas educadoras sobre as quais esse texto se debruça tem por característica comum e foco principal de seus trabalhos o ensino voltado para infâncias, mesmo que ensinem também para adolescentes. Durante as entrevistas ficou claro que elas compreendem o potencial educativo da Capoeira e acreditam que começando bem cedo a sua prática é possível trabalhar valores caros à convivência e atuar de forma preventiva em ambientes saturados pela omissão do Estado e permeados por um cotidiano de violações de direitos.

O nosso foco são as crianças. Porque quando eles forem adultos, a maioria não vai querer trabalhar com Capoeira, [mas] vão lembrar da gente, vão pegar muita coisa boa, né? Da Capoeira, mas eles não vão ser capoeiristas, a gente sabe disso. Então, o foco é cuidar dessas crianças hoje” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Em Paraíba do Sul, apesar do relato de que há pais e responsáveis em cumprimento de pena e dependentes químicos, a presença dos demais responsáveis parece fazer parte do cotidiano. No Rio de Janeiro, no espaço onde

⁴³ SARAIVA, Michel. LACORTE, Ana Carolina. “A lenda do Maculelê”, publicado pela Ed. Metanoia. RJ. 2018

⁴⁴ Na cosmogonia Yorubá, Exu é o orixá mensageiro, um ser intermediário entre seres humanos e divindades a quem são feitas as oferendas antes de todos os demais orixás.

Pocahontas e o Professor Brinquedo fazem um trabalho, tivemos relato de quase abandono, já que crianças ainda pequenas ficam responsáveis por outras ainda mais novas e quando foi solicitada a presença para preenchimento de fichas de inscrição, houve baixíssimo comparecimento e o conseqüente afastamento dessas crianças das aulas de Capoeira.

E eu, sinceramente, por um momento até procurei, mandei recado, porque é isso que eu queria. Além de tudo isso, que elas assinassem o termo autorizando a criança a ir e voltar sozinha, eu precisava disso. (...) o dia que a gente se atrasar e tiver uma troca de tiros, essa criança tiver aqui na porta (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

No entanto, elas demonstram alguma ansiedade quanto a possibilidade de estender seus trabalhos para jovens e adultos, o que pode estar relacionado com uma crença limitadora de gênero – mulheres com menor propensão ou capacidade para ensinar para além das infâncias – ou uma deficiência de formação dentro das escolas de Capoeira que não levariam em conta essa possibilidade, deixando de prepara-las para essa função e assim desencorajando as mulheres a assumir um protagonismo nesse papel.

As turmas com as quais trabalham com adolescentes estão em espaços onde as aulas são compartilhadas com seus formadores (Um mestre e um professor de Capoeira), fato que parece dar mais segurança e que pela descrição da relação que elas mantem com eles, indicam que há possibilidade de que em algum momento se sintam preparadas para também fazer esse trabalho sozinhas.

As duas entrevistadas apontaram que há diferença na forma de atuar em espaços formais – como a escola - e não-formais – como os projetos sociais. Morena e o seu Mestre mantêm uma ONG que atua em quatro núcleos de atendimento em bairros de Paraíba do Sul. Nesses locais recebem desde bebês, como ela mesma define sendo “quatro netos na Capoeira, que são pessoas que nasceram de relacionamentos que foram construídos no nosso grupo, até 17 anos” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Para a utilização das quadras onde acontecem as aulas existe acordo com as comunidades e os espaços são reservados duas vezes na semana exclusivamente para o projeto da Capoeira.

Nos outros espaços que são nos outros bairros, a gente ocupa os espaços públicos. Espaço comunitário e Quadra, então, como é a noite, a gente combina com a comunidade, eles já sabem que aquele dia até tal hora da noite é só a capoeira, então tem

um acordo com a comunidade e dá tudo certo (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Até maio deste ano, eles – Morena e o Mestre Careca - tinham uma casa alugada que servia de sede da ONG composta por biblioteca, sala de reforço escolar, aula de libras, cozinha e secretaria, porém, não conseguiram arcar com os custos do aluguel, sendo preciso entregar o imóvel e manter apenas as atividades nos outros espaços.

Apesar dessa dificuldade, ela percebe que no trabalho fora da escola há melhores condições para a organização das suas atividades, sem inconvenientes como a necessidade de divisão da quadra com as atividades de Educação Física, dependendo da colaboração do(a) professor(a) ou da exposição ao sol em dias de calor quando ficam em área descoberta. A divisão da quadra implica mudança no planejamento de ambos, assim como em dias quentes fica inviável fazer uma aula completa de Capoeira embaixo do sol, e como não foram adquiridos os instrumentos (berimbaus, atabaque, pandeiro, agogô), não é possível usar o tempo de aula nessas ocasiões para desenvolver a musicalidade.

Nas aulas fora da escola, onde trabalham de forma voluntária, utilizam seus próprios instrumentos e como as aulas acontecem no início da noite, não tem o problema da exposição ao sol. O caso da Morena demonstra que a mera introdução da Capoeira no ambiente escolar não basta, é preciso compreender qual papel pode ser desempenhado e quais as necessidades daquele(a) professor(a) que ali vai atuar. Percebemos que o improvisado é visto com naturalidade no trabalho voluntário em espaços não-formais de Educação, mas é compreendido de forma muito negativa e como sinal de desvalorização quando se trata da Educação Formal.

Pocahontas atuou durante vários anos na creche com as boas condições de trabalho que um berçário exige e ela ressalta que o custo elevado tem diminuído a oferta do Berçário I. Atualmente, ela é professora dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação da UFF, que também oferece boas condições materiais de trabalho, mas demonstra um sentimento ainda maior quando fala de suas experiências em projetos sociais.

Ao ingressar no grupo que faz parte atualmente, rapidamente já assumiu as aulas para crianças pequenas – aquelas que são normalmente consideradas mais difíceis - mas ela abraça essa causa e sentencia: “Eu acho que Capoeira não existe

sem criança e sem mulher! Eu tenho essa frase: - Quem dá continuidade para a Capoeira é a mulher e a criança” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Nesse momento, ela já começa junto com o Professor Brinquedo a tomar a frente do trabalho no local, que foi paulatinamente abandonado pelo mestre responsável pelo espaço. Juntos, eles fizeram uma grande reformulação no projeto e em pouco tempo já ofereciam teatro, curso pré-universitário, sala de leitura, dentre outras modalidades. “No espaço já existia estrutura, era só alguém querer fazer” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023), e foi isso que eles fizeram, não sem que houvesse conflitos com outros alunos graduados que não queriam assumir responsabilidades com a proposta.

O propósito era fazer sempre o melhor:

Não dá pra fazer de qualquer jeito porque é favelado. (...) Ah! Pra pobre qualquer coisa serve! Isso é uma filosofia social, não é do capoeirista, não. Isso existe! Pra mim, eu sempre falei, pro filho do trabalhador é sempre o melhor! Seja na favela, seja no subúrbio, seja na praça do 432 (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

O compromisso com a educação das infâncias em ambientes degradados e carentes de serviços e políticas públicas tem sido mantido por essas mulheres ao longo do tempo, conscientes de que não é um trabalho visando especificamente a formação de capoeiristas - o que até pode acontecer - mas contribuir da melhor forma possível para a melhoria do ambiente, o acesso a direitos fundamentais, a promoção de cidadania e a formação humana.

A Capoeira e a aplicação da lei 10.639

Quando questionadas sobre o seu conhecimento da legislação (Leis 10.639/03 e 11.645/08), elas responderam positivamente, entretanto, no que se refere à sua aplicação, nos dois casos as respostas apontam para esforços individuais de formação, não havendo uma iniciativa institucional de qualificação para todo o corpo docente.

O conhecimento da legislação e a dificuldade na aplicação continua sendo a nossa realidade mesmo após 20 anos de sua existência. Queremos frisar em consonância com Renato Nogueira (NOGUEIRA, 2014, p.17) que nomeamos esse tópico nos remetendo apenas à lei 10.639/2003 por ela ser um marco simbólico e político da luta dos Movimentos Negros para a modificação das relações étnico-raciais no Brasil. Reconhecemos como fundamental a inclusão da História e Cultura Indígena

no currículo de todos os níveis de Educação, entretanto, nosso trabalho tem um vínculo específico com a História e Cultura Africana e Afro-brasileira, fonte da qual a Capoeira surge e se nutre cotidianamente.

A Capoeira tem uma inserção na sociedade brasileira como poucas outras atividades e esse interesse e aceitação por grande parte da população pode favorecer inclusive a aplicação da legislação referente ao Ensino de História e Culturas Afro-brasileira e Africana. Esse tema foi abordado nas entrevistas buscando compreender a realidade da formação em Educação para as relações étnico-raciais de forma geral, já que não cabe somente às disciplinas das Humanidades desenvolver a temática, nem deixar a cargo das atividades extracurriculares todo o trabalho desse conteúdo.

Ressaltamos também que a Educação para as relações étnico-raciais não é uma tarefa com finalidade voltada apenas para a população negra, mas pelo contrário, sua efetivação visa atingir exatamente os demais extratos da sociedade.

Por essas características, se faz necessário compreender que um dos erros no que tange algumas interpretações da implementação da lei 10.639/2003 está no fato de que a mesma não surge para aumentar a autoestima dos(as) negros(as), mas sim para combater o racismo na educação, propondo uma educação que seja de fato antirracista e que consiga abraçar a todos os indivíduos de forma igualitária, pois esta construção de um imaginário que, ao longo dos últimos anos continua entendendo que a referida lei irá “privilegiar” os negros, diverge e muito do intuito da constituição da mesma (SILVA, 2021, P.40).

O cenário em Paraíba do Sul

Morena, antes da pandemia foi formadora do PNAIC (Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa) e nesse período organizou formações no município para professoras interessadas, porém, a participação não era obrigatória, não havia interesse em fazer a formação fora do horário de trabalho e durante um ano as atividades tiveram pouca adesão. “Quando nós fizemos formação continuada com a temática e poucas pessoas participavam, mas se falasse hoje, Regiane, hoje você tem alguma formação que a escola oferece? Não!” (MORENA, ENTREVISTA, 2023). No momento em que fizemos a entrevista, estava em implantação uma série de cursos de capacitação que ela não soube dizer exatamente quais os temas por ainda não ter acessado a plataforma, mas já sabia que muitos colegas não queriam participar.

Ginga gente miúda

A avaliação diagnóstica do ano de 2018 da turma do 2º ano da Professora Regiane (Morena) de uma escola municipal situada na Zona Rural de Paraíba do Sul (RJ) revelou um baixo nível de leitura e escrita, mostrando também a dificuldade da turma em falar sobre tons de pele e as meninas - mais especificamente - se achavam feias por terem cabelos crespos. O jogo seria duro enfrentando um adversário difícil de ser batido, mas pra quem define sua história na Capoeira como uma história de resistência, esse seria apenas mais um embate numa trajetória repleta de desafios.

E porque não utilizar todas as possibilidades que a Capoeira nos oferece para favorecer o processo de ensino-aprendizagem, fazer com que aquelas crianças se percebessem como sujeitos de direitos, dignos de respeito e que valorizassem suas diferenças?

Assim surgiu o projeto “Ginga gente miúda: A Capoeira e a cultura afro-brasileira contribuindo no processo de alfabetização e na construção da identidade”. Morena fez todo o trabalho de pesquisa sobre Capoeira e Educação, a adequação da proposta à BNCC atendendo ao contexto da sua comunidade escolar, elaborou estratégias de ensino interdisciplinar que valorizavam as situações lúdicas de aprendizagem tendo como objetivo geral valorizar a cultura afro-brasileira, elevando a autoestima dos alunos.

Após a delimitação do projeto, foi feita a apresentação para a direção e a orientação da escola, que prontamente apoiaram e convidaram os responsáveis para uma reunião sobre a proposta de trabalho para aquela turma.

Dentre as estratégias didáticas empregadas estavam em Português: a leitura de textos da cultura popular, afro-brasileira e africana, indígena e de outros povos; textos coletivos, tendo a professora como escriba; uso do dicionário; contação de histórias; dramatização de textos lidos; construção de um livro com releituras do livro *Poemas para Gingar*⁴⁵, com a produção de diferentes gêneros textuais. Em Matemática: Espaço e forma; construção e leitura de gráficos e tabelas; grandeza e medidas; as operações. Em Arte: Capoeira; Estética; Artes Plásticas; expressão corporal e ritmos. Em Geografia e Ciências: leitura de mapas temáticos, mapas mentais, croquis e percursos; a relação natureza e homem promovendo consciência socioambiental e o respeito a si e ao outro; acolhimento e valorização da diversidade individual e de grupos sociais, relações de causa e efeito das ações do homem na

⁴⁵ LACORTE, Ana Carolina; SARAIVA, Michel. *Poemas para gingar*. Rio de Janeiro: Metanoia. 2017

natureza. Em História: construção da identidade individual e identidade coletiva; discussão sobre diferenças físicas dentro do grupo que correspondem às heranças familiares e seus grupos étnicos; a história dos lugares: comunidade; as transformações com a passagem do tempo e o tempo como medida.

O projeto de leitura teve destaque nesse trabalho, pois observava a necessidade da turma e seus diferentes níveis. Leitura individual, coletiva, compartilhada e dramatização de livros disponíveis na escola e outros comprados por ela – o que reforça a afirmação das iniciativas individuais serem mais comuns que as ações institucionais.

Uma ação muito eficaz foi a criação do embornal da leitura, “que ia pra casa com um livro relacionado à temática, uma boneca Abayomi e sua história, uma folha avulsa meia pauta para escrita de relato da leitura e uma ilustração que no final viraram um portfólio” (LACORTE, SARAIVA, 2020, p.52). Dessa forma, a família acompanhava e participava da leitura e da escrita das crianças e o relato do dia de cada criança era acompanhado com entusiasmo e interesse.

- Enquanto eu lia, minha mãe segurava a boneca.
- Tia, eu não consegui ler, mas meu pai fez a leitura e eu segurei nossa boneca.
- Tia, eu não consegui escrever, a senhora briga se minha mãe escrever?
- Tia, eu só desenhei, ela ficou triste (a boneca). (LACORTE, SARAIVA, 2020, p.52).

O projeto também desenvolveu a confecção de instrumentos musicais e brinquedos africanos, danças e cantigas populares, promovendo o reconhecimento das nossas heranças culturais de matriz africana. A turma recebeu no mês de novembro a visita do Mestre Careca⁴⁶ que proporcionou uma oficina de percussão na qual puderam manusear diversos instrumentos musicais, participaram também da abertura do 1º Seminário de Alfabetização do município apresentando a *Puxada de Rede* e a *Ciranda Pernambucana*. Em relação a essas apresentações, ela destaca o fato de todas as meninas estarem de cabelos soltos e felizes pelos elogios que receberam, o que evidencia a importância desse trabalho também na elevação da autoestima das crianças negras.

Morena também proporcionou à turma um encontro com a escritora do livro *Poemas para Gingar*, Ana Carolina Lacorte (Pocahontas) que fez uma manhã de

⁴⁶ Venício de Souza, Mestre do Grupo de Capoeira Balaio de Bambas.

autógrafos, assistiu às apresentações baseadas nos poemas do livro e recebeu a releitura da sua obra, uma produção coletiva abrangendo vários gêneros textuais da proposta curricular feita pelas crianças.

O Projeto Ginga Gente Miúda foi contemplado com o Prêmio Professor Manuel Gonçalves D'Ascensão, em 2018, que valoriza os profissionais da educação municipal que se destacaram pela contribuição dada para a melhoria da qualidade da Educação Básica, por meio de experiências bem-sucedidas, criativas e inovadoras. (LACORTE, SARAIVA, 2020, p.59).

A avaliação que ela faz do projeto é muito positiva pela participação efetiva dos alunos, envolvimento das famílias que observaram a melhora do aprendizado e da autoestima das meninas, mesmo reconhecendo que ainda há desconhecimento e algum preconceito da comunidade escolar quanto às origens da Capoeira.

Morena afirma que o trabalho realizado com a turma do 2º ano dessa escola demonstra que é possível trabalhar a temática sem abandonar a proposta curricular, mas pelo contrário, enriquecendo-a por contemplar a diversidade e a pluralidade étnico-racial do povo brasileiro, afirmando valores culturais e atuando como ferramenta na luta antirracista e de formação identitária (LACORTE, SARAIVA, 2020, p.61).

O cenário no Rio de Janeiro

A percepção que Pocahontas tem do interesse dos professores e da oferta institucional de formação para aplicação da legislação (Leis 10.639/03 e 11.645/08) não é diferente. Em todos os lugares que trabalhou, ela sempre perguntou se no Projeto Político Pedagógico tinha algo envolvendo diversidade e o que existe sempre são duas ou três pessoas que tem interesse e trabalham os conteúdos em suas práticas. Ela faz uma crítica objetiva:

Mas é isso, são um, dois ou três professores fazendo, fazendo bem, são os professores que costumam procurar formação e quando bate uma fiscalização, usam seu trabalho como se fosse da escola, (...) e muitas vezes, sem me sinalizar, sem me avisar, sem avisar os professores que faziam aquilo (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Do ponto de vista dos professores ela critica a falta de interesse por formação, lembrando que não basta que o professor que deseja aprender se aproxime de quem já buscou formação, “ele não reparou ainda que ele precisa de formação pra isso. Você aprende com o colega, mas que você tem que ter espaço fora dali pra você estudar, ler e tal” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Capoeira vem de berço

Quando começou o seu projeto na creche em 2018, percebeu que o processo de adaptação é longo e requer compreensão do momento pelo qual os bebês estão passando.

Não tem aquela semana de acolhimento, de uma semana, duas, bota aí meses acontecendo. São crianças muito pequenas, que sentem muita falta dos responsáveis e tal, estranham muito aquele monte de adulto novo, aquele espaço novo (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Ciente das características do trabalho a ser feito, já possuindo experiências anteriores de ensino da Capoeira e diante da boa receptividade que teve da direção e demais colegas, começou a inserir elementos civilizatórios afro-brasileiros como a circularidade, a musicalidade e a ludicidade no seu projeto de adaptação para os bebês.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são princípios e normas que constituem nossa existência no âmbito de nossas subjetividades e coletividades que forjam estratégias para nossas ações e posicionamentos nas várias esferas cotidianas (SILVA, 2021, P.55).

“Aí eu começo a amadurecer também essa parte dessas leituras assim, que seriam coisas que eu sabia que eu leria mais à frente, de repente, no mestrado” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Apesar do mestrado não ter exigido exatamente essas leituras, elas foram de grande importância para fundamentação do seu trabalho na creche. A Roda como elemento cotidiano, “principalmente aquele momento de troca inicial do dia, quase sempre no início do dia. Porque é uma turma que precisa de alguns combinados, mas nas atitudes, não na fala” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Aos poucos, também foram inseridas músicas do folclore e da Capoeira, algumas já conhecidas das crianças por fazerem parte do desenho “Galinha pintadinha” e assim foi se desenvolvendo o projeto de acordo com o ritmo que a turma avançasse.

O trabalho com os muito pequenos precisa de uma paciência da docência que a gente não está muito acostumado e pra mim foi um aprendizado pra vida, porque essa coisa de esperar o tempo do outro faz parte de qualquer processo educativo, qualquer um, [pra] você ensinar qualquer coisa (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Pocahontas está sempre em busca de informação, sempre instigada por novas possibilidades, novos conhecimentos que possam ser agregados às suas práticas, sejam eles acadêmicos ou populares.

E já faz parte de mim, fazer um planejamento de aula e pensar: - Caraca, será que o Lobisomem⁴⁷ tem um cordel sobre isso ou será que o Boa Voz⁴⁸ escreveu um negócio sobre isso? Será que o Líbano Soares⁴⁹ já fez algum texto para criança, etc.? (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Ela percebe que a Capoeira acaba agregando outras manifestações culturais e abre diversas possibilidades para o trabalho baseado nos valores civilizatórios afro-brasileiros e conseqüentemente a aplicação da legislação que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em toda a Educação Básica do país. “É que você conquista a criança muito rápido com música, é impressionante, é impressionante. Pra mim, é fundamental desde o berçário até os maiores que eu estou agora, as crianças maiores” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Hoje, ela leciona no Colégio de Aplicação da UFF, que tem 16 anos de existência e nessa instituição ela foi a responsável pelo primeiro programa de extensão de Educação Antirracista, implantado há pouco mais de dois anos: “porque aí é um guarda-chuva, porque Educação Antirracista não dá pra você fazer uma ação só” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Já em 2020 aconteceram as primeiras atividades do programa, que vai de Formação Continuada a Rodas de Conversa itinerantes em escolas públicas, atividades desenvolvidas no próprio Coluni⁵⁰, com a Capoeira, Cultura Popular, vinculadas com atividades de pesquisa em que alunos ganham bolsa para pesquisar elementos da nossa cultura (nesse momento estão fazendo pesquisa sobre tambor). Mesmo durante a pandemia ela buscou formas de manter as atividades, oferecendo o projeto “Capoeira entre telas” de aulas *on line*, a qualquer estudante da Rede Pública, não só daquela escola.

Na sua fala fica claro como o vínculo pessoal com a causa antirracista é determinante no engajamento cotidiano, “A educação antirracista é uma prática de vida, então é o seu aluno que é do candomblé que vai estar de resguardo, mas a

⁴⁷ Victor Lobisomem, capoeirista, escritor, compositor e músico.

⁴⁸ Sebastião Pelegrini de Matos, Mestre Boa Voz, compositor e um dos maiores cantadores de todos os tempos, falecido recentemente.

⁴⁹ Carlos Eugênio Líbano Soares, Historiador e grande referência nas pesquisas sobre capoeira no Séc. XIX.

⁵⁰ Colégio Universitário Geraldo Reis da Universidade Federal Fluminense.

diretora é racista, aí é você que toma a frente por que... enfim” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

O relato dela demonstra o quanto o racismo religioso tem impacto no cotidiano escolar e na vida de alunos e professores.

Isso, é a criança que é autista, que o pai é pastor e a criança só gosta de você e o pai não pode descobrir que você é umbandista porque senão vai ser um inferno na sua vida, um inferno na vida da criança que não ia com ninguém, mas vai com você, simpatiza com você, mas você não pode ser macumbeira, não pode, é só um negócio assim, do cotidiano, são infernais (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

O apagamento da história e das contribuições da população negra na formação do Brasil, a negação do racismo e a construção do mito da democracia racial, são fatores que dificultam a discussão e problematização da temática das relações étnico-raciais nas escolas e também em outros ambientes.

A negação do racismo evidencia uma contradição que vem se repetindo continuamente e embargando a construção da cidadania plena no Brasil. O professor Milton Santos afirmava que

“O fato de ser visto como negro já é suficiente para infernizar o portador desse corpo. Por conseguinte, a diferenciação entre "cidadanias", dentro de uma mesma sociedade, é relacionada com a corporeidade (SANTOS, 1996, p. 10).

A corporeidade é uma realidade que se impõe e não pode ser contornada, a cor evidencia e no caso da Capoeira e outras manifestações culturais que são agregadas pelos capoeiristas em suas atividades, as formas de expressão, o canto, o gestual, o linguajar e as narrativas têm raízes negras e “(...) por isso, ministrar tais conteúdos pode nem sempre ser uma experiência tranquila. Aliás, costuma ser frequentemente tensa, com uma resposta hostil por parte dos interlocutores” (TRINDADE apud SILVA, 2021. P49).

A relação entre a formação em Capoeira e a formação acadêmica

Nossas duas entrevistadas percebem que a formação da Capoeira e a formação da Pedagogia, a formação dentro da Cultura Popular e a formação acadêmica se complementam. Morena percebeu uma significativa mudança no perfil do seu trabalho junto com o Mestre Careca a partir do momento em que passaram a agregar conhecimentos da pedagogia ao seu fazer cotidiano. “As coisas melhoraram. Ele aprimorou a prática, eu aprimorei a minha prática” (MORENA, ENTREVISTA,

2023). E nessa “volta ao mundo” no jogo do ensino, ela reflete que o saber popular também influencia sua prática na escola

“na sala de aula por causa da Capoeira, eu levo a questão racial pra dentro da minha aula. Então eu acho que não tem como você hoje, (...) eu não tenho como trabalhar diferente. A Regiane pedagoga, hoje vou dar aula, tal, é só Regiane pedagoga, não, a Regiane capoeirista está ali também (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Já Pocahontas pensa que “se complementam muito, mas eu acho que eu também tenho uma atitude perante a Capoeira, perante a minha formação, que faz com que elas se relacionem” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). O *ofício educador do Mestre de Capoeira* é o título da sua dissertação de Mestrado, na qual ela pesquisou o ensino da Capoeira e o ato de educar na perspectiva da História Oral, o que corrobora com a sua postura de manter estreita relação entre a Capoeira e suas pesquisas. Ela afirmou que manteve sua prática e o ensino mesmo quando ingressou no mestrado porque não fazia sentido pesquisar e estar, mesmo que temporariamente, afastada do cotidiano do jogo, e faz uma observação no mínimo intrigante: “tem colegas [capoeiristas] aí que estão no doutorado em Educação e nunca escreveram um artigo sobre Educação e Capoeira” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). Esse fato chama atenção porque é de conhecimento amplo que há pesquisadores e pesquisadoras que não jogam ou não jogavam Capoeira quando fizeram suas pesquisas, outros que tiveram o interesse despertado pela prática, mesmo sem serem profissionais da área, entretanto, causa mesmo estranheza que capoeiristas educadores/as que estão em faculdades de Educação e outras licenciaturas não tenham a Capoeira como seu tema de pesquisa. Pocahontas adota esse princípio pela forte ligação que desenvolveu com a Capoeira, mas também pelo seu compromisso social.

Eu sempre tentei devolver para a sociedade o investimento que ela fez em mim. Eu praticamente estudei a minha vida universitária e até a quinta série da Educação Básica, toda em escola pública, né? E a gente sabe o custo que tem isso. Não é barato. A gente devolve do jeito que a gente pode (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Relação entre as vivências e a prática docente de Morena e Pocahontas

Morena e Pocahontas são capoeiristas educadoras comprometidas com seu trabalho com as infâncias e adolescências e revelaram em diversos momentos das suas entrevistas a preocupação com o futuro de seus alunos e alunas, com a sua

formação humana, além dos obstáculos e as oportunidades que podem surgir em suas trajetórias. As duas têm muita ansiedade quanto à sua capacidade de transmitir valores que acreditam ser importantes para vida fora do universo da Capoeira e com isso influenciar positivamente nas decisões que os(as) alunos(as) venham a tomar. O receio e cuidado que ambas demonstram ter são característicos de uma vivência significativa, pois, como afirmam Jerebtsov e Prestes (JEREBTSOV, PRESTES, 2019).

A ansiedade que elas sentem foi expressa em frases como

Eu acho que eu sou bem dedicada, eu acho que eu preciso treinar mais. Eu preciso treinar mais, aí vem mais uma questão dessa responsabilidade da gente, né? Enquanto mãe, mulher. E trabalha fora. Eu preciso ter mais tempo pra Capoeira porque chega uma fase que (...) aquilo que você ensinou já está ali no limite. Você precisa aprender coisas novas... (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Ou

(...) sou idealista, sou exigente, sou muito esforçada. Assim, eu sempre dou aula muito cansada. Eu sempre fico "Ai, meu Deus", respiro fundo e vou. E não é má vontade, não tem nada a ver com isso. Tem a ver com sobrecarga mesmo de trabalho (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Elas são convictas de que é preciso apresentar a Capoeira para os alunos, mas sem endeusamento dos grandes Mestres, que são de fato as principais referências do jogo e sem os quais não estaríamos hoje fazendo essas discussões, porém não devemos escamotear fatos controversos ou inadequados que fazem parte da história, mas que não devem ser repetidos.

Então eu penso em formar cidadãos. Porque depois esse cidadão, ele vai entender que aquele espaço da Capoeira, que a Capoeira trouxe pra ele, foi o que mudou a vida, então a partir daí, ele vai entender que ele pode levar a Capoeira pra outras pessoas, a transformar a vida de outras pessoas. Porque senão a gente vai formar só mais um capoeirista, mais um Mestre. Mas aí nós vamos formar um Mestre preconceituoso, arrogante, machista, homofóbico... (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Ou

Falei pra minha turma que Mestre Bimba tinha mais de uma esposa, que na nossa cultura não é comum isso. (...) Mas será que todo mundo vivia bem? Ele era pobre. O que vocês acham que hoje vocês poderiam fazer? (...) Pra não entrar no aspecto moral, ridículo, né? Que eu também não quero, mas também o cara entender que ele tem responsabilidade social naquilo ali, que ninguém faz filho da noite pro dia porque estava curtindo.

Sou muito chata com isso (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Essas questões sobre as quais elas refletem com crianças e adolescentes também são levantadas por homens capoeiristas, entretanto, um tema como a poligamia não tem o mesmo impacto ao ser problematizado por um homem quanto na fala de uma mulher. E ela faz questão de frisar que não se trata de moralismo da sua parte, mas de alerta para uma questão social relevante e que pode não estar muito distante da realidade que tanto eles como nós vivemos, na qual alguns comportamentos masculinos tendem a ser naturalizados em vez de combatidos.

Estamos todos em um meio social complexo que exige vivências reflexivas – a Capoeira é um meio social que dialoga com os espaços onde está inserida - e o diálogo é condição fundamental para o desenvolvimento de nossa visão de mundo, pois não existe razão centrada em si, ele está na interiorização das relações sociais e onde o indivíduo externaliza sua vida psicológica, sua vivência. O outro é o colaborador da experiência psíquica quando a maioria dos temas atualizados na discussão tornam-se significativos para cada participante (JEREBTSOV, PRESTES, 2019).

O trabalho que elas realizam como capoeiristas educadoras das infâncias e adolescências já impacta a formação de alunos e alunas sob suas orientações, mas pode ter um impacto ainda maior se elas forem encorajadas e fortalecidas na sua atuação, pois é perceptível que há uma auto cobrança evidentemente maior do que percebemos em homens que exercem o mesmo papel. Tal fato no nosso entendimento pode ser um fator de retenção do potencial transformador que elas têm e desejam realizar.

A atuação dessas capoeiristas educadoras não visa a adaptação ao mundo e às condições objetivamente dadas, mas à inserção como “tomada de decisão no sentido da intervenção no mundo” cientes de que “nenhuma realidade é assim mesmo, toda realidade está aí submetida à possibilidade de nossa intervenção nela” (FREIRE, 1997).

Elas citam como principal objetivo no ensino de Capoeira com crianças e adolescentes a formação para a cidadania. Nas entrevistas, nos artigos que já publicaram, em lives que participaram, o tema principal sempre foi esse. Desde a iniciação para os bebês, o que sempre vem primeiro é o pensamento sobre como desenvolver empatia e solidariedade concomitantemente ao aprendizado das técnicas

de jogo, dos toques dos instrumentos e do canto. A Capoeira mesmo sendo uma opção de vida para elas, não será necessariamente para todos(as) alunos(as), mas pode e é usada de forma a desenvolver habilidades sociais que consideram necessárias frente à realidade em que estão inseridos.

(...) hoje eu vejo a Capoeira como uma transformação social. Hoje eu não me preocupo se aquela criança vai ser um grande mestre de Capoeira. Essa pessoa, essa criança precisa ser uma grande pessoa primeiro. Porque não têm outro objetivo. Eles continuarem com a Capoeira vai ser uma consequência. Uma consequência que a gente se preocupa muito (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

A compreensão das desigualdades também é uma preocupação que elas demonstram ter e buscam a conscientização dentro do seu trabalho.

No projeto da Cidade de Deus eu citava muito isso, que o pessoal lá precisava muito mais de ideia, de conversa, de papo, (...) do que necessariamente da aula de Capoeira. (...) ficava muito nítido isso, pelo nível de impaciência, intolerância que um já tinha com o outro desde muito novo. (...) Por tudo que é normalizado dentro da nossa sociedade, às vezes dentro de uma favela, mais ainda (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

E logo em seguida enfatiza que

E cada lugar a formação humana, na minha opinião, ela vai ter um foco maior. No Coluni não é uma maioria que passa pela boca de fumo todo dia, mas é uma maioria, na verdade todos, que estão numa escola financiada pela UFF, que socialmente, eles são vistos [de forma] diferentes por causa daquele uniforme. Então, eles é que tem que brigar pelas pessoas, né? Eles têm que fazer parte de jogar a boia pra quem está se afogando. É isso (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

No texto “O papel das vivências da personalidade na instrução” compreende-se que a vivência é de natureza sociocultural e interpessoal e a personalidade se desenvolve na interação dos sentidos (JEREBTSOV, PRESTES, 2012). Morena e Pocahontas demonstram habilidade em utilizar suas vivências para criar condições de desenvolvimento para seus educandos. Elas se valem do diálogo para além de instruir, construir pontes que permitem uma formação mais complexa que leva em consideração o meio em que estão imersos e os motivos próprios de cada sujeito, afinal “Mentes humanas são historicamente enraizadas, socialmente construídas e culturalmente moldadas” (VERESOV, 2019, p.6).

Afeto e intelecto atuam juntos e são indissociáveis. O conhecimento é categorizado a partir dos afetos e quando é expresso, torna-se fenômeno vivenciado e quando damos sentido a esse fenômeno tomamos posse de nossas vidas. As

vivências são fenômenos interpessoais que o sujeito sintetiza no seu interior, eleva ao conceito e segundo essa capacidade de generalização, faz escolhas enquanto sujeito da própria vida (JEREBTSOV, PRESTES, 2012).

Morena teve uma iniciação bem diferente da forma como hoje busca iniciar novos capoeiristas. Ela tem a sensação de que trabalhou de forma errada durante muito tempo, sem se lembrar que naquela ocasião o acesso à informação era escasso e não havia contato com centros mais desenvolvidos. Dessa forma, desejar que os seus métodos de ensino fossem semelhantes aos que ela utiliza hoje, seria exigir algo que estava além das possibilidades concretas no momento para ela e para o professor com quem ela iniciou o seu aprendizado.

Essa avaliação parece ser muito rigorosa, porque quando fala sobre o início do seu aprendizado, ela o faz de forma muito afetuosa e relembra dos fatos vividos em Araguaína/TO com muito carinho e gratidão ao seu antigo professor e toda a turma com quem praticava.

Esse núcleo que eu trabalhava era o mais animado: “Ah, não tem ônibus pra gente ir no futebol, vamos de bicicleta, aí todo mundo [ia] de bicicleta, vai ter uma apresentação de Capoeira. Vamos! Todo mundo a pé. Então as crianças eram muito motivadas... (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

A vinda para o RJ foi sem dúvidas muito importante, visto que o cenário local possibilitou ou induziu de alguma maneira que ela utilizasse seus conhecimentos da Pedagogia na Capoeira e com isso houve o aprimoramento das suas práticas. A forma como aprendeu foi ressignificada e não esquecida. Ela teve novas aprendizagens e pôde acrescentar novos conhecimentos ao que já sabia fazer e assim obter avanços mais significativos no ensino da Capoeira, incluindo uma maior compreensão sobre o desenvolvimento infantil: “entender que a criança que tem o seu tempo”, a questão da mulher: “elas tinham sua identidade na Capoeira e eu me identifiquei”, também do público LGBTQIAPN+: “porque o público LGBT é tão afastado da Capoeira, né?” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Pocahontas teve um processo de aprendizagem – desde o seu retorno à prática na adolescência – muito significativo. Ela reconhece que o encantamento com o Batizado de Capoeira na Vila Olímpica do Salgueiro poderia ter se desfeito quando voltou a treinar, se o cotidiano fosse diferente. Mas felizmente o que ela encontrou naquele momento foi um ambiente muito propício para o seu desenvolvimento: “- Quando eu cheguei lá, eu vi um outro arranjo (...). Eu vi diversidade! Aí muda, pra mim

muda! Porque você se sente... dá vontade de chorar” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Nesse instante da entrevista foi necessário que fizéssemos uma pequena pausa pra que ela pudesse recomeçar, já que ficou realmente emocionada ao relembrar o momento do retorno e provavelmente pensar em toda a trajetória posterior.

Nas duas escolas por onde passou posteriormente, ela também seguiu aprendendo e se desenvolvendo em vários aspectos que a Capoeira possibilita. Não faz críticas aos métodos de ensino, mas é muito enfática na condenação de comportamentos de Mestres e graduados que encontrou pelo caminho, como a falta de acompanhamento do seu processo de aprendizagem e do trabalho que desenvolvia na creche, além de cobranças sem coerência e que demonstravam desconhecimento do que ela realmente sabia e do que estava produzindo.

Acabou que eu já fui ameaçada de ser penalizada com Corda (troca de graduação) mais de uma vez. – “Se você não fizer isso, isso, você não muda de graduação, ou então, todo mundo vai para tal graduação”. A pessoa que está no mesmo momento que você, mas você não vai para a graduação por isso, isso, isso. Eu falei: - “Não, mas eu sei fazer isso, isso, isso”. Aí a pessoa fica meio assim que, a pessoa no fundo, a pessoa não te avaliou. Então é uma coisa que eu não tolero, por exemplo (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Outro fato que ela enfatizou com muita indignação foi a falta de comprometimento com as aulas oferecidas para crianças pobres que frequentavam um projeto social do qual ela fazia parte e compunha a equipe de professores. O Mestre, que era proprietário do imóvel, foi gradativamente se afastando das atividades e por fim abandonou o projeto social pouco antes da pandemia. Ele alugou o espaço onde as atividades aconteciam para uma outra pessoa sem informar aos alunos e nem mesmo a ela e o seu professor que trabalhavam nesse projeto, o que causou um enorme transtorno até que eles conseguissem retomar as atividades nessa comunidade.

Eu falei, olha, não respeitou criança, criança pobre, pra mim, olha, eu não sou uma pessoa daquele cunho assistencialista (...) E não acho que seja isso, mas é a questão do respeito se você se comprometeu (...). Tem criança que eu via nitidamente que não tinha o que fazer. Porque ela já era responsável por ela mesma. Então aquilo ali, pelo menos era do lado da casa dela. Ela podia fazer sem depender de um adulto para leva-la (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Foi com a ajuda da mãe de um dos alunos que conseguiram um novo local e puderam transferir as atividades para uma sala cedida pela Igreja Anglicana. Todo o trabalho teve de ser feito, como um novo cadastramento para que tivessem contato com os responsáveis, porque é comum naquela comunidade crianças um pouco maiores serem cuidadoras de irmãos mais novos e correm risco no trajeto de ida e volta, bem como em casos de operações policiais na comunidade “é rua de mão dupla, é a criança de 12 anos que é responsável pelo de 5, é o de 8 que é responsável pelo de 4”, “a rua é que tem a tutela dessas crianças, mesmo elas tendo família e não dá pra gente aceitar isso de qualquer jeito”, “isso tem a ver com cuidado” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Por esse motivo, buscaram recadastrar todas as turmas como forma de retomar o contato com os responsáveis e ter o mínimo de organização do trabalho. Nenhuma criança poderia frequentar as aulas sem refazer sua inscrição. Esse rigor no cadastramento fez com que muitas crianças não retornassem, apesar dos esforços e da busca ativa que fizeram. Essa situação reflete em certa medida a dificuldade que pais e mães trabalhadores têm para acompanhar seus filhos em suas atividades cotidianas, embora também tenha havido negligência por parte de alguns pais e responsáveis.

Acompanhamento, trabalho conjunto e relação com os grupos

Nesse tópico vou abordar de forma mais ampla as relações estabelecidas pelas sujeitas da pesquisa no interior dos grupos e nas instituições escolares a partir de uma abordagem interseccional buscando compreender de que forma os atravessamentos de raça, classe, gênero e faixa etária interferem nas relações estabelecidas e de que forma afetam a sua relação com a Capoeira.

Já foi explicitado pelas capoeiristas que elas não receberam formação específica para trabalhar com o público infantil e que, via de regra, essa formação depende de uma busca individual. Entretanto, na prática, é possível e desejável que haja acompanhamento e suporte àqueles(as) capoeiristas que se dedicam a ensinar Capoeira para crianças.

Morena e o Mestre Careca são parceiros de vida e isso se estende ao seu trabalho. Por isso o acompanhamento é permanente e a sua valorização também. Ela, que foi recentemente graduada Professora de Capoeira, sentiu-se surpresa ao receber a nova Corda e ficou preocupada com o seu desempenho, mas reconhece

que a graduação veio como reconhecimento do papel que desempenha não só dentro do grupo, mas como agente de transformação na sua cidade.

“Quando eu recebo essa graduação de professora e vivenciando o que eu estou vivenciando hoje, eu vejo o tamanho da minha responsabilidade, de estar levando a Capoeira para a vida desses adolescentes e dessas crianças” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

Na sua entrevista, Pocahontas foi taxativa em dizer que o Professor Brinquedo é o primeiro que acompanha efetivamente o seu trabalho e seu desenvolvimento como capoeirista. Ela critica uma prática comum no meio da Capoeira de dizer que o trabalho de um aluno graduado está sendo supervisionado por um professor ou Mestre sem que isso esteja realmente acontecendo. “Porque no fundo supervisão não existe! É mentira. Só está no banner. Porque o Mestre também é outro trabalhador” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). De fato, torna-se inviável para o Mestre supervisionar efetivamente o trabalho de todo(as) alunos(as) quando ele também precisa dar aulas para sobreviver.

Mas enquanto eu me entendo, me reconheço como profissional de Capoeira eu não me lembro de ninguém me acompanhando. O primeiro é o Professor Brinquedo. De dar aula junto comigo, de “senta aqui, que eu vou ver como é que tá tocando [instrumento] isso aqui. Porque eu não vi você treinando, então eu vou ver aqui como é que está.” É o único. Então o meu desenvolvimento foi monstro em um ano.” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

A esse acompanhamento ela credita o fato de se sentir hoje muito mais segura pra fazer todas as coisas, inclusive algumas que não fazia antes. “Uma coisa vai puxando a outra, né? Eu estou sendo acompanhada” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

O acompanhamento dos seus formadores (no caso de Morena, o seu Mestre e no caso de Pocahontas, o seu Professor) foi destacado pelas duas entrevistadas como fundamental para dar segurança na sua atuação. Quando perguntadas se sentiam-se em condições de seguir conduzindo a formação de seus alunos e alunas para além das infâncias e do período em que capoeiristas são considerados iniciantes, as duas demonstraram uma certa insegurança, apesar de ser visível que elas têm capacidade de fazê-lo se apoiadas e devidamente acompanhadas. Morena disse: “eu falo que eu tenho que me dedicar mais, porque a responsabilidade é bem grande” (MORENA, ENTREVISTA, 2023).

A sua preocupação também perpassa pela questão de gênero. Apesar do apoio e da orientação que recebe, ela acredita que o fato de ser mulher torna a sua responsabilidade ainda maior

E eu acho que eu, enquanto mulher, eu acho que a responsabilidade é maior, porque aí eu vou estar falando com esses meninos e essas meninas dessa... eu vou falar do meu lugar de fala do que eu vivenciei, do que eu não pude fazer enquanto mulher, enquanto criança, que era de começar a fazer capoeira e hoje eu estar [nesse lugar] MORENA, ENTREVISTA, 2023).

O trecho acima demonstra como a socialização de gênero e a internalização de normas sociais são opressivas com as mulheres (COLLINS, 2019). Não há uma razão específica para que ela seja mais rígida consigo pelo fato de ser mulher, mesmo porque a Capoeira não impõe explicitamente barreiras ou desafios adicionais às suas praticantes. O que de fato acontece é a reprodução na capoeira das assimetrias de gênero já existentes na sociedade.

O seu trabalho com crianças e adolescentes na escola e nos projetos tem relação muito próxima com as atividades do grupo Balaio de Bambas do qual ela faz parte e que também é composto por adultos. Nesse caso a liderança e responsabilidade pelo trabalho do grupo é do Mestre e ela vem galgando espaço no meio acompanhando permanentemente essa pessoa que exerce a liderança do grupo.

Pocahontas se sente muito confortável no trabalho com crianças pequenas, principalmente as da creche, pela liberdade que esse tipo de trabalho propicia

O trabalho com a liberdade de respeitar o tempo de uma criança é muito mais possível porque os conteúdos são muito atitudinais, são muito voltados também para o desenvolvimento de autonomia, de aspectos psicomotores, não são conteúdos necessariamente de disciplinas específicas. Então, aquilo ali para mim era maravilhoso, estava adorando aquilo ali... (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Mas ela já começou a trabalhar com adolescentes junto com o Professor Brinquedo dentro da escola e está buscando ganhar experiência para futuramente encarar também esse desafio.

(...) eu já comecei também com os adolescentes, adolescentes iniciantes, né? Muito pensando em, em algum momento, aí quando eu tiver com uma bagagem maior, né? No sentido de didática de trabalho, começar a trabalhar com os adultos também. Mas isso vai ser muito no natural, mas um natural,

claro, pensado e planejado, né? (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Existe uma diferença fundamental entre ambas no que se refere ao vínculo com os seus grupos. Enquanto Morena tem uma ligação sólida com a instituição, faz parte da sua estrutura organizacional e coordena as atividades da entidade, Pocahontas afirma com convicção

“eu não faço em nome do grupo, faço em nome da Capoeira, (...) de repente eu já estou mudando de grupo de novo. (...) Isso não tem nada a ver com ingratidão, com desvalorização (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Suas histórias têm trajetórias distintas apesar da similaridade dos seus propósitos e percebe-se com clareza que a experiência de trabalhar com as infâncias e adolescências é o que dá sentido às suas práticas. Preciso dar ênfase a esse ponto no texto como tentativa de comunicar a forma enfática e carregada de emoção como as duas capoeiristas me concederam as entrevistas.

Caso Morena não tivesse todo o apoio que lhe é dado, ainda assim estaria realizando da forma como fosse possível o seu trabalho. Caso Pocahontas tivesse desde o início recebido apoio e acompanhamento, certamente teria feito ainda mais do que vem fazendo. O que eu quero ressaltar é que como capoeiristas educadoras, a motivação não está vinculada somente aos grupos dos quais são integrantes, existe por parte delas o profundo desejo de atuar diretamente na educação e formação das infâncias e adolescências com vistas ao pleno exercício da cidadania.

Quando Morena se surpreende com as falas preconceituosas de colegas professores temerosos pelo que ela iria ensinar nas aulas de Capoeira, vemos como ainda está presente em nosso cotidiano o racismo e o preconceito contra expressões da cultura negra. Teria ela ouvido as mesmas preocupações caso fosse ensinar Judô ou outra luta de origem estrangeira? Se ela estivesse ensinando Capoeira em uma escola privada de Classe Média, haveria o mesmo receio em relação aos alunos que fossem frequentar suas aulas?

Habitados a ver cultura apenas onde o conceito e a letra exercem sua onipotência (SODRÉ, 2002), temos um quadro onde até mesmo educadores tem dificuldade em reconhecer e atribuir valores positivos às culturas populares.

É uma dificuldade desonesta, como sabemos. É que, com ela, o preconceito passa facilmente da ausência da letra para a presença da cor. Ou seja, mesmo quando letrado, o negro

permanece objeto de juízos de valor desfavoráveis, originalmente associados a coisas como escrita, cultura, capacidade civilizada para as ciências, as artes, a política e ao amor (SODRÉ, 2002).

Morena é pedagoga, pós-graduada, servidora efetiva assim como os demais professores, logo, capaz de desenvolver atividades de qualquer tema ou conteúdo dentro do seu trabalho. Mas aparentemente, paira uma dúvida sobre o que pode resultar dessa experiência envolvendo uma mulher negra ensinando Capoeira para crianças majoritariamente negras de um bairro pobre da periferia da cidade.

O racismo se manifesta cotidianamente mesmo quando não é exercido de forma explícita ou consciente.

Porque será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (GONZALES, 1984, p. 238)

A atuação de uma mulher negra na Educação ensinando Capoeira contraria frontalmente a imagem de controle da *mammy*⁵¹ (COLLINS, 2019). O papel que ela desempenha é de contestação da realidade social e econômica daqueles de quem cuida, de valorização das raízes negras e afirmação de valores civilizatórios afro-brasileiros.

Quando Pocahontas relata os embates com colegas capoeiristas adultos que relutavam em assumir suas responsabilidades e assim transferiam o ônus para os adolescentes que participavam do projeto social, vemos também uma expressão do racismo.

- “Peraí”, não! Você tem 30 anos! Por que o garoto de 14, 15 tem que ter mais responsabilidade que você? Se nem a graduação ele tem a mesma que a sua, não faz sentido, porque ele mora aqui do lado, é capoeira de graça? Capoeira é de graça para você também (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

O que ela via era “(...) a responsabilização do menino preto, o menino preto sempre tem que ter atitude de homem” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023). Aqui, ao meu ver, o fenômeno tem implicações mais sérias porque se manifesta no interior da Capoeira, onde costumamos dizer que não há racismo e as diferenças de classe se diluem. A situação exposta é um exemplo de como essas afirmações são feitas

⁵¹ A *mammy* é o estereótipo da babá negra escravizada, obediente e abnegada, muitas vezes também ama de leite dos bebês de uma família branca e responsável por outras tarefas domésticas. Pode ser aproximada da ideia da mãe preta no contexto brasileiro. Também é o nome de uma personagem do livro *E o vento levou...*, de Margaret Mitchell. (N. T.)

muito mais como idealização e verbalização irrefletida, já que um olhar mais acurado e crítico poderá encontrar rapidamente inúmeras situações que as contradizem.

Com isso, não quero dizer que se trata de uma falácia intencionalmente construída, mas que a Capoeira está inserida no seio de uma sociedade dividida em segmentos e por ter seu alcance estendido – não de forma equânime – a todos esses segmentos, irá de alguma forma reproduzir os comportamentos típicos das relações sociais existentes na sociedade.

O grupo em questão tem inserção nas classes médias da cidade do Rio de Janeiro, ela treinava e fazia parte da equipe que mantinha um projeto social na Cidade de Deus. Sair em defesa dos jovens foi um complicador das suas relações dentro do grupo e reforçou a sua imagem de mulher “insuportável” para uma parte do grupo, já que o Mestre não cobrava de toda a equipe o compromisso com esse trabalho.

E a gente lá o dia inteiro dando aula, limpando, fazendo matrícula, pegando doação, arrumando cesta básica, ligando pra aluno que sumiu, tudo que você imaginar. (...) E aí já estava nesse movimento porque na favela não teve pandemia. Quarentena, foi um – Infelizmente - foi privilégio de quem tem a carteira assinada ou de quem é funcionário público, como eu sou. O Professor Brinquedo estava em casa porque perdeu todos os empregos dele, vive exclusivamente de Capoeira, então, não estava fácil pra ninguém e a gente estava trabalhando em compaixão e solidariedade às crianças porque eu consigo enxergar aquilo ali de outro jeito (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Encontramos praticantes de Capoeira espalhados pelo mundo inteiro e estes estão quase em sua totalidade, vinculados aos grupos – que podem ser instituições formalmente registradas como associações ou OSC's, com certo grau de estruturação e divisão de tarefas organizacionais e administrativas, independentes da hierarquia dentro da tradição. Existem os grupos registrados, porém, com estrutura organizativa relacionada à hierarquia do jogo (os membros da diretoria e conselhos são os Mestres e membros de graduações mais elevadas e há os grupos que não tem qualquer registro formal, e estão baseados apenas na forma de organização hierárquica da Capoeira, tendo o(a) Mestre(a) como referencial, detentor(a) do conhecimento e aquele(a) que toma as decisões, consultando os demais quando entende como necessário.

Por diversos motivos, as mulheres ainda são minoria nas graduações mais elevadas e temos um número ainda muito pequeno de Mestras de Capoeira na liderança dos grupos. Entretanto, elas têm uma presença crescente no ensino da

Capoeira e são responsáveis pela iniciação de parte significativa dos novos praticantes, que são majoritariamente crianças e adolescentes.

Percebe-se com facilidade que as mulheres na Capoeira, independente da graduação, desempenham um papel importante na organização interna e na realização de eventos, “Ele, meu mestre, eu, aluna dele, eu, coordenadora dele na ONG...” (MORENA, ENTREVISTA, 2023), “(...) o Mestre foi igual ao noivo, ele chegou, sentou e curtiu. Quem fez tudo fui eu e outros colegas” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Essa linha de pensamento coaduna-se com a fala de Dória (2011), ao afirmar que as mulheres estiveram presentes na capoeira, nos trabalhos diários, nos afazeres da manutenção e limpeza, confeccionando figurinos, participando dos shows e rodas como cantoras, respondendo coro e batendo palmas, ou seja, exercendo atividades secundárias, em sua maioria administrativas (FRANÇA, 2022, p. 50).

Na realização da pesquisa, as entrevistadas não relataram ter sofrido discriminação de gênero na forma como os ensinamentos dentro dos treinamentos eram passados a elas, nem na participação nas atividades de seus grupos, como Rodas e Batizados. Houve uma menção a comportamentos masculinos que hoje poderiam ser considerados como assédio, mas que naquela época não foram percebidos como tal e na ocasião foram ignorados, ainda que, aparentemente, não tenha havido insistência na abordagem.

Olhando de forma geral, a participação nos seus grupos como alunas mostra trajetórias com eventuais problemas de relacionamento, tensões e desgastes naturais das relações interpessoais. No caso de Ana Carolina, além da questão do projeto social da Cidade de Deus relatado acima, os conflitos aconteceram desde o início do trabalho com as crianças na creche.

Existia, assim, uma força para eu não dar continuidade. Até porque eu comecei a trabalhar com Capoeira na Corda Laranja e Azul, mas não no sentido “*Ah, eu peitei o Mestre*”, porque é isso, a gente entra num grupo, a gente concordou com aquelas regras ali. (...) Não pulei etapa, não fiz nada, nunca pulei graduação para poder fazer nada, mas naquele momento eu já tinha [curso de] Pedagogia, eu já sabia dar aula pra criança (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Como já foi sinalizado anteriormente, o público infantil tornou-se nos últimos anos o campo mais promissor para o ensino da Capoeira, tanto em escolas, onde as aulas são oferecidas como atividade extracurricular, como em projetos sociais e espaços de educação não-formal. O crescimento dessa demanda abriu espaço para

capoeiristas que ainda não galgaram graduações mais elevadas dentro de seus grupos começassem a ensinar, com o aval e a supervisão dos seus formadores.

Pensando especificamente nas infâncias, compreendemos que o ideal seria que esse(a) profissional tivesse além da formação em Capoeira, o conhecimento das características desse período da vida e assim pudesse contribuir para o desenvolvimento saudável de seus aprendizes. Como as demandas de mercado não são regidas pela formação dos professores, mas tendem a determinar – não sem resistência - a sua forma de atuação, vivemos uma situação complexa, na qual os grupos de Capoeira – mais precisamente, os seus líderes - têm de resolver internamente como vão responder à demanda por aulas e sua relação com a formação oferecida aos alunos(as) que vão ministrar essas aulas.

Em relação ao modo como os grupos entendem e se relacionam com os trabalhos realizados por seus integrantes, Pocahontas fez menção a uma característica peculiar da Abadá-Capoeira. Existe nessa instituição uma produção interna muito grande - inclusive relacionada à Capoeira e as infâncias – que se dissemina, “Eu via [preocupação com a formação] no grupo Abadá no sentido geral, então acaba que todo mundo embarca na parada porque tem uma produção própria do grupo e as pessoas se apropriam” (POCAHONTAS, ENTREVISTA, 2023).

Parece haver nessa instituição um estímulo à pesquisa, à produção e disseminação de conhecimento, de forma que haja alguma sistematização que possa beneficiar todo o grupo e não ficar na dependência apenas de iniciativas individuais.

Como as mulheres se veem no movimento da Capoeira

As sujeitas dessa pesquisa são capoeiristas educadoras que vêm buscando aperfeiçoar sua formação independente do estímulo vindo de seus grupos. Elas contribuem para o crescimento e o desenvolvimento da Capoeira com o trabalho que realizam, fazem pesquisas e publicam trabalhos acadêmicos⁵², permitindo que mais profissionais tenham acesso à informação e possibilitando a troca de saberes. Elas fazem parte de um movimento que apesar de ainda não ter um corpo formalmente constituído, tem ganhado visibilidade no ambiente da Capoeira, capoeiristas que, motivados pela prática, enveredam pela pesquisa e buscam elevar a um patamar

⁵² As publicações das duas capoeiristas educadoras sujeitas da pesquisa fazem parte da bibliografia desse trabalho.

superior o nível de conhecimento e reflexão sobre a nossa Arte, reconhecida como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira.

O ensino e a pesquisa são formas muito importantes de fortalecimento da cultura da Capoeira na medida em que fomentam a prática por um número maior de pessoas e aumentam o acesso aos conhecimentos necessários sobre a história, o desenvolvimento e as formas como a Capoeira se apresenta atualmente em seus diversos campos de atuação: na escola, nos projetos sociais, nas academias, nas competições, dentre outros.

Acadêmicas e profissionais negras não podem se dar ao luxo de ignorar as dificuldades de nossas irmãs que estão familiarizadas com a opressão de um modo que muitas de nós não estamos. O processo de empoderamento não pode ser definido de forma simplista de acordo com os interesses específicos de nossa própria classe. Precisamos aprender a erguer-nos [umas às outras] enquanto subimos.

(ANGELA DAVIS, Mulheres, cultura e política, p. 20)

A questão das formas de inserção das mulheres no meio é muito importante, pois em conversas informais com mulheres capoeiristas é comum que reclamem de atitudes preconceituosas nas Rodas de Capoeira, como a dificuldade para tocar os instrumentos na bateria, principalmente o berimbau, a necessidade de se impor em diversos momentos para poder jogar, dentre outras situações que causam incômodo às capoeiristas, mas que não foram abordadas nesse trabalho devido ao foco da pesquisa ser a sua atuação no ensino.

É importante ressaltar que a assimilação da opressão não é uma escolha consciente, mas muitas vezes um processo complexo influenciado por fatores sociais, culturais e individuais. A conscientização, a educação e o apoio podem ajudar as mulheres capoeiristas a questionar, resistir e buscar a igualdade de gênero. Portanto, um movimento de conscientização entre mulheres é fundamental para trabalhar em direção à igualdade.

A falsa democracia⁵³ nos espaços da capoeira tem levado as mulheres a adotarem estratégias e realizarem intervenções para combater a discriminação e a exclusão nesse universo. Uma das formas de compartilhar as experiências, organizar estratégias e realizar ações de distintos tipos é organizar coletivos e movimentos; neste caso específico, de mulheres (FRANÇA, 2022, p. 145).

⁵³ A capoeira, ao mesmo tempo em que é uma prática inclusiva e democrática, também pode reproduzir a exclusão, o machismo e o sistema patriarcal (SILVA, E., 2018).

A presença das mulheres na Capoeira não pode mais ser invisibilizada e a cada dia é menos provável que ela possa ser negligenciada. Apesar das diversas dificuldades que toda mulher vai encontrar para se manter ativa em qualquer atividade, temos cada vez mais mulheres engajadas na Capoeira, não só jogando, mas ensinando, pesquisando e dessa forma escrevendo com seus corpos e suas mentes as suas histórias. Numa cultura de tradição hierárquica como a Capoeira, em que o tempo é determinante no acesso aos espaços, no direito à palavra, na representatividade dessa manifestação cultural afro-brasileira, teremos em breve muitas mulheres que também serão importantes repositórios de saberes e fonte de conhecimento para toda a comunidade, sejam os iniciantes, os mais experientes e pesquisadores das mais diversas áreas.

Suas vivências no meio serão a base constituinte da sua pedagogia, dos seus modos de ensinar e das ideias que irão propagar. Essa é uma realidade inequívoca que poderá impactar a forma com a qual Capoeira vai se desenvolver a partir dos modos de atuação de Mestras, Contramestras, Professoras e todas as mulheres capoeiristas. A possibilidade de um protagonismo feminino na Capoeira significa a quebra de barreiras até aqui muito sólidas, que são o gênero e a graduação.

Mulheres que alcançam as graduações mais elevadas e/ou alcançam o reconhecimento como Mestras de Capoeira são pessoas que se dedicaram por décadas até chegar nesse patamar e vem constituindo um movimento que questiona as desigualdades no interior dos grupos e na Capoeira como um todo. Esse fenômeno exige atenção e necessita de análises que combinem as diversas formas como essas desigualdades se apresentam e os modos como se conectam (COLLINS, BILGE, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Roda de Capoeira, o término de um jogo não significa exatamente o seu fim, mas apenas uma interrupção. Em algum momento voltaremos a encontrar com aquela pessoa e o jogo será retomado, é uma história que foi momentaneamente pausada, ou talvez não, porque o que foi vivenciado naquele jogo enriquece outros jogos, abre outras possibilidades de criar o novo. O novo do jogo não é invenção solitária, é criação conjunta, negociada e tensionada, é reinvenção, o que é novo sem ser novidade, movimentos que em diálogo produzem novos sentidos para o jogo.

O contexto da pandemia de COVID-19 colocou o desafio de nos manter em jogo mesmo que à distância e o virtual foi a forma possível dos encontros, das trocas e aprendizagens teóricas e práticas durante os anos de 2020 e 2021. O distanciamento social foi vivido com muita apreensão e ansiedade pelo que estaria por vir e a necessidade de proteger nossas vidas. Nesse período, perdemos muitas pessoas próximas e no interior da Capoeira também tivemos perdas muito lamentadas, dada a importância daquelas pessoas pelo seu conhecimento e representação, que em muitos casos foram pouco explorados e registrados de forma que as gerações posteriores pudessem acessá-los.

As aulas *on line* tornaram-se habituais, assim como as *lives* e os seminários virtuais atenuavam a sensação de desconforto provocada pelo isolamento social. Durante esse período acompanhei ao máximo toda a movimentação da Capoeira nas redes e aproveitava muito do tempo disponível relendo os meus livros, lendo novos materiais publicados e buscando produções acadêmicas sobre Capoeira. Descobri muitos trabalhos importantes e conheci pessoas que vêm contribuindo para que o conhecimento sobre a Capoeira cresça e se torne cada vez mais qualificado.

A pandemia teve sentidos ambíguos para mim, porque, apesar dos graves problemas que ela trouxe para todos nós, me permitiu passar muito tempo refletindo sobre minha trajetória na Capoeira, sobre como ela impacta tudo o que eu faço e esses momentos de solidão fortaleceram ainda mais essa ligação.

Iniciei o curso em meio à pandemia e a pesquisa foi se delineando no percurso do mestrado e considerando aquela situação, um trabalho de campo seria de difícil e improvável realização por não termos, até aquele momento, uma perspectiva clara de quanto tempo duraria o distanciamento social. Foi exatamente nos contatos promovidos pelas redes sociais que encontrei as duas capoeiristas que são sujeitas da pesquisa. Eu poderia ter conhecido as suas publicações e lido seus trabalhos

independente da pandemia do covid-19, mas foi a participação numa *live* que me chamou a atenção para a capoeirista Pocahontas e quando tive a oportunidade de conhece-la pessoalmente, já o fiz na cidade da Morena, onde aconteceu o lançamento do livro com artigos das duas.

Esses textos foram o ponto de partida para a minha investigação, subsidiaram a formulação das questões das entrevistas que por sua vez, proporcionaram respostas muito elucidativas e provocadoras, apontando temas que merecem investigação mais profunda para além do escopo desse trabalho que aborda mais precisamente as suas relações com as infâncias e se estende para as adolescências.

A pesquisa mostra que elas iniciaram na Capoeira de modos distintos, mas o cotidiano dos treinamentos e das Rodas trouxe a mesma motivação que as mantém até o presente momento engajadas. Entende-se também que, além das possibilidades de trabalho que surgiram, os seus objetivos com o ensino da Capoeira têm íntima ligação com as suas vivências iniciais. Estando desde o começo atuando com as infâncias, sempre buscaram ir além das técnicas do jogo e trabalharam com foco no acolhimento, na promoção da convivência e na perspectiva da formação para a cidadania e a utilização dos recursos que a Capoeira oferece para proporcionar vivências significativas para os aprendizes.

Conscientes da importância da formação permanente em sua área de atuação, buscaram preencher as lacunas da formação específica da Capoeira, com qualificação técnica, acadêmica e de pesquisa, o que contribuiu significativamente para o seu crescimento pessoal e profissional, e ainda proporcionam essas oportunidades para outras pessoas dividindo seu conhecimento através de suas publicações e promovendo eventos de formação para profissionais de ensino de Capoeira.

A busca por formação permanente vem se consolidando entre capoeiristas e torna-se fundamental que haja referências no segmento das infâncias e adolescências para oferecer subsídios e dar suporte à prática dos profissionais do ensino de Capoeira em todo o país. Como ambas atuam em ambientes de Educação formais e não-formais, possuem um repertório teórico e prático, boa qualificação nos dois meios – acadêmico e capoeirístico -, podem dar uma importante contribuição na disseminação de seus conhecimentos para toda a comunidade da Capoeira.

As sujeitas da pesquisa compreendem e respeitam os valores próprios da Capoeira, sabem da importância da vivência e do papel fundamental do(a) Mestre(a)

de Capoeira, reconhecem o valor dos saberes ancestrais e a centralidade do seu conhecimento na transmissão desses saberes. Diante da carência de referências femininas para as meninas que iniciam na prática, percebem que a questão não é a ausência de mulheres em posições de liderança, mas o fato de serem em número muito menor e por não terem a mesma visibilidade que os homens quando ocupam essas mesmas posições.

As mulheres têm desempenhado importante papel no ensino com crianças e adolescentes, mas não percebemos que haja uma determinação em prepará-las para assumir o papel de formadoras de novos capoeiristas. Investir na preparação das mulheres capoeiristas para o ensino não somente nas infâncias e adolescências ou apenas para as fases iniciais, poderia trazer vários benefícios para a Capoeira.

Proporcionaria um maior engajamento em trabalhos coletivos, o que podemos observar pelo comprometimento das capoeiristas de um modo geral com os grupos dos quais são integrantes; contribuiria muito para o aprimoramento das relações de gênero nas práticas do cotidiano e na formação. Enfim, o crescimento do número de lideranças femininas estimularia o olhar sobre a Capoeira em outras perspectivas.

Várias barreiras foram rompidas pela Capoeira ao longo de sua história e a ascensão das mulheres no meio pode significar uma importante mudança qualitativa. Existe um potencial transformador nesse “movimento feminino” que pode agregar muito à Capoeira e os relatos sinalizam que esse avanço acontece como conquista, não como concessão.

O crescimento das mulheres na Capoeira passa pela reivindicação de formação em condições de igualdade, independente de gênero. Da mesma forma, é preciso que haja abertura e incentivo por parte das lideranças masculinas para que esse potencial venha contribuir para toda a coletividade e não seja apenas uma estratégia para que mulheres capoeiristas possam ter espaços de fala e representação somente quando promovem eventos femininos.

Para alcançar uma formação que atenda às necessidades das mulheres, é preciso ouvi-las e compreende-las em suas especificidades. Não significa privilegiá-las em detrimento dos homens, mas de atender a um princípio básico da Educação que é manter o olhar atento às necessidades individuais dentro da coletividade.

Um dos objetivos propostos – analisar as práticas de ensino e aprendizagem – foi apenas parcialmente alcançado, porque não foi possível fazer o acompanhamento das aulas. Como isso já estava previsto, uma das estratégias utilizadas para

compreender a didática e as metodologias das sujeitas da pesquisa foi a análise dos artigos “A capoeira como forma de leitura do mundo: gingando com os bebês” (LIMA, 2021), “Tia Andreza entrou na Roda: uma experiência com a capoeira na adaptação dos bebês” (LIMA, 2020) e “Ginga gente miúda – a Capoeira e a cultura afro-brasileira contribuindo no processo de alfabetização e na construção da identidade” (LEAL, 2020).

Esses artigos revelaram detalhes muito importantes do trabalho das sujeitas da pesquisa, porque nesses textos estão expressas as intenções didáticas e as justificativas das escolhas metodológicas. Neles, pudemos igualmente acompanhar o raciocínio que conduz a construção das atividades segundo um planejamento prévio.

Foram analisados também os relatos colhidos nas entrevistas que no terceiro bloco trazia perguntas sobre a prática docente, as metodologias, as relações entre as propostas pedagógicas das escolas onde atuam e a Capoeira, abrindo espaço para que relatassem as suas impressões acerca dessa relação e das diferenças no trabalho na Educação formal e não-formal. Esse momento dos relatos foi muito rico em informações que vão além dos objetivos propostos para esse trabalho e indica que uma pesquisa *in loco* poderá, no futuro, trazer outras contribuições para pesquisadores(as) e capoeiristas educadores(as) das infâncias.

Como foi relatado por elas nas entrevistas, o propósito de ambas não é exclusivamente técnico ou de performance, ainda que a Capoeira seja uma prática corporal com essas características. Dessa forma, os resultados almejados são mais observáveis na conduta e nas atitudes cotidianas. As entrevistas mostram que apesar de tratar-se de um processo de aprendizagem de longo prazo, elas consideram que através das aulas de Capoeira vem alcançando gradativamente os objetivos de formação e transformação pessoal que almejam para os seus aprendizes.

A oportunidade de realizar essa pesquisa teve um impacto pessoal significativo pela ampliação das minhas perspectivas em relação ao ensino da Capoeira. Numa trajetória de quase quatro décadas, vivenciei mudanças significativas no mundo da Capoeira, mas todas essas mudanças que acompanhei, foram quase exclusivamente protagonizadas por mestres ou outras lideranças masculinas.

Como pesquisador, foi possível ouvir o relato das vivências dessas mulheres sobre o jogo com a qual a minha vida se entrelaça. Meu objetivo foi compreender como elas percebem a presença e a participação da mulher na Capoeira e sua

inserção no ensino, ouvir suas críticas e ponderações em um ambiente onde não houvesse o constrangimento da hierarquia.

É comum que na Capoeira os Mestres ou os mais antigos tenham prioridade no uso da palavra. Por isso, foi importante o cuidado na condução das entrevistas para estabelecer uma relação de horizontalidade. As entrevistas com as duas capoeiristas educadoras geraram respostas e análises do cotidiano da Capoeira numa perspectiva se não oposta, no mínimo diversa do que encontramos nas falas masculinas e mostraram que há uma fragilidade em algumas certezas de certa forma consolidadas em nosso meio e tidas como paradigmas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda. Armadilhas e alternativas nos processos educacionais e na formação de professores: uma análise na perspectiva da psicologia sócio-histórica. In: VILELA, A.M.J.; SATO, L. (Org.) **Diálogos em Psicologia Social**. (Online) Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.

ALMEIDA, Gláucio. A. A construção coletiva de uma proposta pedagógica para a capoeira. In: Antônio Liberac Cardoso Simões Pires, Paulo Andrade Magalhães Filho, Franciane Simplício Figueiredo, Sara Abreu da Mata Machado. (Org.). **Capoeira em múltiplos olhares**. Cruz das Almas/Belo Horizonte: EDUFRB/Fino Traço, 2016, v. 13, p. 29-38.

ALVES, Flávio Soares. A aprendizagem da capoeira no jogo da imprevisibilidade. **Conexões**. Campinas, v. 11, n. 1, p. 101-123, jan./mar. 2013.

BARBIERI, Cesar. Abre o zóio Siri de Mangue!. In: GONÇALVES A. M. T. (Org.) **Capoeira em perspectivas**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2012.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. SANTOS, Joel Rufino. **Atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Brasília. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares, 1994).

BRASIL. DECRETO-LEI n. 3.199, de 14 de abr. de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Rio de Janeiro, v. 1, abr. 1941. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: DF. Diário Oficial da União. 10 jan. 2003.

BRETAS, Marcos Luiz. A queda do Império da Navalha e da Rasteira. **Revista do Centro de Estudos Afro-Asiáticos- 20**. Rio de Janeiro, 1991.

BRITO, Andreyson Calixto. **A influência da capoeira no desenvolvimento psicomotor de crianças**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____ **Galo já Cantou**. Rio de Janeiro: Arte Hoje Editora, 1985.

_____ **O Pequeno Manual do Jogador**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].

COUTINHO, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola**: Os manuscritos do Mestre Noronha. Brasília, DEFER Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993.

DIAS, Adriana Albert. **Mandinga, manha & malícia**: uma história sobre os capoeira na capital da Bahia (1910-1925). Salvador: EDUFBA, 2006.

_____. Prefácio. In: FIALHO, Paulo Juliana Foltran. **Mulheres incorrigíveis: histórias de valentia, desordem e capoeiragem na Bahia**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

DÓRIA, S. F. **Ele não joga capoeira, ele faz cafuné**: histórias da academia do Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2011.

FIALHO, Paula Juliana Foltran. **Mulheres incorrigíveis: histórias de valentia, desordem e capoeiragem na Bahia**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

FONTES, Flávio Fernandes, FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha, ANDRADE, Leticia Raboud Mascarenhas, SOUSA, Priscila Cristine Andrade de & MARQUES JR, José Arnaud. (2019). **PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL, PEREZHIVANIE E ALÉM: UMA ENTREVISTA COM NIKOLAI VERESOV**. Educação & Sociedade, 40, e0184797. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019184797>

FRANÇA, Ábia Lima. **Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira**. 2021. 299 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – PPGEDUC. UNEB, Salvador, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. Paulo Freire. **Última entrevista 1ª parte**. São Paulo, 17 abr. 1997. Entrevista a Luciana Burlamaqui. Disponível em [<http://www.youtube.com/watch?v=UI90heSRYfE>] Acesso em 07 set. 2023.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. **Revista Teias**, [S.l.], v. 10, n. 19, p. 12 p., jul. 2009. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24057>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. Texto e revisão de, Natália Guerra Brayner - 3. ed.-- Brasília, DF: Iphan, 2012.

JEREBTISOV, Serguei. Gomel – a cidade de L. S. Vigotski: pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski. **VERESK**, Cadernos Acadêmicos Internacionais. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Brasília: UniCEUB, 2014.

JEREBTISOV, Serguei; PRESTES, Zoia. O papel das vivências da personalidade na instrução: no caso de estudos da psicologia. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 24, n.2, 2019.

KRAVTSOV. Guenadi. As bases filosóficas da psicologia histórico-cultural. **VERESK**, Cadernos Acadêmicos Internacionais. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Brasília: UniCEUB, 2014.

LEAL, Regiane Carvalho. Ginga gente miúda: A capoeira e a cultura afro-brasileira contribuindo no processo de alfabetização e na construção da identidade. LACORTE, Ana Carolina, SARAIVA, Michel Ferreira, (Org.) **Capoeira: pesquisas, relatos e vivências**. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo Edições, 2020.

[LIMA, Ana Carolina Lacorte; FERREIRA, Lilian Santos. A capoeira como forma de leitura de mundo: gingando com os bebês. ALENCAR, Carolina. PESSANHA, Fabiana; TAVARES, Maria Tereza. Goudard. \(Org.\) Ao mestre com carinho: professoras e professores da infância em diálogo com Paulo Freire. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2021.](#)

LINHAUS DE OLIVEIRA, K. **Frágil... Quem? O Corpo E A Mulheridade Na Capoeira**. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 182–204, 2023. DOI: 10.20873.fqo1. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/15644>. Acesso em: 12 ago. 2023.

[LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados. Porto Alegre: Mediação, 2018.](#)

[_____. Terreno baldio – um livro sobre balbuciar, e criar os espaços para desacostumar geografias. Por uma teoria da espacialização da vida. São Carlos: Pedro & João, 2021.](#)

[MOURA, Jair. Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem. Salvador, 1993.](#)

[MOURA, Maria Lúcia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina. Projetos de pesquisa. Elaboração, redação, apresentação. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.](#)

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria de Paiva. Mulheres no ringue: a pioneira Maria Aparecida de Oliveira. In KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NEGRINE, Airton. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: MOLINA NETO, Vicente. TRIVIÑOS, Augusto NivaldoSilva. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: UFBA, 2009.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres**. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

PEÇANHA, Cinésio Feliciano. **Gingando na linha da kalunga**. A capoeira Angola, Engolo e a construção da ancestralidade. Tese de doutorado multiinstitucional e multidisciplinar em difusão do conhecimento. UFBA, 2019.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Culturas Circulares. A formação histórica da capoeira contemporânea no Rio de Janeiro**. Curitiba: Progressiva, 2010.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Socioetnográfico**. Salvador: Itapoã, 1986.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Socioetnográfico**. Coleção Capoeira Viva, 5. 2 ed. Rio de Janeiro, MC&G, 2015.

REIS, Letícia Vidor. de Souza.; MONTERO, Paula. **Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição**. São Paulo: EDUSP, 1993.

SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. A ciência das raças e a raça negra. In: SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. **A Invenção do Ser Negro: Um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Uma História de “Diferenças e desigualdades”: As doutrinas raciais do século XIX. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Eliane Glória dos Reis. **As mestras de capoeira: empoderamento e visibilidade**. 2018. 117 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3xvvcwz>. Acesso em: 08 set. 2023.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

SILVA, Lucas Contador Dourado.; FERREIRA, Alexandre Donizete. Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Florianópolis, v.34, n. 3. Jul/set 2012.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Africanidades. **Revista do Professor**, Porto Alegre, p.29-30, out./dez. 1995.

SOARES, Carlos. Eugênio Líbano. **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

_____. **A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial (1850-1890)**. Rio de Janeiro: Access, 1999.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1988.

_____. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

_____. Prefácio. In: TAVARES, Júlio César. de. **Dança de guerra – arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. **Educação como ato responsável: A formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 53(1), 13-32. UNICAMP, 2014.

TAVARES, Júlio Cesar. **Dança de guerra – arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 2009.

VEIGA, Cynthia Greive. “Estética da falta”, processos Civilizadores/colonizadores e opressão socio racial: questões globais para uma história latino americana. IN: VEIGA, Cynthia Greive. **Subalternidade e opressão socio racial: questões para a historiografia da educação latino-americana**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2022. v. 01. 376p.

VERESOV, Nikolai. Emotions, perezhivanie et développement culturel: le projet inachevé de Lev Vygotski. In: MORO, Christiane.; MIRZA, Nathalie Mirza (Ed.) **Sémiotique, culture et développement psychologique**. Lausanne: Septentrion, 2014, p.209-237.

VIEIRA Luiz Renato. A capoeira e as políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial: legitimação e reconhecimento de uma manifestação cultural de origem popular. **Ciclo de Palestras Conheça Mais, Cultura Afro-brasileira: Nosso Patrimônio**, Brasília: Fundação Palmares, Ministério da Cultura, 2012.

VIGOTSKI, Lev. Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p.681-701, 2010. (Tradução Márcia Pileggi)

_____. A educação estética. In: VIGOTSKI, L.S. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. Org.: Guillermo Blanck. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018b.

_____. Sobre a análise pedológica do processo pedagógico. VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**. PRESTES, Z.; TUNES, E. (Org.) São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista [online]**. 2017, v. 00, n. 65 [Acessado 17 Dezembro 2022], pp. 149-166. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.47454>>. ISSN 0104-4060. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47454>.

ANEXO A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

INSTRUMENTO DE COLETA

PROJETO DE PESQUISA: “Ai, ai, aidê, quero saber como vai você”: Sentidos e percepções de capoeiristas educadoras sobre suas práticas na educação das infâncias.

Roteiro para a entrevista com professoras de Capoeira

1. Sobre a entrevistada e a sua trajetória

- Você poderia se apresentar? (Nome, idade, cidade que nasceu e onde reside atualmente, formação (curso e local), se continuou os estudos após a graduação, onde trabalha atualmente)

(Qual curso fez, a escolha foi motivada ou não, como foi a formação, houve troca de saberes?)

- Quando iniciou na Capoeira (o que a levou a jogar?) e há quanto tempo pratica capoeira? Há quanto tempo ensina? Houve interrupções? Se sim, qual o motivo?

- Onde e com quem aprendeu? Como eram as aulas? Havia diferença no tratamento e na formação entre homens e mulheres? (investigar sobre mulheres na trajetória)

2. Sobre a formação docente

- Quando se sentiu motivada a ensinar Capoeira?

- O aprendizado na sua escola de capoeira levava em consideração de você tornar-se professora de Capoeira?

- Sua motivação para ensinar já estava direcionada às infâncias desde o início?

- Durante a sua formação em Capoeira havia orientação específica sobre ensino de Capoeira com crianças?

- Como foi a sua inserção na Educação Infantil?

- O ensino com crianças é seu foco principal na Capoeira hoje? Porquê?

- Você trabalha em espaços de Educação Formal e Não Formal? Quais são?

- Existem diferenças no trabalho em espaços de Educação Formal e Não Formal? Quais? (remuneração, voluntariado, PPP...)
- Você conhece as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008?
- Você teve formação para trabalhar com elas? (Se não teve, como você se preparou?)
- Nos espaços de Educação Formal o seu trabalho está diretamente relacionado com a aplicação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008?
- Nos locais onde você trabalha quais espaços você ocupa? Eles são adequados à prática da Capoeira? (condições de trabalho, diferenças entre locais e estratégias)
- Como você vê a formação na Capoeira em relação à formação acadêmica? Elas se complementam ou são antagônicas?
- Como você se descreveria enquanto professora de Capoeira? (Não temos um perfil caracterizado da professora de Capoeira...)

Sobre a prática docente

- Qual é o seu principal objetivo no ensino de Capoeira com crianças?
- Seus métodos de ensino são os mesmos que eram utilizados quando você aprendeu? (retomar o início da conversa pra perguntar sobre os métodos)
- Você se vê dando toda a formação na Capoeira para os seus alunos?
- Você faz parte de um grupo de Capoeira. Como o seu trabalho é visto internamente e como ele se insere nesse grupo?
- Como você relaciona a Capoeira com a sua proposta pedagógica nos anos iniciais/Educação Infantil? (como se relaciona com os outros componentes do currículo?)